



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**KARLA RENATA DE AGUIAR MUNIZ**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DIGITAIS NO FACEBOOK E FORMAÇÃO DE  
IDENTIDADE: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES DISCENTES DE UMA  
ESCOLA PÚBLICA DO CEARÁ**

**FORTALEZA**

**2021**

KARLA RENATA DE AGUIAR MUNIZ

PRÁTICAS EDUCATIVAS DIGITAIS NO *FACEBOOK* E FORMAÇÃO DE  
IDENTIDADE: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES DISCENTES DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Santana.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M1p      MUNIZ, Karla Renata de Aguiar.  
Práticas educativas digitais no facebook e formação de identidade: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará / Karla Renata de Aguiar MUNIZ. – 2021.  
108 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de PósGraduação em Educação, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. José Rogério Santana.

1. práticas educativas digitais. 2. facebook. 3. formação de Identidade. 4. geração z. I. Título.

CDD 370

---

KARLA RENATA DE AGUIAR MUNIZ

PRÁTICAS EDUCATIVAS DIGITAIS NO *FACEBOOK* E FORMAÇÃO DE  
IDENTIDADE: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES DISCENTES DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.  
Área de concentração: Educação Brasileira

Aprovada em: 29/10/2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dr. José Rogério Santana (Presidente)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professor Dr. José Gerardo Vasconcelos (Examinador Interno)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professor Dr. Antônio Roberto Xavier (Examinador Externo)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab)

Quero ressaltar minha gratidão primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por ter sido meu guia e protetor nesta caminhada, proporcionando-me força e luz para seguir em frente, mesmo com os inúmeros obstáculos, dando-me capacidade para buscar aprender e apreender a experiência humana com empatia, criticidade e esperança de um mundo melhor.

Em memória, agradeço ao meu irmão Roberto Aguiar, pelo exemplo de amor, cuidado e, sobretudo, por ser sempre meu exemplo de vida; pessoa em quem eu sempre me inspirei para traçar a minha própria identidade e os princípios éticos e morais.

Em memória, agradeço à minha mãe Liduína Aguiar, por ser meu primeiro exemplo de amor e gratidão, exemplo também de determinação, coragem e sabedoria. Mulher forte e expressiva, ela sempre me encorajou a estudar; indo na contramão do convencional, alertava-me que o único casamento próspero seria o dos estudos com a independência, apoiando-me e dando suporte para terminar meus estudos.

## AGRADECIMENTOS

A dissertação de mestrado é o tipo de escrita que nos faz refletir para além do conteúdo acadêmico-científico direcionado à pesquisa, faz-nos pensar sobre a nossa trajetória de vida, sobre todas as sensações, sobre os sentimentos e sobre as pessoas que estão envolvidas nesse processo, fazendo-se imponente ressaltar a importância das pessoas que estiveram presentes nessa jornada.

Ao meu filho João Gabriel, por me trazer o desejo e o entusiasmo de querer desbravar caminhos promissores e sólidos dos quais pudéssemos nos ancorar.

Aos meus familiares e aos amigos e amigas, que fizeram parte da realização desse sonho, inspirando-me, aconselhando-me e sendo, por vezes, um suporte emocional nos momentos de isolamento e dificuldades, fazendo-me acreditar na esperança de dias melhores.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Rogério Santana, pela contribuição teórica e pelo suporte acadêmico, fazendo dessa nova trajetória um ambiente acolhedor e de muito conhecimento. Muito obrigada.

Ao Prof. Dr. Roberto Xavier, pelas reflexões, pela troca de conhecimento e pela generosidade com a qual instiga a descoberta da escrita científica. Obrigada por acreditar em mim e me incentivar a vislumbrar a carreira acadêmica como um ambiente de satisfação e realização pessoal.

Ao Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos, por sua participação na banca de qualificação, cujas sugestões me foram de grande importância.

Ao Prof. Auci, diretor do Colégio de Tempo Integral Professor César Cals, pela solicitude com a qual disponibilizou o espaço para que eu pudesse fazer minha pesquisa.

À Universidade Federal do Ceará - UFC, pela realização de cursar Pós-graduação *stricto sensu* em uma das melhores universidades do país.

Aos pais, aos responsáveis e aos participantes “Zs”, que foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante! Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente. A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática. Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano”.

(Paulo Freire)

## RESUMO

A utilização cada vez mais crescente da internet e das mídias/redes sociais digitais, sobretudo o *Facebook*, por meio de práticas educativas digitais, pode influenciar na vida e na formação da identidade de adolescentes discentes, expondo algumas nuances comportamentais do mundo virtual ao real. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva compreender as práticas educativas digitais na rede social *Facebook*, influenciadora da/na formação identitária de jovens adolescentes alunos(as) de uma escola pública estadual do Ceará. Metodologicamente, a presente pesquisa é classificada como sendo de natureza básica teórico-empírica, interligando pesquisa bibliográfica com pesquisa de campo. Trata-se de um estudo misto ou qualitativo-quantitativo quanto à abordagem do problema, exploratório quanto ao objetivo. Quanto ao método procedimental, trata-se de um estudo de caso com emprego de revisão de literatura, complementando-se com pesquisa de campo por meio do instrumento do questionário aberto, via aplicativo *Google Forms*, para pesquisa e coleta de informações aplicado a 13 (treze) “Zs”, ou seja, 13 jovens adolescentes discentes de ambos os sexos, entre 13 e 17 anos, que, do ponto de vista sociológico comportamental, pertencem à geração “Z”, nascidos (as) entre 1996 e 2010. Tais jovens estão regularmente matriculados (as) no Ensino Médio e são usuários(a) da rede social *Facebook*. Os/as “Zs” participaram voluntariamente desta pesquisa, após ser-lhes garantido o anonimato e os demais aspectos éticos da pesquisa, como: Termo de Autorização da Escola, assinado pelo Diretor; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, estes últimos, assinados pelos pais ou responsáveis e pelos (as) “Zs”, respectivamente. Quanto às técnicas de análise dos dados e resultados, utilizou-se a interpretação de conteúdo referente à revisão de literatura e à análise crítica do discurso sócio-histórico, concernente ao teor das respostas recolhidas e transcritas para o corpo textual deste estudo. Conclui-se que se, por um lado, o uso da internet e das mídias/redes sociais digitais por jovens adolescentes discentes tem sido uma crescente constante, apresentando aspectos positivos no tocante ao processo educacional via interação, comunicação, informação, novas descobertas e autorrepresentação no processo de formação de identidade; por outro lado, a habitação nas redes sociais em geral e no Facebook, em específico, apresenta alguns riscos interpessoais, sociais e familiares.

**Palavras-chave:** práticas educativas digitais; facebook; formação de Identidade; geração z.

## ABSTRACT

The increasing use of the internet and digital media/social networks, especially Facebook, through digital educational practices can influence the life and identity formation of teenage students, exposing some behavioral nuances from the virtual to the real world. In this sense, this research aims to understand the digital educational practices in the Facebook social network that influence the identity formation of young adolescent students in a state public school in Ceará. Methodologically, this research is classified as having a basic theoretical-empirical nature, linking bibliographical research with field research. This is a mixed or qualitative-quantitative study regarding the approach to the problem, exploratory regarding the objective. As for the procedural method, it is a case study with the use of literature review, complemented with field research through the open questionnaire instrument, via *Google Forms* application, for research and information collection applied to 13 (thirteen) “Zs”, that is, 13 young adolescent students of both sexes between 13 and 17 years old, who from a sociological behavioral point of view belong to the “Z” generation, born between 1996 and 2010. Such young people are regularly enrolled. ) in high school and users of the social network Facebook. The "Zs" voluntarily participated in this research, after being guaranteed anonymity and other ethical aspects of the research, such as: School Authorization Term, signed by the Director, Informed Consent Term and Informed Consent Term, the latter, signed by the parents or guardians and by the “Zs”, respectively. As for data and results analysis techniques, we used the interpretation of content referring to the literature review and critical analysis of the socio-historical discourse, concerning the content of the responses collected and transcribed for the textual body of this study. It is concluded that, on the one hand, the use of the internet and digital media/social networks by young adolescent students has been constantly increasing, presenting positive aspects regarding the educational process through interaction, communication, information, new discoveries and self-representation in the process. of identity formation. On the other hand, housing on social networks in general and on Facebook in particular presents some interpersonal, social and family risks.

**Keywords:** digital educational practices; facebook; identity Formation; generation z.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Ranking das 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2021 .....	33
Figura 1 - <i>Facebook</i> logo PNG.....	51
Figura 2 - E.E.M.T.I - Escola Ensino Médio em Tempo Integral Governador César Cals de Oliveira Filho .....	60
Tabela 2 - Instrumento de pesquisa quali-quantí .....	62
Tabela 3 - Distribuição percentual considerando a frequência e a percentagem quanto ao gênero dos/as 13 (treze) adolescentes pesquisados (as). (Ceará, 2021).....	62
Gráfico 1 - Representação quanto ao gênero dos (as) jovens pesquisados(as) .....	65
Tabela 4 - Distribuição percentual considerando a frequência da idade e a percentagem dos(as) jovens pesquisados (as). (Ceará, 2021).....	65
Gráfico 2 - Representação a partir da idade dos (as) jovens pesquisados (as) .....	66
Tabela 5 - Distribuição percentual considerando a frequência e a percentagem quanto ao ano de escolaridade do Ensino Médio dos(as) discentes pesquisados(as). (Ceará, 2021).....	67
Gráfico 3 - Representação do nível de escolaridade dos (as) jovens pesquisados (as) .....	67
Tabela 6 - Distribuição percentual sobre a utilização do <i>Facebook</i> pelos(a) adolescentes discentes pesquisados (as). (Ceará, 2021).....	68
Gráfico 4 - Representação sobre a frequência no uso do <i>Facebook</i> .....	68
Gráfico 5 - Representação sobre a frequência no uso do <i>Facebook</i> pelos (as) jovens adolescentes discentes pesquisados(as).....	69
Gráfico 6 - Representação sobre a interação no <i>Facebook</i> e aquisição de novos conhecimentos .....	71
Gráfico 8 - Representação quanto à privacidade das postagens do <i>facebook</i> dos (as) jovens pesquisados (as) .....	73
Gráfico 9 - Representação sobre se o <i>Facebook</i> pode proporcionar conhecimento de notícias e/ou temas relevante para o questionado e para sociedade .....	75
Gráfico 10 - Representação do contato a partir do <i>Facebook</i> através de abordagens como política, racismo, homofobia, entre outros .....	79
Figura 3 - Conteúdo identificado como discurso de ódio no <i>Facebook</i> .....	81
Gráfico 11 - Representação sobre se o <i>Facebook</i> contribuiu para o processo educacional dos (a) jovens pesquisados (as) .....	81
Gráfico 12 - Representação sobre a facilidade dada ao processo educacional a partir	

do uso do <i>Facebook</i> pelos (as) jovens pesquisados (as).....	82
Gráfico 13 - Representação sobre se a partir da navegação no <i>Facebook</i> os (as) jovens pesquisados (as) podem adquirir conhecimentos em diversas áreas e assuntos.....	83
Gráfico 14 - Representação sobre a aplicação do conhecimento adquirido, a partir do <i>Facebook</i> , no desenvolvimento de ideias e da formação pessoal dos jovens pesquisados (as).....	85
Gráfico 15 - Representação do acesso a temas polêmicos, a partir do <i>Facebook</i> , pelos (as) jovens pesquisados (as).....	86
Gráfico 16 - Representação sobre a aquisição de opinião ou valores sobre determinados assuntos a partir do <i>Facebook</i> .....	88

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.1</b>	<b>Percurso teórico-metodológico</b> .....	18
<b>2</b>	<b>PRÁTICAS EDUCATIVAS: TESSITURAS CONTEXTUAIS E CONCEITUAIS</b> .....	24
<b>2.1</b>	<b>Práticas educativas: breve contextualização</b> .....	24
<b>2.2</b>	<b>Práticas educativa digitais e internet</b> .....	26
<b>3</b>	<b>FORMAÇÃO DE IDENTIDADE, ADOLESCÊNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS DIGITAIS NA REDE SOCIAL FACEBOOK</b> .....	32
<b>3.1</b>	<b>Práticas educativas digitais, mídias/sociais e identidade</b> .....	32
<b>3.2</b>	<b>Adolescência, identidade e mídias/redes sociais digitais</b> .....	39
<b>3.3</b>	<b>O <i>Facebook</i> e a influência na formação de identidade</b> .....	50
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS, ANÁLISE E RESULTADOS DA/NA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	59
<b>4.1</b>	<b>Identificação do lócus da pesquisa</b> .....	59
<b>4.2</b>	<b>Critérios de seleção do público-alvo e da rede social</b> .....	60
<b>4.3</b>	<b>Aspectos éticos da pesquisa</b> .....	61
<b>4.4</b>	<b>Da técnica do questionário como instrumento de pesquisa</b> .....	62
<b>4.5</b>	<b>Análise de dados/informações e apresentação dos resultados</b> .....	63
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	93
	<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ABERTO</b> .....	101
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL À REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA</b> .....	103
	<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	104
	<b>APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...</b>	105

## 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade recorre a diversos recursos tecnológicos através da internet, via celulares, aplicativos, entretenimentos virtuais diversos, como as redes sociais, no caso aqui a rede social *Facebook*, em que há maior fluxo de informação e abrangência dos veículos de compartilhamento de conteúdo, sendo possível a interação com os mais diversificados ambientes. Nessa perspectiva, a presente pesquisa sob a temática: “Práticas educativas digitais no *Facebook* e formação de identidade: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará”, busca uma compreensão sobre como se dá ou quais as razões que favorecem os(as) jovens e os (as) adolescentes na elaboração de suas identidades por meio da vasta interação de ciberespaço da rede social *Facebook*.

Com a abrangência do uso da internet e o crescente número de horas dedicadas às redes sociais entre os jovens, é comum encontrar grupos de amigos em momento de socialização totalmente absortos em seus aparelhos celulares, mergulhados no seu mundo de interesses pessoais, deixando claro que o universo de informações e expansão da comunicação é muito presente na realidade, permitindo ao sujeito interagir em vários lugares ao mesmo tempo, ampliando as relações para além do contato físico-presencial.

Essa macrointeração comporta um turbilhão de informações em âmbito local e global, interconectadas e proporcionadas pela lógica estruturante dos ciberespaços. Nesse sentido, consolida-se em redes e em conexões de realidade distintas, o que permite encurtar distâncias, mediando a abrangência de contatos com culturas e ambientes de forma a favorecer o desenvolvimento de uma identidade híbrida, configurada no intercâmbio de realidades presenciais distintas que se cruzam virtualmente e que interferem no comportamento dos usuários que estão inseridos no processo de virtualidade, cujos valores são calcados em constante processo de mutabilidade (CASTELLS, 2011).

Nessa ótica, as novas tecnologias, as práticas culturais digitais e o acesso a novos conhecimentos têm reivindicado novas práticas educativas, novas e diversas abordagens, inclusive por meio das redes sociais. A utilização cada vez mais elevada da internet e das redes sociais, com destaque para o *Facebook*, por jovens adolescentes à procura de conteúdos compatíveis com suas concepções e suas pretensões de mundo, ajuda na formação da identidade, sendo uma realidade que se expande e se processa na sociedade interconectada em rede nos espaços ciberculturais. Com isso,

Quando fala sobre a cibercultura, apontando como ela organiza novos discursos, discursos estes que se tornam necessários de serem incorporados a

todas as práticas sociais, bem como as educacionais, a fim de que não existam abismos entre a realidade do indivíduo e seu processo social ou educativo. (HILU; OLIVEIRA; RODERO, 2011, p. 5).

Todavia se por um lado essa mesma *cibercultura* extensiva e difundida através de práticas educativas pelas redes sociais, como por exemplo, o *Facebook*, tem contribuído para a formação e para o reconhecimento identitário de pessoas adolescentes, por outro tem trazido também alguns pontos que carecem de debates, análises e concepções, como a periódica exposição da imagem, que é um comportamento comum na atualidade. A conveniência de propagar um pouco de si alimenta-se da expansão das relações conduzidas no *Facebook*. Esse instrumento de comunicação social eleva a interação em proporções macro, trazendo alguns pontos positivos e negativos decorrentes da constante exibição da vida privada através de postagens de conteúdos pessoais, comportamento comum entre os usuários.

Desse modo, parte-se do pressuposto ou da problematização geral de como as práticas educativas, através dessa rede, podem influenciar a vida de adolescentes, tal como as relações interpessoais, favorecendo a aquisição de novas amizades fora do contexto sociogeográfico, expondo algumas nuances dos comportamentos reproduzidos no ambiente virtual e como esses comportamentos podem influenciar na formação da identidade desses jovens.

O surgimento das redes sociais e o uso frequente das novas tecnologias digitais, bem como o aumento do tempo destinado ao uso dos aparelhos celulares, dos computadores, dos tablets, entre outras interações tecnológicas, suscitou o interesse sobre as consequências do uso indiscriminado, melhor dizendo, do excesso de tempo em frente às telas, quais sejam em redes sociais, videogame, entre outras, em detrimento da interação física presencial, causando vários questionamentos a respeito de como essa rotina poderia interferir na formação de identidade entre os adolescentes.

Dentro do contexto atual, em que permeiam várias questões do mundo moderno, quais sejam o advento das redes sociais, a facilidade com que os adolescentes têm acesso a essas plataformas e ao uso de aparelhos móveis etc., aliado ao contexto social propício para que alguns comportamentos ocorram, como o cotidiano de muitas famílias monoparentais, em que a dinâmica familiar e a vida profissional se valem, algumas vezes, da permissividade do uso de aparelhos tecnológicos, como solução alternativa para o conflito em que estão inseridas muitas mães que trabalham fora de casa, parece uma opção mais acalentadora deixar o filho na companhia do celular a arriscar esses adolescentes às aventuras pelas incertezas a que estão imersos alguns jovens.

Destarte, julga-se que o contexto em que a autora desta pesquisa se encontrava foi o principal estímulo para debruçar sua atenção na busca de entender o tema, dando *start* à caminhada em busca de procurar conhecimento do que seria hoje o grande dilema do mundo atual.

Tendo em vista os dilemas enfrentados no mundo moderno, a interação cada vez mais frequente na vida virtual que, ao mesmo tempo, confunde-se com a vida real ou *off-line*, é um dilema que permeia vários âmbitos do convívio em sociedade, requerendo uma percepção de como se dá essa interação dentro da conjuntura da formação da identidade. Com isso, tornou-se pertinente buscar como concernir as redes sociais e o uso de aparelhos eletrônicos pode interferir na formação da identidade, surgindo, então, o tema que deu origem a esta pesquisa, e que, ao mesmo tempo, visava atender à necessidade pessoal da autora deste trabalho, de adquirir propriedade científica para entender os impactos deste em sua dinâmica familiar.

Tal questionamento surgiu quando ela percebeu que, por muitas vezes, dentro de sua casa, onde mora com seu filho, ambos cearenses, deparava-se com sotaques e expressões de outras regiões distintas à sua, muitas gírias, em especial sulistas, que são utilizadas nas redes, e que agora faziam parte do seu contexto familiar, despertando para o tema que deu origem ao seu projeto de mestrado.

Para buscar responder através do viés científico como a realidade percebida em seu contexto familiar se assemelha à realidade de muitas famílias e muitos adolescentes da atualidade, recorreu a um estudo teórico-empírico por meio de pesquisa de campo aliado à revisão de literatura. Destarte, tomando como alicerce para o seu interesse sobre a pesquisa, contou com as reflexões sobre a modernidade líquida, sobre a sociedade em rede, entre outros que focam seus trabalhos sobre a sociedade e o uso das tecnologias digitais. Dessa forma, refletiu como isso vinha acontecendo em sua própria realidade familiar.

Justificadamente e levando em consideração o contexto de uma nova conjuntura social compartilhada virtualmente, priorizou-se, nesta pesquisa, a abordagem sobre o *Facebook*, por se tratar da maior rede social da atualidade que fornece subsídios para a pesquisa e ferramentas que possibilitam ao usuário traçar uma autoimagem por intermédio de postagens, páginas, perfis, filmes, animações diversas, *check-ins*<sup>1</sup> etc. O mundo proporcionado pela interação em rede pode atender aos mais variados objetivos; sobre o *Facebook*, pode-se dizer que é uma empresa que tem acesso aos dados da população, servindo de atalho para outros sites, inclusive sites de compras. Nessa rede social é possível a observação de muitas informações

---

<sup>1</sup> Ação ou ato de abrir uma conta, dar entrada, registrar-se e/ou marcar presença em um local através da rede social Facebook.

que possibilitam reconhecer características próprias do comportamento daquele usuário, sendo utilizadas para os mais diversos objetivos, a começar como uma espécie de portfólio da vida pessoal, das postagens aleatórias de memes aos anúncios de “procura-se”, a uma possível finalidade de transformar o usuário em produtos para os meios capitalistas da contemporaneidade. Na realidade, pressupõe-se que a conexão em rede se trata de uma diversidade de sugestões, desde páginas religiosas, de política, de solidariedade, de autoajuda etc. (CASTELLS, 2011).

Sabe-se que ao navegar na internet adentra-se em um mundo destinado a atender aos interesses gerais, exigindo constante cautela para se desviar da sedução inerente aos ambientes virtuais, que são condimentados por um mundo de aceitação proporcionado pelas bolhas que direcionam os conteúdos que têm maior índice de interação com o usuário. Apesar dos impasses e das críticas que podem ser tecidas às redes sociais, é imperativo pensar os ciberespaços de forma dialética, assim como pode se tornar uma barreira favorável à dispersão, devido à sobrecarga de conteúdo sem maior relevância, o contrário também pode acontecer.

Com efeito, o *Facebook*, como rede social de interação, pode contribuir como ferramenta de aprendizagem não formal significativa com o/a jovem que acesse, uma vez que leva o usuário a interagir com diferentes formas de pensar, permitindo dialogar com realidades diversas, aprimorando a capacidade reflexiva diante de temas emergentes e de relevância para o aprendizado nas mais diversas esferas da realidade, como conhecimento sobre política, meio ambiente, economia, entre outras coisas. Assim, fica indubitável a influência na formação/construção da identidade de jovens adolescentes por meio das práticas educativas digitais possibilitadas em determinados e/ou de acordo com a comodidade de cada jovem que acessa a rede (CASTELLS, 2011; MARTINS, 2015).

Outro pressuposto é a propagação de uma realidade que se desdobra no âmbito virtual, a exibição da imagem, que permite traçar um perfil representativo de si. Dentro dessa perspectiva, este estudo tem o intuito de mostrar algumas determinantes importantes sobre a interferência do *Facebook* na construção da identidade entre os(as) adolescentes.

Ainda justificando as razões da escolha da rede social, no caso a do *Facebook*, a escolha deve-se ao fato de ser uma rede social de interação que permite aos usuários a troca de experiências e informações diversas por meio de práticas educativas digitais que podem atender e tendenciar para ações/atividades consideradas benéficas, sociais e culturais. Porém, apesar das múltiplas funcionalidades e das possibilidades de interação didático-pedagógica em relação às práticas educativas não encontra-se um número significativo de pesquisas voltadas, destacando a rede social *Facebook* no âmbito educacional de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, os usuários passam a desenvolver comportamentos que se adequam a uma dinâmica de funcionamento própria do universo virtual, comportamentos de estar em evidência, compartilhando postagens sobre conquistas, viagens, lazer; esses são exemplos de valores que se internalizam, passando a contribuir para a reprodução de comportamentos e características que se retroalimentam, impulsionadas pela dinâmica das relações virtuais, desenvolvendo-se hábitos e conceitos que influenciam no desenvolvimento da identidade.

Deste modo, e conforme o acordo protocolar do Termo de Adesão ao Regulamento do *Facebook*, o Termo de Serviços<sup>2</sup>, “a informação curtida, compartilhada, produzida ou comentada alimenta o sistema de forma a oferecer ao usuário conteúdos nos quais ele terá um potencial maior de interação” (CALDAS; DANTAS; LEVI; ARAGÃO, 2012, p. 5).

Em uma sociedade conectada, na qual há contato com um mundo de comunicações, informações e conhecimentos instantâneos, as mídias e as redes sociais digitais, como meio de interação, tornaram-se comuns na atualidade, fazendo parte do dia a dia nos mais variados ambientes virtuais que formam e transformam mundos e identidades, posições ideológicas, proposições culturais em larga escala na perspectiva de uma sociedade em rede, líquida, moderna e pós-moderna (CASTELLS, 2011; BAUMAN, 2005, 2009; HALL, 2005; ERIKSON, 1998).

A rede social *Facebook*, parte principal do objeto de investigação desta pesquisa, foi criada no ano de 2004, pelo norte-americano Mark Zuckerberg, cuja finalidade era que funcionasse, dentre tantas outras coisas, como uma ferramenta de fomento para sociabilidade educacional. Porém, o *Facebook* apresenta algumas características peculiares e pertinentes que merecem consideração e análise enquanto ferramenta pedagógica. É o caso, por exemplo, de sua interconexão em rede aberta, o que permite juízo de valores por muitas pessoas mesmo que, em muitos dos casos, os *posts* de alguém sejam dirigidos a outra pessoa, de forma específica e/ou identificatória (HILU; OLIVEIRA; RODERO, 2011; ALENCAR; RIBEIRO, 2016; MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000; CASTELLS, 2011).

Atualmente, o *Facebook* é a maior e mais popular rede social do mundo e apesar de muitos pesquisadores profetizarem que seu fim está próximo, as opiniões dividem-se e outros confirmam que essa rede social continua estável, oferecendo múltiplos serviços em caráter de acesso livre à toda sociedade. Com mais de 2,85 bilhões de contas ativas até o ano de 2020, em todo o mundo, sendo acima de 130 milhões dessas contas de usuários brasileiros, o *Facebook* manteve-se em estado de crescimento constante. Esse feito ainda é absolutamente

---

<sup>2</sup> FACEBOOK. **Termo de Serviços**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/terms/>. Acesso em: 13 out. 2020.

maior se se considerar que *Facebook* é um conglomerado com aquisição de mais três redes sociais que estão no top 5 (Whats, Insta e Messenger)<sup>3</sup>. Porém, faz-se necessário perceber que alguns pontos podem ser problemas no uso do *Facebook* como ferramenta pedagógica, dependendo do que será trabalhado ou da proposta de uso, haja vista ser uma mídia/rede social aberta, versátil, abrangente e que concilia muitas funcionalidades no mesmo lugar, o que significa que todos podem ver posts e mensagens caso o usuário não limite a visualização nas ferramentas de privacidade da rede (HILU; OLIVEIRA; RODERO, 2011).

É racional conjecturar que o uso da rede social *Facebook* se constitui, além de uma relação virtual velada com outras pessoas por meio apenas de um simples contato, uma ferramenta técnico-inovadora e didático-pedagógica de compartilhamento de conteúdos e comunicação/informação individual e coletiva, proporcionando com facilidade interação entre os membros participantes e em rede, caso seja necessário ou preferível.

Com efeito, a rede social *Facebook*, inicialmente criada visando a interação dos(as) alunos(as) de Havard, tem proporcionado uma real revolução educacional para além das cercanias dos muros escolares, possibilitando demarcação de eventos, reuniões, debates e muitas outras atividades de pesquisas relacionadas à educação. Nesse sentido, o *Facebook*, embora, às vezes, utilizado para disseminação de atividades pejorativas e danosas socialmente, não pode e não deve ser entendido como uma ferramenta eletrônica cuja função se limita unicamente em “postar fotos, curtir ou compartilhar coisas irrelevantes, mas traz de forma ativa a realidade educacional e a sua busca constante por aprimoramentos e benefícios para facilitar o aprendizado e interação de alunos e professores” (ALENCAR; RIBEIRO, 2016, p. 164-165).

O Facebook também é considerado um lugar para pesquisar e compartilhar, sendo uma ferramenta popular potencialmente útil para professores e alunos, permitindo a integração de diversos recursos, fornecendo acesso a diferentes serviços e permitindo o controle de privacidade. Porém, apesar de tantas pesquisas e projetos educacionais baseados na melhoria da qualidade da educação de crianças e jovens, poucos ou quase nenhum projeto, estudos ou iniciativas são voltadas para o uso do Facebook como ferramenta pedagógica. (BREDOW, 2017, p. 51).

Na perspectiva de atender à problemática suscitada, elenca-se como objetivo geral compreender a importância das práticas educativas no *Facebook* influenciadoras da/na formação identitária de jovens adolescentes estudantes de uma escola pública estadual na cidade de Quixadá, situada na Macrorregião do Sertão Central do Ceará. Visando auxiliar o objetivo geral e sua efetivação, traçaram-se objetivos específicos, como investigar a frequência

---

<sup>3</sup> VOLPATO, B. **Ranking**: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021, com insights e materiais gratuitos. 2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 13 set. 2021.

de uso da rede social *Facebook* por alunos(as) jovens/adolescentes do ensino médio de uma escola pública municipal com o propósito de identificar quais e de que forma as práticas digitais de comunicação/informação no facebook influenciam na formação/construção da identidade de alunos(as) adolescentes discentes entre 13 e 17<sup>4</sup>anos da referida escola, conforme descrita na pesquisa de campo constada no capítulo quarto desta pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa que comunga formação de identidade por meio de práticas educativas, tal como ela se configura na modernidade, buscou-se corroborar neste estudo a compreensão dos fenômenos observados através da interpretação de visão de teóricos como Bauman (2005, 2009), Hall (2005), Erikson (1998), Kenski (2012), Moran, Masetto e Behrens (2000), Hilu, Oliveira e Rodero (2011), Castells (2011), Alencar e Ribeiro (2016), Lévy (1999), Piaget (1993, 1975), Moscovici (1978) e Martins (2015), visando conceituar como os processos identitários se destacam na modernidade e como a virtualidade pode contribuir nesse processo por meio de práticas e estratégias educativas. Tais referenciais serão complementados com legislação, documentos de governo e pesquisa de campo.

## 1. 1 Percurso teórico-metodológico

A propósito da informação inicial, registrou-se que a escrita desta dissertação se deu e está se dando durante o período pandêmico do novo coronavírus (COVID-19) que se agravou devido ao negacionismo da ciência e do vírus, da falta de uso das medidas preventivas de proteção como distanciamento social, uso de máscaras, assepsia adequada e negligência do governofederal brasileiro, que ao invés de comprar vacinas em tempo hábil criou programas de incentivo ao uso de medicamentos sem eficácia, como o Kit Covid etc. Considerando a situação calamitosa e as ações do governo em disseminar o vírus para atingir a imunidade de rebanho, o Brasil se tornou o epicentro da pandemia, contabilizando, até a data de 07 de setembro de 2021, um total geral de 584.171 óbitos e 20.913.528 pessoas infectadas, desde o início da pandemia<sup>5</sup>, destes, só no estado do Ceará, são 24.085 óbitos e 933.732 casos

<sup>4</sup> Cabe informar que a idade mínima para se criar um perfil e navegar na rede *Facebook* é de 13 (treze). Esta proibição não é do próprio “*Face*”, mas de uma determinação internacional, para os inúmeros serviços online, aCOPPA, sigla em inglês para Ato de Proteção Online à Criança. Assim, toda vez que alguém quer criar um perfilno *Facebook* é necessário aceitar a “Declaração de Direitos e Responsabilidade”. Para isso, basta acessar [facebook.com/help/contact/209046679279097](https://www.facebook.com/help/contact/209046679279097). PRASS, R. **Facebook**: por que somente usuários com mais de 13 anos podem criar um perfil na rede social? Rio de Janeiro: Globo.com, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/blog/ronaldo-prass/post/2019/01/13/facebook-porque-somente-usuarios-com-mais-de-13-anos-podem-criar-um-perfil-na-rede-social.ghtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

<sup>5</sup> MARINS, C.; ESPINA, R. **Covid**: Brasil tem média de mortes abaixo de 600 pela 1ª vez desde dezembro. São Paulo: UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/07/covid-19-coronavirus-casos-mortes-07de-setembro.htm?next=0001H2022U11N>. Acesso em: 7 set. 2021.

confirmados.<sup>6</sup>

Inicialmente, o vírus foi denominado de 2019-nCoV e em 11 de fevereiro de 2020 passou a ser chamado definitivamente de SARS-CoV-2 pelas autoridades sanitárias infectologistas; em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o novo coronavírus como pandemia em razão do alcance planetário do vírus às pessoas (OPAS, 2021).

Tal vírus, causador da Covid-19<sup>7</sup>, é o sétimo a atingir os humanos (HCoVs) após a sequência de seis coronavírus anteriores: “HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave) e o MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio)” (OPAS, 2021).

Por sua vez, a Covid-19 apresenta como sintomas mais comuns, febre, tosse seca, fadiga, produção de escarro, dispneia, dor de garganta, cefaleia, mialgia ou artralgia, calafrios, náuseas ou vômitos, congestão nasal, diarreia, hemoptise e congestão conjuntival, perda de olfato ou de paladar (LIMA, 2020; CEARÁ, 2021).

A transmissão e a propagação do coronavírus se dão pelo contato direto de pessoa para pessoa (aperto de mão e em seguida a mão infectada entra em contato com o nariz, boca e rosto) ou de forma indireta (por meio de objetos e superfícies contaminados por meio de gotículas projetadas do nariz ou da boca quando alguém infectado espirra ou tosse e as gotículas caem em objetos próximos como em assentos, mesas, telefones ou sobre outro item), podendo ser fatal (CEARÁ, 2021).

Desse modo, diante dos riscos de contaminação pelo coronavírus e consequente desenvolvimento da Covid-19, foi necessário que todas as pessoas cumprissem as medidas de prevenção à pandemia, tais como: o uso de máscaras, o isolamento e o distanciamento sociais, dentre outras. Tal fato tornou inviáveis algumas estratégias metodológicas por ocasião da pesquisa de campo, como a observação participante e a aplicação de entrevistas e/ou rodas de conversa diretamente com os sujeitos participantes da pesquisa.

Destarte, optou-se por mudar a abordagem da pesquisa de qualitativa para abordagem quali-quantitativa, a qual exigiu o questionário aberto como técnica de produção e recolha

---

<sup>6</sup> baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo, etc. (GOHN, 2006, p. 29-30).

<sup>7</sup> O nome Covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria doença do coronavírus. Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados. FIOCRUZ. **Por que doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de covid?** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 7 ago. 2021.

de dados e informação. Ao mesmo tempo, foi necessário mudar também o procedimento técnico que, ao invés de aplicar o método procedimental da pesquisa participante ou pesquisa-ação, adequou-se para o método técnico de estudo de caso no tocante à pesquisa de campo em complementação ao procedimento da interpretação bibliográfica, inicialmente procedida (MARCONI; LAKATOS, 1999; SEVERINO, 2007; XAVIER *et al.*, 2021).

Continuando na seara metodológica, esclareceu-se que esta pesquisa é de natureza básica, haja vista produzir ou aperfeiçoar conhecimentos úteis e novos para a ciência e para a sociedade, porém não ser paradigmático ou parâmetro a ser seguido, necessária e obrigatoriamente (GIL, 2008, 2010).

Quanto ao gênero, trata-se de uma pesquisa teórico-empírica. Teórica porque se dedica a debater e a aprimorar teorias, conceitos, ideias por meio de fontes escritas que tratam da temática, especificamente. É empírica, pois as técnicas de coleta, geração de dados e informações se processam a partir da pesquisa de campo, por meio de fontes diretas (pessoas) que convivem e vivenciam a realidade da temática, podendo possibilitar diferentes olhares e entendimentos, conduzindo a uma mudança necessária sobre o assunto, no caso alunos (as) adolescentes de uma escola pública (GIL, 2008, 2010; SEVERINO, 2007).

Quanto ao objetivo, esta pesquisa é do tipo exploratória, primeiramente porque se trata de temática não tanto conhecida e/ou pesquisada e, neste caso, este estudo busca proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito com o aprimoramento de teorias e de uma realidade empírica específica e peculiar de forma inicial, possibilitando e despertando para estudos futuros (CHIZZOTTI, 2011; XAVIER *et al.*, 2021; SEVERINO, 2007; GIL, 2010).

No tocante à abordagem, prevaleceu a mista (quali-quantitativa), sendo que a parte qualitativa veio primeiramente no sentido de se compreender o problema por meio de exploração bibliográfica e demais fontes confiáveis. Em seguida, procedeu-se a parte da abordagem quantitativa com aplicação do questionário via *Google Forms* para coleta/geração e análise dos dados. Para a parte qualitativa com o emprego da técnica do instrumento do questionário aberto, foi possível a transcrição integral de algumas falas dos sujeitos questionados, visando compreender as ações subjetivas humanas.

Destarte, para além da análise representativa com estatística descritiva, o que caracteriza a parte quantitativa da pesquisa, as informações/respostas fornecidas pelos sujeitos questionados foram interpretadas através da análise de conteúdo e do discurso, o que caracteriza a parte qualitativa da pesquisa. Esses recursos exigem esforços por parte do(a) pesquisador(a) em adotar uma postura fenomenológica, levando em consideração o contexto e

a visão do pesquisado, dialogando com os dados reais coletados, porém sem se distanciar do objeto da pesquisa e de seu intuito principal expressado no problema/hipótese(s) e nos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, ao se adotar a abordagem quali-quantitativa neste trabalho, faz-se de forma dialógica e complementar com base no efeito da causalidade que acarreta o “estabelecimento teórico de como um fator leva ou influencia (e não apenas “se correlaciona com”) um comportamento observado. Um “mecanismo causal” implica a descrição da sequência de eventos que liga a causa (fator explicativo) ao comportamento” (KIRSCHBAUM, 2013, p. 184; BARDIN, 2011; CHIZZOTTI, 2011; XAVIER *et al.*, 2021; MARCONI; LAKATOS, 1999).

Deixa-se posto que a parte qualitativa da pesquisa busca compreender o contexto de uma categoria de sujeitos sociais, levando em consideração as subjetividades que envolvem os sujeitos e o objeto pesquisado. Para tanto, a pesquisa volta-se para todo o processo e não somente para detalhes quantificáveis ou para a mensuração de resultados, muito embora estes sejam importantes, complementares e dialógicos neste tipo de pesquisa mista, ou seja, qualitativa- quantitativa (MARCONI; LAKATOS, 1999).

Para a geração e produção de matérias, dados e informações, utilizou-se o instrumento do questionário com perguntas abertas. A técnica de aplicação do questionário aberto se fez necessária e adequada em razão do tipo de abordagem da pesquisa, a mista (quali-quantitativa), da impossibilidade do contato direto para entrevistas com a presença dos participantes devido à pandemia da Covid-19. Deste modo, o questionário, como instrumento de investigação, permite a interpretação dos conteúdos coletados e contribui para a compreensão da realidade social apresentada, proporcionando maior reflexão a partir dos dados recolhidos e apresentados, levando a pensar sócio-histórico, crítica e dialeticamente sobre o que está sendo discutido no grupo e em seus contextos sociais (GIL, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1999; CHIZZOTTI, 2011).

Sem dúvida, o questionário aberto pode ser empregado como recurso metodológico de investigação com perguntas por escrito apresentadas aos sujeitos pré-selecionados para que estes, de forma ativa, participem da pesquisa expressando suas opiniões, seus conhecimentos, seus interesses, suas expectativas, suas crenças, seus fatos, suas atitudes, seus comportamentos, seus padrões de ação e suas experiências vivenciadas (MARCONI; LAKATOS, 1999).

Desse modo, na parte da pesquisa empírica e/ou de campo, no âmbito da abordagem quali-quantitativa, o questionário aberto é um instrumento muito útil e viável para recolher dados e/ou informações acerca de uma realidade, mantendo o anonimato dos participantes e

permitindo suas declinações ou seu juízo de valor sobre determinado assunto de forma livre, espontânea e plural. Além disso, esse instrumento de pesquisa, se usado de forma correta, é um poderoso instrumento na obtenção de informações, tendo um custo razoável, garantindo o anonimato e sendo de fácil manejo na padronização dos dados, garantindo uniformidade para o desenvolvimento da pesquisa e, assim, possibilitando que os estudos acadêmico-científicos pretendidos possam ser realizados de forma adequada (MARCONI; LAKATOS; 1999; GIL, 2008, 2010).

Destarte, pretendendo alcançar os objetivos desta pesquisa vislumbrou-se como pertinente e satisfatória a seguinte distribuição desta dissertação: elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Os elementos pré-textuais constam da capa ao sumário entre obrigatórios e facultativos. Quanto aos elementos textuais, estes são compostos pela introdução, pelas seções ou pelos capítulos até as considerações finais. Em seguida, encontram-se o elemento pós-textual das referências, nas quais estão citadas em ordem alfabética todas as fontes utilizadas e citadas no decorrer da pesquisa.

No tocante aos elementos textuais, esta pesquisa contém nesta primeira seção a introdução, onde constam o tema, o problema, a justificativa, os objetivos e a fundamentação teórico-metodológica. A segunda seção ou o segundo capítulo, cujo tema “Práticas educativas: tessituras conceituais e contextuais”, discorre sobre as várias definições conceituais das diversas práticas educativas em diferentes contextos. O terceiro capítulo ou seção, sob a temática: “Práticas educativas digitais no *Facebook* e formação de identidade: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará”, traz à tona as formas com e pelas quais jovens adolescentes do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública municipal do interior do estado do Ceará são influenciados na formação/construção de suas identidades, conforme suas falas voluntárias obtidas em forma de questionário. No quarto capítulo, definiram-se e demonstraram-se os procedimentos, o instrumento de pesquisa e análise, e apresentaram-se os resultados da pesquisa de campo.

No quinto e último elemento textual, as considerações finais, teceram-se alguns juízos de valores sobre o que alcançou-se na pesquisa, levando em consideração o problema de pesquisa e os objetivos. É também nas considerações finais que revisitaram-se os objetivos geral e específico, identificando, verificando e percebendo compreensivamente se e de que maneira as práticas educativas no *Facebook* são ou não influenciadoras da/na formação identitária de jovens adolescentes, tomando como amostra de estudo 13 (treze) estudantes na faixa etária entre 13 e 17 anos do ensino médio de uma escola pública localizada na sede municipal de Quixadá, estado do Ceará. Em seguida, concluiu-se o trabalho com os elementos

pós-textuais, com as referências, nas quais estão disponíveis todas as fontes utilizadas e citadas no corpo textual da pesquisa; e os apêndices, documentos produzidos pela pesquisadora deste trabalho.

## **2 PRÁTICAS EDUCATIVAS: TESSITURAS CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS**

No decorrer desta seção dissertativa discorrer-se-á conceitual e contextualmente sobre os aspectos das práticas educativas em geral e sobre as práticas educativas digitais, especificamente com o intuito de fundamentar teórico-epistemologicamente o objeto de pesquisa apontado no título desta dissertação. Deste modo, e antes de adentrar nos tópicos específicos desta seção, relembra-se que as práticas educativas ou as ações específicas de educar requerem saberes teóricos fundamentados, habilidades e competências didático-pedagógicas e metodologias específicas adequadas, conforme a realidade contextual. Nessa perspectiva, os tópicos seguintes têm como propósito analisar e explicitar as categorias: práticas educativas, práticas educativas digitais e as interconexões destas com as mídias/redes sociais.

### **2.1 Práticas educativas: breve contextualização**

As mudanças e as transformações da sociedade decorrentes da Revolução Tecnológica e Tecnológica Digital estão dentre os marcos históricos recentes que culminaram em muitas transformações sociais, econômicas, culturais e comportamentais de maneira significativa no atual estado de coisas. Ao mesmo tempo, essa Revolução Tecnológica impactou direta ou indiretamente nas fases do desenvolvimento humano, sob a óptica de um novo paradigma que compreende o surgimento de novas formas de apreensão do mundo, novas práticas educativas, novos processos de formação/qualificação, diferentes e efêmeras formas de relacionamentos. Em decorrência disso, essa nova Era tecnológica e tecnológica digital e das mídias sociais digitais impacta na condição humana, especialmente no mundo dos adolescentes, permitindo feitos nunca antes alcançados, mudanças e transformações céleres e voláteis, tendo grandes proporções interacionais em redes ou em teias globais (CASTELLS, 2011; BAUMAN, 2005).

Na velocidade com que as informações e os conhecimentos são propagados, a sociedade absorve e adentra em um cotidiano tecnologizado com inesgotável fluxo de interações, uma vasta gama de referências e dados que se configuram em um processo educativos não formal, uma vez que se dá fora dos ambientes escolares. Porém não menos importante, já que muitos jovens empregam a maior parte do seu tempo conectados em ambientes virtuais. Faz-se necessário perceber com atenção as mudanças vivenciadas no processo histórico cultural da sociedade em rede em que a necessidade dos recursos

tecnológicos traz à tona a importância de usar e entender os mecanismos e as práticas comportamentais, consequentemente identitárias que a sociedade está passando. Castells (2011) faz uma reflexão sobre como este período globalizado afeta os comportamentos na sociedade, mesmo com objetos de estudos diferentes. Deste modo, Castells (2011) corrobora com Bauman (2005), que corrobora com Levy (1999), no que tange às mudanças proporcionadas pelo capitalismo globalizado e os seus impactos imponentes na sociedade por meio da Revolução Tecnológica da internet e das novas tecnologias digitais que possibilitaram a interconexão global em rede entre as pessoas.

As mudanças que ocorrem na sociedade impõem novas formas de pensar e de se orientar coletivamente, exigindo diferentes maneiras de adaptação à realidade que se desvela. Ao pensar as práticas educativas como um processo semeador do conhecimento a partir da compreensão da sociedade num processo pragmático de reflexão dos fenômenos sociais que estão em constante mutação, é possível inferir que as práticas educativas passaram por mudanças significativas técnico-tecnológicas até alcançar as tecnologias digitais e suas interconexões com as redes sociais via internet.

À vista disso, é valioso ressaltar que as mudanças no campo pedagógico/educacional trouxeram muitos desafios, abrindo caminho para um amplo debate no que se refere às práticas educativas em geral e, mais enfaticamente, às práticas educativas digitais (PED) e como essas se impregnam ao longo do processo evolutivo da sociedade.

Com efeito, para a compreensão mais aprofundada sobre as práticas educativas e suas características dentro desses processos evolutivos e expansivos, faz-se necessária uma abordagem em diversos e variados contextos. Nesse sentido, é racional considerar que ao abordar acerca das práticas educativas é fundamental definir que tipo ou categoria de práticas educativas está se referindo: informais não formais e/ou formais. Outra identificação sobre as práticas educativas que merece ser postulada é a diferenciação entre práticas educativas e práticas pedagógicas/educacionais.

Ao reportar-se conceitualmente sobre as práticas educativas de forma global, compreende-se que estas consistem em um conjunto de ações estratégicas específicas, imbricadas, coesas, organizadas para serem efetivadas em espaços intersubjetivos, visando proporcionar o ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, não raro, essas práticas educativas necessitam ser inventadas, reinventadas e/ou inovadas por meio de estratégias específicas e peculiares, aspirando o ensino-aprendizagem de forma eficaz e prazerosa.

Vale ressaltar que as práticas educativas e suas estratégias de emprego no ensino-aprendizagem podem ocorrer no âmbito educacional formal, não formal e/ou informal,

sobretudo se se tratar do legado cultural, no caso do âmbito educacional informal, tais práticas educativas existem concomitantemente à existência da humanidade e são responsáveis pela apreensão e pela efetivação do legado cultural de geração para geração, dentro de um processo dialético de ensino-aprendizagem constante. “Essas práticas envolvem valores e a cultura própria de cada lugar” (CASCAIS; TERÁN, 2014, p. 03).

Por outro lado, as práticas pedagógicas são ações planejadas e organizadas tomando como base as tendências didático-pedagógicas e as fundamentações teórico-metodológicas vigentes em diferentes contextos, previstas e exercidas com o objetivo de alcançar metas educacionais. As “práticas pedagógicas se referem a práticas sociais que são executadas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos.” (FRANCO, 2016, p. 536).

No tocante às práticas educativas formais<sup>8</sup> e não formais<sup>9</sup> no mundo ocidental, estas estão diretamente vinculadas ao período clássico grego, período em que a educação é reconhecida e apontada como um dos principais vetores essenciais para o desenvolvimento humano. Tal importância da educação pode ser atestada desde a idade antiga, a partir dos séculos IV e V antes de Cristo, seja pelas práticas educativas não formais dos sofistas ou pelas práticas formais dos filósofos gregos por ocasião das aclamadas reuniões em praças públicas e seus ensinamentos com vista à formação integral de seus assíduos discípulos, principalmente sob a dialógica do professor Sócrates, para quem o saber é alimento para a alma (FRANCO, 2016).

## 2.2 Práticas educativas digitais e internet

As práticas educativas digitais estão diretamente interligadas com a internet, ou seja, sem a internet elas não têm a capacidade de funcionabilidade. Nesse sentido, o processo

---

<sup>8</sup> A educação formal está relacionada com o sistema escolar institucionalizado, com legislação própria, estruturado, gradual, hierarquizado, disciplinado e disciplinador, com programas, planejamento, conteúdos sistematizados, currículo e público-alvo previamente selecionados e delimitados. Esse modelo de educação é padronizado pelo poder público ou privado e, via de regra, tem que cumprir as determinações estabelecidas no âmbito das instituições de ensino, visando alcançar, como finalidade, a formação de indivíduo ativo, perceptivo, criativo, habilidoso, competente e, acima de tudo, capaz de atender às demandas do mercado e trabalho, compatível com a tríade economia-tecnologia-telecomunicação em constante transformação em tempo real (XAVIER, 2016, p. 84).

<sup>9</sup> A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (GOHN, 2006, p. 29-30).

de ensino-aprendizagem a partir das práticas educativas requer compreensão da passagem contextual das práticas educativas tradicionais às práticas educativas na Era das novas tecnologias da informação e da comunicação. Para tanto, também faz-se necessário refletir sobre as mudanças na sociedade em geral, e na educação especificamente, diante das demandas de interconectividade em rede de informação e comunicação em tempo real via virtual, haja vista que informações advindas das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação se correlacionam (NTIC) e se retroalimentam no processo dialético/dialógico.

Nessa perspectiva, o surgimento e a utilização da internet em fluxo frenético acarretaram mudança relacional entre os sujeitos, possibilitando e facilitando, de uma vez por todas, as formas de informação, comunicação e interatividade entre pessoas e culturas dos mais distantes lugares, das etnias, das coletividades, das nações e das nacionalidades. Isto porque, conforme o próprio nome indica, internet, forma reduzida da palavra inglesa *internetwork*, substantivo feminino, significa relação recíproca em rede ou teia. Ou seja, inter: “entre dois” e net: rede<sup>10</sup>. Deste modo, internet é uma rede de conexões globais que proporciona informação, comunicação e interação entre dois ou mais pontos, mutuamente (CANDU, 2003).

A abrangência nas relações e a ampliação das informações em níveis macro viabilizaram a conexão de diferentes contextos, possibilitando o contato com uma maior diversidade de acepções e concepções. Dentro desse contexto marcado pelo tráfego crescente e mutável de informações e comunicações, as práticas pedagógicas informais, formais e não formais, especialmente entre crianças e adolescentes, “vêm-se multiplicando” (RODRIGUES; ROCHA, 2014, p. 130).

O advento da internet com o uso das tecnologias digitais revolucionou e possibilitou novas formas de informação, comunicação, hábitos culturais, paradigmas educacionais e de relacionamento-interativo entre nações, grupos, coletivos, comunidades e indivíduos em todo o mundo. Nessa ótica, costumes, gostos, moda, linguagens etc. ganham *status mutatis mutandis* do virtual pensado e visualizado ao prático realizado e utilizado (CANDU; 2003; MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

No século XXI, com o advento da internet, novas formas de relacionamento vêm se configurando. No Brasil, a internet tem modificado os hábitos culturais dos brasileiros e as redes sociais de relacionamentos nela apoiadas ganham cada vez mais adeptos. [...] A maior parte dessa navegação é feita em *sites* de redes sociais e o Facebook vem se destacando. (SOBRINHO; ANTUNES; WANDERBROOK, 2016, p. 49).

---

<sup>10</sup> INTERNET. *In*: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/internet/>. Acesso em: 13 fev. 2021.

Embora relativamente novo, o fenômeno da internet surgiu na década de 60<sup>11</sup>, do século passado, por iniciativa do governo norte-americano, com a finalidade de defesa de possível e suposto ataque de armas nucleares por parte de seus inimigos. Desse modo, pesquisadores dos Estados Unidos da América (EUA) criaram um sistema com base em rede de computadores interligados que mesmo sendo destruído um ou outro, o sistema e os demais computadores continuariam operando. Desenvolvida pela *Advanced Research and Projects Agency* (ARPA), em 1969, ainda no contexto da Guerra Fria entre o bloco dos países capitalistas, liderados pelos EUA, e o bloco dos países de tendências socialistas, liderados pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), atual Rússia, a atual internet recebeu o nome de ARPANET. No Brasil, a Internet acadêmica só iria ser criada em 1991, pelo governo federal, por meio do Projeto da Rede Nacional de Pesquisa do então Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), permanecendo somente em caráter acadêmico, tendo sido deliberada ao setor privado somente a partir de 1995 (MORAIS; LIMA; FRANCO, 2012).

A internet, por meio das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) e das Novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (NTDIC), sem dúvida, tornou-se um fenômeno mundial, permitindo transpor o espaço físico, proporcionando um leque de oportunidades utilizado para os mais variados fins, por meio de conexões e interconexões proporcionadas pela utilização de ferramentas tecnológicas, serviços e outros produtos disponíveis no cotidiano das pessoas de forma positiva, quando utilizada responsabilmente. De forma célere, a internet facilita a realização de necessidades básicas desde a pronta informação e comunicação em tempo real sobre bens e necessidades indispensáveis, como comida, trabalho, moda, leituras, diversão, educação virtual, esporte e lazer, dentre outras (STREY; KAPITANSKI, 2011).

Ao falar de atualidade, internet e propagação em rede, faz-se necessário ressaltar a importância das TDIC e das NTDIC para a contribuição no que tange às práticas educativas digitais. A expansão e a evolução da internet trouxeram à humanidade horizontes de possibilidades que marcaram o início de uma nova Era, a Era Tecnológica, capaz de romper obstáculos no âmbito da informação e da comunicação, revolucionando de forma global as práticas culturais, educativas e sociais, transpondo as barreiras de espaço-tempo, formando ciberespaços de interação e redimensionando os campos social, econômico, comunicacional e cultural, aproximando, formando, agrupando e reagrupando, pessoas de modos, estilos, gostos, linguagens e ideologias comuns através das mídias e das redes sociais, principalmente (LEVY,

---

<sup>11</sup> Embora os primeiros computadores digitais eletrônicos operacionais tenham surgidos nos EUA e na Inglaterra nos anos de 1940, estes ficaram por cerca de duas décadas restritos apenas para uso militar.

1999).

Na Era das Novas Tecnologias, as redes sociais firmam seu espaço como importante ferramenta de respaldo na construção das identidades pessoais. Em uma época em que cada vez mais pessoas se utilizam desse tipo de recurso, as redes ganham corpo de intensa influência e revelam-se não como uma tendência passageira, mas como algo que modifica radicalmente as formas de relacionamento na sociedade. (NÓBREGA, 2010, p. 100).

Nesse contexto cibernético das TIC, NTIC e das mídias/redes sociais, celebram-se os ventos de liberdade e as possibilidades de exposições das subjetividades individuais que atraem e comungam com outras, formando grupos e comunidades virtuais. A informação e a comunicação em massa, mediadas pelo uso de tecnologias digitais, permitem aproximar virtualmente diversos e inúmeros mundos, possibilitando, inclusive, reunir ao mesmo tempo e no mesmo ambiente: pessoas dos mais longínquos lugares através de salas virtuais, o que faz da tecnologia uma importante ferramenta que vem sobrepujando os antigos modelos de comunicação como rádios, TVs, telefones etc. Agora se tem acesso a um universo de conteúdo, que permite filtrar as informações que atendem de forma direta aos interesses do sujeito conectado (CASTELS, 2011).

Os avanços tecnológicos e as mudanças ocasionados pelo advento da internet e das tecnologias digitais tiveram maior impacto no Brasil na década de 90, com o fim da ditadura, sob o vislumbre do país que adentrara no regime democrático de direito, com maior liberdade de expressão, terreno fértil para mudanças políticas, culturais e também tecnológicas. Nesse momento, a sociedade passa por uma transformação enfática e repentina, e porque não dizer revolução informacional e comunicacional, especialmente por meio das redes sociais como o *Facebook*?

Com o advento da Era Digital, percebe-se a amplitude no que versa o contexto educacional, que possibilita uma versão atualizada da comunicação e da aprendizagem; esse contexto traz reflexão sobre a importância dos meios comunicacionais da atualidade, facilitada pelos modelos de comunicação da Nova Era, que exige cada vez mais atualização e capacitação dos profissionais que estão envolvidos nesse processo das práticas educacionais. Esse novo horizonte tecnológico permite o desbravamento de um mundo novo, que exige versatilidade no que se refere às práticas educativas em ambientes virtuais.

Em consonância com o pensamento de Castells (2011), é racional afirmar que as tecnologias ocasionaram uma ruptura com os modelos tradicionais de ensino, exigindo de profissionais e educadores - sejam pais, responsáveis e professores - certa astúcia sobre o uso de ferramentas virtuais e tecnológicas, sobretudo no que se refere ao acesso a conteúdo,

tempo de exposição, requerendo observância e planejamento de ações interativas, dinâmicas e intervenções capazes de conduzir o sujeito para melhor utilizar as tecnologias a serviço da aprendizagem.

Com o surgimento dos ambientes virtuais de educação, a sociedade depara-se com um novo paradigma de ensino que promete romper com os modelos tradicionais positivistas, criando possibilidades de ensino-aprendizagem em consonância com a realidade da Era informacional. “[...]Acredita-se que esse momento deve ser visto não apenas quando se pensa em diversão, mas também no que se refere a novas formas de ensinar e processos de aprender” (QUADROS; MARQUES, 2013, p. 13).

A Internet permitiu o acesso a um extenso manancial de informação e facilitou uma rápida comunicação (assíncrona e síncrona) a baixo custo. É o símbolo de uma nova Era, a sociedade da informação, das tecnologias digitais e da expansão do conhecimento, ou seja, Era da sociedade conectada em teias, rede, labirinto, dentre outras nomenclaturas. Novas dimensões, possibilidades e apropriações de espaço e tempo (os ciberespaços) surgem, pois a mobilidade e a presença em tempo real em larga escala planetária proporcionadas pelas TIC fazem diminuir distâncias e óbices de espaços-temporais (MARTINS, 2015).

A internet veio introduzir a metamorfose do conceito de território. São os interesses comuns que vão gerar a topologia das relações e não a geografia comum. O espaço antropológico que existe na internet é construído pela transferência simbólica e relacional, através da virtualização, ou seja, os símbolos e os processos relacionais são transferidos para o espaço infocomunicacional, a que se denomina espaço virtual. A rede promove a diluição das fronteiras geográficas, mas promove também a geração de novas práticas sociais, identidades e territórios. Fala-se em lugares e não lugares (espaços onde não se permanece), mas que exercem a função de enunciação de potenciais percursos para chegada a um objetivo, ou destino. A vivência do não lugar promove ao mesmo tempo a liberdade e a solidão. (SOBRINHO; ANTUNES; WANDERBROOK, 2016, p. 64).

Com o advento desse novo paradigma, passou-se a se exigir das instituições de ensino ambientes voltados para o conhecimento e para o manuseio de alguns recursos tecnológicos, o que, ao longo desse percurso, tem passado por aprimoramento da relação entre a educação com a Era da informação. Os ambientes formais de educação tiveram que se reestruturar e ainda há muito a conquistar nesse aspecto. As instituições de ensino tiveram que desenvolver práticas de inclusão digital; as escolas públicas e/ou particulares passaram a utilizar as ferramentas tecnológicas como ponte para levar o conhecimento aos moldes que exige a tecnologia informacional. Escolas com maiores recursos passaram a contar com laboratórios de informática, oficinas que propunham multidisciplinaridade e interdisciplinaridade dentro dos ambientes virtuais.

Porém, diante dos muitos avanços em países desenvolvidos e menos avanços em países de economia periférica, cabe refletir sobre os dilemas e os paradoxos que se apresentam nos países com grande desigualdade social que, por sua vez, tornam o acesso aos bens tecnológicos de uso e acesso às mídias e às redes sociais precário ou impossível.

Muitos defendem a ideia de que a internet democratizou a comunicação. Tal afirmação categórica esconde muitos perigos ao se observar que o acesso a rede ainda não pode ser classificado como democrático, já que segmenta um tipo de usuário letrado e que possua certo poder aquisitivo que pelo menos lhe garanta a entrada na rede. Entretanto, se não se pode falar de uma democratização do acesso com o advento da internet, pode-se afirmar com segurança que ela ampliou o conceito de liberdade de expressão e possibilitou que, por maior que fossem as peculiaridades, o indivíduo sempre conseguiria encontrar alguém como ele para interagir. (NÓBREGA, 2010, p. 97).

Com efeito, sabe-se que o acesso à educação em países como o Brasil, por exemplo, segue um ritmo diferente no que se refere a recursos tecnológicos disponibilizados em espaços públicos e privados de ensino-aprendizagem em relação a países de economia e tecnologias desenvolvidas, o que desencadeia um abismo entre as duas situações no tocante aos sistemas de ensino e educação. Em busca de amenizar o problema de dificuldade de acesso, conta-se com incentivos do governo, contribuição de entidades sociais, a exemplo das Organizações Não Governamentais (ONGs), que proporcionam a inserção digital através de centros comunitários equipados com computadores que possibilitam o acesso daqueles usuários que não possuem computadores ou internet em suas residências (SANTANA *et al.*, 2011).

Nessa ótica, em relação a essas novas demandas de uma sociedade conectada em rede, e das práticas educativas digitais, ainda existem inúmeras e diversificadas barreiras a serem superadas, tanto no que se refere à disponibilização de recursos tecnológicos, como na carência de práticas de ensino inovadoras que corroborem com as oportunidades mediadas pelas tecnologias, de modo a favorecer a ruptura com modelos tradicionais. Para tanto, fazem-se necessárias as mudanças e as abordagens no e com o uso das novas tecnologias, bem como a implementação de novas metodologias de ensino-aprendizagem, observando e analisando os diversos ambientes individuais e coletivos para compreender quais as mudanças e como essas mudanças podem e devem ser executadas, visando atender as demandas de acordo com os sujeitos e os contextos de inserção (QUADROS; MARQUES, 2013).

### 3 FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS DIGITAIS NA REDE *FACEBOOK*<sup>12</sup>

Nesta seção, dissertou-se acerca da influência do uso da rede social *Facebook* e da sua influência na formação/construção de identidade, inclusive de jovens adolescentes. Antes, porém, de abordar conceitual e funcionalmente sobre o *Facebook*, apresentou-se um sucinto debate teórico-epistemológico sobre a categoria identidade e suas possíveis mudanças e transformações ao passar do tempo.

#### 3.1 Práticas educativas digitais, mídias/redes sociais e identidade

A sociedade moderna/pós-moderna, com o advento da internet e das práticas digitais trouxe uma nova perspectiva educacional ampliando a conexão e as relações que não se limitam apenas ao núcleo familiar e à escola. As práticas educativas são dinâmicas e multifacetadas, sensibilizadas pelas informações para além dos ambientes educacionais formais, recebendo influências dos meios não formais e informais. Nesse sentido, as redes sociais têm um papel importante, haja vista que são nas redes sociais que os indivíduos e boa parte da sociedade moderna como um todo é abduzida à conectividade.

As redes sociais no mundo virtual possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações sobre elas sejam apreendidas. Para isso, é preciso analisar os atores, representados pelos nós (ou nodos) e as conexões que são constituídas dos laços sociais formados através da interação social entre os atores. De acordo com a autora, as conexões são o principal foco de estudo das redes sociais, pois a variação destas conexões é que alteram as estruturas desses grupos. As redes sociais na internet possibilitam fazer uso da comunicação mediada pelo computador para criar novos laços ou manter os já existentes. A rede está centrada principalmente nos atores sociais, ou seja, em pessoas com desejos, aspirações e interesses, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais. Neste sentido, os *sites* de redes sociais atuam como suporte para as interações, mas não são por si só redes sociais. São apenas sistemas que facilitam a interação. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que as constituem e as formam. (SOBRINHO; ANTUNES; WANDERBROOK, 2016, p. 50).

Segue a relação das principais redes sociais mais utilizadas no Brasil com suas respectivas quantidades de contas ativas, de acordo com o último levantamento do ranking do ano de 2021.

<sup>12</sup> FACEBOOK. **Termo de Serviços**. Califórnia: Facebook, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/terms/>. Acesso em: 13 out. 2020.

Tabela 1 - Ranking das 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2021

REDES SOCIAIS	FREQ. / MILHÕES
1. Facebook	<b>130</b>
2. YouTube	<b>127</b>
3. WhatsApp	<b>120</b>
4. Instagram	<b>110</b>
5. Facebook Messenger	<b>77</b>
6. LinkedIn	<b>51</b>
7. Pinterest	<b>46</b>
8. Twitter	<b>17</b>
9. TikTok	<b>16</b>
10. Snapchat	<b>8,8</b>

Fonte: Volpato (2021).

O site <https://www.hostmidia.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas/> não só confirma o ranking das redes sociais acima mencionado como informa que, segundo o site Statista, a projeção de acesso dos brasileiros neste ano de 2021, com base nos números de janeiro deste ano, sinaliza que cerca de 150 milhões de brasileiros devem estar ativos no Facebook até o final do ano, o que representa 69,6% da população e que em termos globais estipula-se que 66,5% da população deve acessar redes sociais diferentes.

As práticas educativas digitais interativas nas mídias/redes sociais funcionam como ferramentas indispensáveis para o desempenho de muitas ações que orientam o comportamento no cotidiano moderno/pós-moderno. Isto porque o sujeito interativo-relacional e adaptável tende a acompanhar o comportamento na sociedade, contando com os meios comunicacionais para o desenvolvimento de algumas atividades inseridas em um contexto de aprendizagem, tais como, grupos de estudos, notícias locais, regionais, nacionais e globais. Fica claro que a identidade é afetada pela interação em rede e também é atuante dentro desse ambiente tecnológico digital de informação e comunicação, proporcionado pela internet. Como diz Spizzirri (2008, p. 20), “Os fenômenos da virtualidade e o surgimento da Internet são, entretanto, produtos da evolução humana.”

Como as pessoas assimilam a crescente inserção da Internet? Ao abordar os fenômenos da comunicação na pós-modernidade, Baudrillard (2001) refere obinômio

real/virtual como algo a ser assimilado. Este autor também refere Nietzsche que declarou a morte de Deus e diz que agora teríamos a morte do real (Brust, 2006). Tal idéia aparentemente absurda busca a reflexão acerca do projeto da pós-modernidade, que pouco a pouco têm transformado a subjetividade humana em realidade virtual automatizada e operacionalizada (Romano, 2000). Assim como ocorreu com o surgimento de outras novidades tecnológicas, como a telefonia e a televisão, pairam críticas e resistências também em relação à Internet (Nicolacida-Costa, 2002, 2006). Gradativamente, porém, esta tecnologia está se naturalizando e os efeitos de sua presença no cotidiano tornam-se mais assimiláveis. (SPIZZIRRI, 2008, p. 20).

A identidade se configura em uma teia de superação dos limites presenciais, passando a ser multifacetada, multicausal e influenciada pelo ambiente virtual. Consoante a Meucci e Matuck (2005, p. 1 *apud* MUNIZ; XAVIER; SANTANA, 2019), “A construção identitária de qualquer indivíduo, ao longo da sua trajetória, decorre de todas suas ações”. Estas, quando observadas, convertem-se em mensagens que o definem perante os demais.

A conjuntura do hibridismo cultural e destarte identitária não se encontra mais restrita aos espaços físicos; as sociedades passaram a vivenciar uma realidade virtual, a qual se impõe como meio importante para as práticas diárias no cotidiano moderno, atendendo a diversos interesses, a exemplo de trabalhos que necessitam da imediatividade da comunicação, nas relações interpessoais, configurando-se como uma ferramenta comunicacional indispensável.

Percebe-se que o uso das novas tecnologias, tal como das mídias/redes sociais digitais produziram e continuam a produzir impactos na forma como o sujeito percebe o mundo e é influenciado na sua forma de pensar, de interagir e de se construir enquanto sujeitos e atores sociais partícipes na sua própria formação da identidade, como também, as imbricações relacionadas aos processos identitários envolvidos no contexto na atual realidade de uma sociedade conectada virtualmente. Desse modo, a multiplicidade de estímulos e perspectivas, típica do contexto virtualizado, conflui à soma de valores híbridos, com influências globalizadas, as quais deixaram de ser uma identidade “imutável” que outrora era integrada a valores de um grupo social específico e restrito aos moldes que Stuart Hall (2005) caracteriza como o “sujeito do iluminismo (século XVIII)”.

Notadamente, as tecnologias da informação e comunicação sofreram um processo que trouxe uma dimensão muito impactante nas sociedades modernas fomentada pelas tecnologias digitais, com isso, percebe-se que, cada vez mais, o processo identitário tem passado por mudanças ao longo dos anos. Se antes o rádio e a televisão revolucionaram sua época trazendo a informação e a comunicação, hoje, através da internet e dos seus recursos midiáticos e tecnológicos, valendo-se como propósito desta pesquisa, as redes sociais apresentam-se como uma das ferramentas que permitem a quebra do espaço-tempo,

contrapondo o sujeito do iluminismo e o sujeito moderno à definição de composto por um grupo social e geograficamente restrito, o sujeito atual pós-moderno tem sua identidade fragmentada, com influências multiculturais, multicausais, versáteis e voláteis. Quanto mais a sociedade evolui sob a ótica globalizante e dependente dos recursos tecnológicos e da conectividade mais distancia-se das sociedades passadas.

A identidade carrega consigo um conjunto de características do indivíduo ao longo de sua evolução, sendo na adolescência o marco de muitas transformações, quais sejam físicas e/ou psicológicas, palco para muitas descobertas e mudanças que influenciam sobremaneira na formação da identidade. Vários teóricos se propuseram a falar sobre desenvolvimento e identidade, considerando a contribuição piagetiana sobre o desenvolvimento da inteligência e/ou desenvolvimento cognitivo, sendo também a gênese do desenvolvimento da identidade, uma vez que as capacidades biológicas dos sujeitos permitem a estes a apreensão e a interação com o meio, ou seja, em contato com as experiências externas ao que Piaget (1993) chama de processo de assimilacionismo e adaptação, no qual o sujeito entra em contato com o objeto ou com determinadas experiências que o modificam, assim como o sujeito modifica o meio dentro de um processo mútuo que se retroalimenta, ou seja, há uma interdependência da assimilação e da acomodação simbioticamente.

Nesse sentido, o sujeito vai construindo sua percepção de mundo e, assim, vai elaborando sua identidade. Embora Piaget não fale diretamente sobre a identidade, ele fornece embasamento para afirmação do interacionismo do sujeito com o meio, incluindo também o social que proporciona ao sujeito o conhecimento indispensável para o seu desenvolvimento como um todo, culminando com aquilo que Piaget denominou de construtivismo dialético ou relacional de formação histórica que compunha estrutura e origem (PIAGET, 1975c).

Uma primeira noção de identidade se configura num processo dialético de diferença e igualdade, ao passo que - se me reconheço como um ser único, eu transito entre os mundos que se aproximam de mim enquanto sujeito e dos que nos distanciam dos demais seres. Para Ciampa (2005), a identidade é muito mais que uma definição expressa por um substantivo, para ele o verbo que indica a ação do ser o define muito mais no que diz respeito às características desse sujeito. A identidade se expressa no reconhecimento recíproco entre o indivíduo e o grupo social ao qual faz parte, ou seja, “É pelo agir, pelo fazer que alguém se torna algo. Estamos constatando talvez uma obviedade: nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática” (CIAMPA, 2005, p. 64).

Ao longo da evolução humana, somos atravessados por constantes mudanças; essas, por sua vez, são elaboradas a partir do convívio em sociedade, com identificações e diferenças.

Esse processo de transformação se dá ao longo de toda a vida, embora a adolescência seja marcada de modificações, tanto a nível físico como psicológico. Para Erik Erikson (1998), a formação da identidade se dá de forma interativa, a partir de identificações com grupos sociais que os representam (MOSCOVICI, 1978).

Essas identificações servem de base para tomadas de decisões e opiniões no que diz respeito ao experimentar no decorrer da vida, às ideologias e às escolhas que moldam o comportamento do sujeito. Erikson (1998), ao falar de identidade, o faz como sendo um fenômeno biopsicossocial, que inclui o conceito de crise de identidade para se referir às mudanças inerentes à adolescência, as quais passam por tomadas de decisões e escolhas que influenciarão, posteriormente, nas vidas desses sujeitos sociais.

O conceito de identidade passou por processos ao longo do tempo, desde a época em que a flexibilidade social se restringia ao espaço geográfico do sujeito. A identidade era estabelecida pelo nascimento, cujos vínculos sociais se constituíam no contexto presencial da família e/ou agregados. Neste sentido primeiro, Hall (2005) fala e apresenta a definição de identidade indissociável da cultura e da sociedade a partir de uma construção de sentimento de pertença a culturas étnico-raciais, linguístico-religiosas e, principalmente, de nacionalidade.

O autor jamaicano também realiza uma percepção histórica acerca das tipologias de identidade dos sujeitos em três distintos contextos: 1) a identidade do sujeito iluminista caracterizada pela contração, pela unificação e pela capacidade racional e de consciência na qual o indivíduo é condutor de um núcleo interior oriundo desde o nascimento e se desenvolve contínua e identicamente ao longo da vida; 2) o segundo tipo de identidade, a do sujeito sociológico, sequencial ao do sujeito iluminista, além de reconhecer a complexidade do mundo modernidade, reconhece que o núcleo identitário interior é construído e reconstruído a partir da interação com o outro e com a sociedade em geral, ou seja, o sujeito tem sua parte individual e sua parte social; e 3) a identidade do sujeito pós-moderno é, não fixa e *mutatis mutandis*, conforme as influências dos sistemas culturais nos quais se insere.

A passagem da ideia de uma identidade centrada e unificada do sujeito iluminista para a modernidade, alcançou a identidade do sujeito sociológico, a qual é constituída a partir dos valores e dos conceitos repassados através da realidade e da cultura local, sendo o sujeito destinado a ter uma identidade concebida a partir do meio social no qual está inserido. À medida que os avanços foram surgindo, a globalização e a modernização dos meios de comunicação angariaram um grande número de usuários, influenciando os sistemas culturais, o que Hall (2005) chamou de identidade do sujeito pós-moderno e Bauman (2005) deu o nome de “modernidade líquida”.

A modernidade líquida, analisada por Bauman (2005), faz referência à rapidez com que as coisas se transformam, à obsolescência caracterizada pelo desprendimento e pela velocidade com que as mudanças se apresentam, afetando a forma de agir e rompendo com o tradicionalismo de outrora. Bauman volta-se para a tarefa de refletir como se dá a compreensão sociológica do sujeito inserido em uma sociedade de princípios fluidos, marcado pela obsolescência e pelo consumismo metamorfoseante inerente aos arroubos do que ele vem a denominar de sociedade líquida, por possuírem valores voláteis e efêmeros. Nessa sociedade, já não há espaço para uma identidade sólida de princípios rígidos, tal qual falava Hall (2005) sobre o sujeito do iluminismo. Na Era da pós-modernidade ou na modernidade líquida, a sociedade é consumida por um mundo de informações que a perpassam e a transformam tão logo estimulada pelas práticas virtuais. Ao mesmo tempo em que há um esfacelamento da identidade na contemporaneidade, não se perde a característica humana que, como tal, é capaz de interagir empaticamente e impactar a níveis sistêmicos, através do contato com informações que despertam sentimentos e reações aos estímulos relacionados ao ambiente virtual.

Com o surgimento da internet e a viabilização das tecnologias da informação e comunicação com as mídias e redes sociais atreladas, dentre elas o Facebook como a rede social digital mais acessada do Brasil e do mundo, as relações sociais não se restringem apenas aos contatos favorecidos pelo ambiente e pela comunidade local; agora, ela é fruto de escolhas, de preferências, que estão mudando frequentemente em contextos diversos local, regional, nacional e mundial.

[...] O termo “rede social”, estudado pela Sociologia desde meados do século XX, revela-se como ação de criação de relacionamentos com outros indivíduos a partir de assuntos e valores em comum com os seus pares [...]. Em contrapartida, a mídia social consiste em representar um tipo de ambiente on-line que divulga e compartilha informações, a exemplo de um canal de YouTube, o qual, diferentemente do Facebook, compartilha apenas conteúdo em formato audiovisual: vídeo informação [...]. Assim, compreender a vida social na contemporaneidade requer considerar o estudo das redes sociais on-line, já que estas alteraram profundamente, nos últimos anos, a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si. Nesse âmbito, sendo o Facebook a rede mais popular e mais disseminada, impõe-se como uma fonte privilegiada de informação. (SÁ; XAVIER; SANTANA, 2018, p. 377).

Nesse contexto das novas tecnologias, das mídias e das redes sociais digitais, faz-se necessário pensar como se constrói a identidade na era digital. Parodiando Hall (2005), a identidade na perspectiva cultural é uma categoria *mutatis mutandis* de tornar-se e não de ser, estática e imutavelmente. Nessa perspectiva, a mudança no atual estado de coisas é a palavra de ordem que ancora a nova forma de ser na modernidade líquida; a rapidez com que as

transformações ocorrem provoca uma instabilidade na consolidação de uma rotina, exigindo uma constante reconfiguração das formas de interação com o mundo; interação esta, que se forma e se transforma com a utilização das redes e das mídias sociais digitais em geral e com o uso do Facebook, especificamente, requerendo do sujeito constante modificação e aprendizagem. “[...] A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo” (BAUMAN, 2009, p. 7).

Nesse baile de máscaras, em que o indivíduo troca de identidade como quem troca de roupa, transitando facilmente entre a imensa gama de opções identitária existentes, a mídia passa a ser um espaço – se não o primordial – em que diversos modelos de sujeitos e de posicionamento são ofertados às pessoas. Se, de acordo com Bauman (2005, p. 51), “houve um tempo em que a identidade humana de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo trabalho produtivo desempenhado na divisão social do trabalho”, hoje, ela é fruto de determinadas escolhas em meio a inúmeras possibilidades. A pós-modernidade propiciou que as identidades se formassem em torno do lazer, da aparência, da imagem e do consumo. Consequentemente, tornaram-se frágeis os laços que a delimitavam (NÓBREGA, 2010, p. 96).

Ao tomar como exemplo a rede social digital Facebook, é possível mencioná-la como um recurso que propicia a interação com milhares de usuários de todos os lugares, com diversidades culturais e sociais e com múltiplos interesses. Seus usuários apresentam comportamentos que se assemelham aos de uma competição, cujo ganhador é aquele que exhibe mais *likes* e comentários em seus *posts*, quem tem uma vida mais “badalada e feliz”, ostentada através da transparência da intimidade que é exposta no Facebook, tendo até uma ferramenta específica que permite fazer o *check-in*, termo já citado, recurso por meio do qual o usuário marca o lugar onde se encontra. Como adverte Spizzirri (2008, p. 20), “Comunidades virtuais surgem como diferentes formas de contemplar as demandas de exposição e rompimento dos espaços privados advindos da cultura vigente, principalmente entre adolescentes.”

A identidade, na lógica da modernidade/pós-modernidade, ou identidade líquida, é marcada pela apresentação de um “Eu” realizado, representação de vida próspera e feliz, patrocinada pelo consumismo e pela ostentação, com o intuito de sustentar o sucesso ante os demais. Os praticantes da vida líquida são arrebatados pelo desejo de estarem sempre em destaque, para não correrem o risco de se tornarem obsoletos; esses são alguns dos comportamentos compartilhados e propagados dentro do ambiente virtual. Segundo Spizzirri (2008, p. 21), “O olhar do outro no campo social passa a ocupar, na economia psíquica do sujeito, uma posição estratégica, exemplificada pela cultura do narcisismo, do espetáculo e da exibição do gozo/satisfação”.

Nesta sociedade, também se observa o dever de ser e parecer feliz e bem-sucedido o tempo todo. Essas características mostram implicitamente que não há lugar para a expressão de alguns sentimentos comuns à natureza humana, como a tristeza, sob pena de recaírem sobre o sujeito sentimentos de culpa, mal-estar e inadequação (SPIZZIRRI, 2008).

Vive-se, atualmente, em uma sociedade marcada pela efemeridade, pelas relações frouxas e pelos vínculos solúveis, com curto prazo de validade, sempre à sombra do ultrapassado, ocasionado pela rapidez das transformações. É nesse contexto que as identidades se configuram e se reconfiguram na busca de consolidação dentro dessa conjunção fluida e volátil marcada pelo consumismo e pelo prazer narcísico.

A ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. ‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. (BAUMAN, 2009, p. 7).

Em uma sociedade conectada a valores análogos, marcada pela inovação, exige-se uma adaptação constante às rápidas mudanças ocorridas na atualidade. É necessário estar aberto às modificações e às reconfigurações de estilos de vida, às novas formas de agir, pensar, vestir, falar, aos comportamentos influenciados pela grande massa que compartilha os mesmos interesses, caracterizada pela vida na pós-modernidade.

### **3.2 Adolescência, identidade e mídias/redes sociais digitais**

A propósito conceitual, etimologicamente falando, a adolescência é um vocábulo originário do latim, onde *ad* (“para”) e *olescer* (“crescer”), ou seja, adolescência é processo de crescimento para algo ou para alcançar alguma coisa; no caso, sobre a adolescência, crescer para alcançar a próxima fase da vida, a adulta. Outro significado aludido ao termo é com relação a *adolescere*, do qual deriva a palavra adoecer com relação à faixa etária na qual se circunscreve a adolescência como ciclo de vida rico em novas descobertas biológicas e desenvolvimento psíquico ou de adoecimento e sofrimento físico-psíquico “de forma perigosa e traumática em que este bom desenvolvimento para o mundo adulto fica comprometido” (FREITAS; SILVA, 2014, p. 140).

A adolescência é uma etapa da vida entre a infância e a vida adulta com características peculiares de transformações biopsicossociais e não apenas um período de transição desconexa entre a fase de criança à adulta, levando em consideração somente as mudanças físicas e esquecendo as emocionais, como procedido até bem pouco tempo atrás.

Ao contrário de ser apenas um período de mudanças apenas corporais, seguindo um caminho linear de passagem da juventude ou da puberdade à fase adulta, como era compreendida até início do século XX. A partir do período do entre guerras (1918-1939), a adolescência passou a ter abordagens diferentes e diversas, apontando como um ciclo vital em que o indivíduo dessa/nessa faixa etária amplia seu campo relacional, constrói novas amizades e vai se despreendendo pouco a pouco do âmbito familiar, buscando novas bases referenciais, conquistando novas formas de relacionamentos sócio-político, econômico e culturais, o que implica formação gradativa de identidade.

A adolescência é definida como um período marcado por uma revolução biopsicossocial em que a identidade do sujeito passa por transformações provenientes de uma dimensão psicobiológica, influenciada por um contexto histórico, econômico, social e cultural inerente ao lugar e ao tempo em que a pessoa vive. (FREITAS; SILVA, 2014, p. 140-141).

A Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>13</sup> define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos, o qual é dividido em dois períodos: o pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos e adolescência, dos 15 aos 19 anos completos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos, sendo referência, desde 1990, para a criação de normas, diretrizes e programas que asseguram os direitos dessa população incluída nessa faixa etária (BRASIL, 1990). Desse modo, a partir das experiências e da elaboração do mundo, os/as adolescentes se configuram em sua inteireza enquanto um ser biopsicossocial, linkando o surgimento da internet e as NTDIC, que proporcionam um cabedal de conhecimentos e identificações bem maior do que eram possíveis nas sociedades que antecederam a Era digital.

Os adolescentes da atualidade não reconhecem os limites geográficos para a comunicação, tampouco se limitam a pequenos ciclos sociais da comunidade, dos grupos sociais, do estado ou do país, os quais estão relacionados ou vinculados. O advento da internet, das tecnologias digitais, das novas tecnologias e das mídias/redes sociais digitais influenciam de forma significativa nos comportamentos e na construção/formação da identidade dos atuais

---

<sup>13</sup> VIVENDO A ADOLESCÊNCIA. **Adolescência**. Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência? São Paulo: Vivendo a adolescência, [20--]. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 21 set. 2021.

filhos (as) das gerações X<sup>14</sup> e Y<sup>15</sup>, os Z<sup>16</sup> (pessoas nascidas entre 1996 e 2010 circunscritas na realidade analisada no estudo de campo desta pesquisa) e geração Alpha<sup>17</sup> (ALMEIDA, 2015).

Segundo Prado e Pacheco (2019), pessoas da geração “Y” não estão acostumadas a hierarquias ou a autoritarismos, por terem sido criadas sem a presença frequente dos pais,

---

<sup>14</sup> Designação de análise comportamental sociológica de pessoas que nasceram entre 1965 e 1980 ou geração da televisão cuja filosofia de vida é trabalhar e produzir. Pessoas dessa geração presenciaram o surgimento: da tecnologia, do computador fixo, da internet compartilhada para a sociedade civil, do celular, da impressora, do e-mail, dentre outros artefatos e ferramentas eletrônicas. Em geral, é uma geração que gosta de variedades e odeia rotina. Com metas voltadas para novas oportunidades e desafios. O dinheiro para eles não é a prioridade máxima, mas é importante. Se prioriza o aprendizado de novas habilidades e com chances reais de crescimento.” **SEGMENTOS. As gerações e suas características.** A definição de Geração. Porto Alegre: Segmento, 2019. Disponível em: <http://www.segmentopesquisas.com.br/blog/2019/5/24/as-geracoes-e-suas-caracteristicas>. Acesso em: 21 set. 2021.

<sup>15</sup> Definição sociológica comportamental referente à geração do fim do milênio ou em inglês, os Millennials (pessoas da geração nascidas entre os anos de 1981 e 1995). Os filhos dessa geração nasceram no contexto da internet e do avanço tecnológico tendo acesso a bens e serviços tecnológicos que seus pais não tiveram, tais como: TV a cabo, videogames, computadores e por fim aparelhos móveis de comunicação, a exemplo dos Smartphones. As pessoas dessa geração são consideradas filhos e filhas da internet, da tecnologia, do ambiente virtual digital e familiarizadas com as constantes transformações e inovações tecnológicas. Geração da época de pós-utopias; de mudanças e visões político-econômicas profundas do pós-Guerra Fria; de consciência política menos estável do que a geração contracultural (geração Bab Boomers). Para alguns autores (as), pessoas dessa geração estão ligadas a marcas, à diversão e à cultura digital, além disso, são pessoas confiantes, relaxadas, conservadoras e pessoas da geração mais educada de todas. Para outros estudiosos, as pessoas dessa geração são inconstantes, individualistas e egoístas no tocante ao mundo do trabalho em razão da realidade dos tempos atuais, em que os ciclos econômicos são inconstantes e corporativos (ZOMER; SANTOS; COSTA, 2018).

<sup>16</sup> Geração “Z” ou geração dos nativos (as) digitais nascidos imersos no mar das tecnologias e mídias/redes sociais digitais da passagem do final do século XX para a primeira década do século XXI. A designação “Z” indica zapping, ou seja, que muda de canal constantemente. A geração “Z” é a filha primogênita tecnológica das gerações “X” e “Y” caracterizada, sobretudo pela extrema velocidade com que consegue receber e repassar as informações, mas que se irrita facilmente no caso de não receber as informações de que precisa em tempo record. Geração de pessoas extremamente críticas, criativas, de múltiplas realizações simultâneas como ver televisão (embora essa geração veja menos televisão), usar o computador e aparelhos celulares de última geração como os Smartphones. As pessoas pertencentes ao quadro da geração “Z” costumam ficar conectadas o tempo todo em seu mundo particular com suas comunidades virtuais. Em geral, não buscam conversar com ninguém, nem mesmo com pais ou responsáveis. São pessoas exigentes, egoístas, imediatistas, individualistas, consumistas. São pessoas dadas à moda, buscando sempre autoafirmação e *status* social. Por outro lado, são críticos, dinâmicos, preocupam-se com o ambiente, são hiperconectados. Para os indivíduos dessa geração, a internet é algo natural e indispensável para relacionar-se, trabalhar, estudar. Para esses, é preferível o mundo virtual ao físico/carnal (OLIVEIRA, 2019).

<sup>17</sup> Alguns autores adotaram o termo “Alpha” para classificar as pessoas nascidas a partir de 2010; esse termo foi utilizado na literatura pela primeira vez pelo sociólogo australiano Mark McCrindle, em 2009, tendo em vista que, após a Geração Z, não havia mais letras no alfabeto latino, então decidiu dar sequência utilizando a primeira letra do alfabeto grego, “α”, visto que essa nova geração, a qual ele chama de Geração Alpha, representa grandes mudanças comportamentais. Segundo McCrindle e Wolfinger (2009 *apud* SILVA; VALIDÓRIO; MUSSIO, 2019), a Geração “Alpha” iniciou seus estudos mais cedo nas escolas, em razão disso, esta geração terá uma educação mais formal que as anteriores. Por esta razão, e pela alta variedade de informação disponível, essa geração terá um nível educacional maior, além de ser a primeira a experimentar um sistema escolar modernizado, isto é, um sistema híbrido, personalizado, baseado em projetos, com foco no aluno e não no conteúdo. Esse é o diferencial com o qual essa geração irá se envolver. A Geração “Alpha” é formada por crianças que, desde seu nascimento, vivem em uma época na qual o mundo está coberto por tecnologias, com isso elas se adaptam à tecnologia com maior facilidade que as gerações anteriores, já que esse é um aspecto tecnológico que está implícito a esta geração, em virtude da facilidade de acesso ao conhecimento e às tecnologias disponíveis. Ao contrário das gerações anteriores, as pessoas desta geração não precisam fazer cursos de informática, por exemplo, pois nasceram inseridos nesta realidade e, segundo Beraldo (2015), possuem a habilidade de adaptar-se mais facilmente que as gerações antecessoras às novas tecnologias (gerações Baby Boomers, X, Y e Z).

haja vista que estes estavam sempre dedicados à profissão e a novas rotinas de trabalho, distantes de seus lares. São pessoas que cresceram com a ideia do “tudo pode”, inclusive acreditando que podem trabalhar na profissão que quiserem somente por terem essa vontade. Alimentam a ideia de serem especiais, prodigiosas incomuns em relação aos demais e galgarão sempre posição de destaque em meio aos demais. Creem que o trabalho deve ser encarado como fonte de satisfação e aprendizado, com isso modificam o entendimento de carreira, a promoção, a estabilidade e o vínculo trabalhista.

Vivendo imersamente na interatividade e na hiperestimulação do ambiente virtual, o computador já não é mais somente uma ferramenta de trabalho, mas de lazer e socialização. Visualizam perfis de sucessos acadêmico, profissional, festas, modas e de viagens e passam a desejá-los, o que nem sempre é possível no mundo real. Assim, agem, sofrem ou passam por grandes decepções no mundo real. São pessoas imediatistas, individualistas, narcisistas, hedonistas. Por outro lado, intensificaram mais o respeito à diversidade, às liberdades sexuais; o respeito às minorias e a defesa dos movimentos LGBTQIA+.

No tocante a bens materiais, ao invés de estarem mais interessadas em terem o carro novo do ano, estarem casadas com filhos até os 30 anos, pouparem dinheiro para comprar um imóvel etc., o dinheiro para a geração Millennials significa mais do que somente o valor monetário para bens materiais, mas poupam para terem significativas experiências culturais e especiais. Além disso, dão maior atenção à sua saúde mental e ao próprio psicológico em razão da preocupação com os próprios sentimentos, sucessos e fracassos. São pessoas mais engajadas a conseguirem felicidade, sucesso e prazer imediato, preferem e-mails a cartas, digitar ao invés de escrever e compartilham e expõem tudo que é seu, como dados, fotos, hábitos (SILVA; VALIDÓRIO; MUSSIO, 2019).

A geração Z, mais do que a geração Internet, sente necessidade quase ininterrupta de acesso ao mundo representativo. Ela evita, ainda mais, os contatos pessoais via ligação de voz e encontram, na possibilidade de edição do mundo virtual, a proteção de não precisar mostrar quem realmente é. Seus componentes são os que mais se sentem expostos sem os dispositivos móveis os que mais apresentam sintomas de abstinência sem o celular, como impaciência e irritabilidade. Além disso, levam a Internet da geração anterior para todos os lugares e momentos; Internet e tempo são ferramentas essenciais. O zapear, típico dessa geração, não se daria somente com a troca de foco entre inúmeras tarefas, mas entre os mundos alternativo e carnal, se é que se pode falar em zapear, visto que ocorre, hoje, mais uma sobreposição do que uma troca. (VIDAL; DANTAS, 2016, p. 82).

Através de conteúdos interconectados em redes a níveis globalizados gerando e distribuindo informações, fica evidente a agilidade da geração “Z” na obtenção de novos relacionamentos, conhecimentos, levando os/as adolescentes a infinitas oportunidades,

não se prendendo a dogmas, a religião, a culturas etc. Além disso, em pesquisa de Vidal e Dantas (2016), sobre os hábitos na frequência de utilização de aplicativos, constatou-se que os adolescentes, indivíduos circunscritos no ciclo da geração “Z”, acessavam mais as redes sociais, como o WhatsApp, e utilizavam bem menos e-mails e SMS “Enquanto 83,33% dos baby boomers e 83,87% dos indivíduos da geração X sempre faziam ligações, apenas 56,07% da geração Y e menos da metade dos questionados da geração Z (41,10%) o fazem.” (VIDAL; DANTAS, 2016, p. 78).

Nesse contexto, os adolescentes têm acesso a variados conteúdos em redes, impactando, até mesmo, sobre assuntos até então considerados tabus, como é o caso de conteúdos sobre sexualidade. Contrapondo o modo de viver de sociedades anteriores, em que a sexualidade já foi tabu, quando a educação sobre sexualidade dependia tão somente de informações repassadas apenas pelos pais, parentes ou amigos mais próximos, na atualidade, os recursos da internet via tecnologias da informação e da comunicação proporcionaram aos nativos digitais, atuais adolescentes das gerações “Z” e “Alpha”, ou a “galera” da geração Google, a pesquisarem suas dúvidas, inclusive sexuais, na própria ferramenta de uma de suas denominações, o Google (SILVA; VALIDÓRIO; MUSSIO, 2019).

As mudanças da sociedade decorrentes da Revolução Tecnológica e tecnológica digital é um dos marcos históricos recentes que culminou em muitas transformações social, econômica, cultural e comportamental de maneira significativa no atual estado de coisas. Ao mesmo tempo, essa Revolução Tecnológica impactou direta ou indiretamente nas fases do desenvolvimento humano, sob a ótica de um novo paradigma que compreende o surgimento de novas formas de apreensão do mundo, novas práticas educativas, novos processos de formação/qualificação, diferentes e efêmeras formas de relacionamentos. Em decorrência disso, essa nova Era tecnológica e tecnológica digital e das mídias/redes sociais digitais impacta na condição humana, sobretudo no mundo dos adolescentes, permitindo feitos nunca antes alcançados, mudanças e transformações céleres e voláteis, tendo grandes proporções interacionais em redes ou em teias globais (CASTELLS, 2011; BAUMAN, 2005).

A adolescência do século XXI é diferente também a níveis psicossociais das demais, pois é a geração da tecnologia, do tudo é possível, do imediatismo, da comodidade, da globalização, de valores multiculturalizados, de transformações bruscas e abruptas. A adolescência na Era digital é a dualidade de duas identidades, a virtual e a real, e uma alimenta a outra. Se antes os conflitos inerentes à adolescência se desenvolviam a partir da interação com contatos presenciais, hoje esse espaço divide lugar com o mundo, recebendo influências diversas, afetando a visão de mundo e de si mesmos, valores, objetivos, tendências

etc. A adolescência é um momento decisivo na formação da personalidade.

Entende-se que a adolescência é uma fase do ciclo de vida humana muito importante para o desenvolvimento do ser e que passa por grandes transformações influenciadas pelo processo histórico-cultural. Ao longo do tempo, e mais ainda na atualidade, a adolescência tem sido bastante estudada, no intuito de obter conhecimento cada vez mais robusto sobre essa faixa etária e compreender de que forma essa passagem contribui para a construção e para a formação da identidade, definindo personalidade, inspirando e estipulando as escolhas.

A propósito, o atual quadro demográfico de adolescência circunscreve-se na esteira sociológica comportamental da Geração “Z”, período correspondente às pessoas que nasceram entre os anos de 1996 e 2010. Posteriormente a este período, refere-se à geração “Alpha”, pessoas nascidas a partir do ano de 2011 que atualmente (2021) contam com a idade de 10 (dez) anos. Essas gerações são marcadas comumente pelo legado da revolução e da evolução tecnológica e informacional dos aparelhos digitais móveis das novas tecnologias que vieram se aperfeiçoando ao longo das gerações anteriores “Y”, “X” e Baby Boomers.

Relembrando, a geração Baby Boomers é caracterizada por “hábitos comportamentais, marcos históricos e sociais e, mais recentemente, o uso das novas tecnologias que associam telecomunicações e informática” (VIDAL; DANTAS, 2016, p. 69).

Porém, é racional registrar também que essa divisão e análise não é algo estanque e de partitura desconexa entre uma e outra geração, uma vez que o legado cultural de uma geração anterior é indissociável e influenciador para a outra geração que advém e depende muito de cada país, região e localidade.

Todavia, existe um consenso, com base em evidências comportamentais, quanto às características periódicas das gerações, a saber: Geração Baby Boomers: nascidos entre 1948 e 1963 (atualmente com 58 a 72 anos de idade); Geração X: nascidos entre 1964 e 1977 (atualmente com 44 a 57 anos de vida); Geração Y ou Millennials: nascidos entre 1978 e 1995 (atualmente com 26 a 43 anos); Geração Z ou Centennials (nascidos entre 1996 e 2010 (atualmente com 11 a 25 anos); Geração “Alpha”: nascidos a partir de 2011 e atualmente (2021) com até 10 anos de idade (CASAROTTO, 2020).

O consenso previsível de que a geração Alpha se estenderia até o ano de 2025 parece ter sido inesperada e abruptamente interrompido em razão da Pandemia do Novo Coronavírus, o SARS-CoV2 causador da COVID-19, doença infecciosa que desde dezembro do ano de 2019 tem afetado a humanidade em todo o planeta Terra de alguma maneira; no mercado de trabalho, os jovens, sobretudo os Centennials (geração Z) foram afetados em todo

o mundo. Contudo, já se fala na geração “Pandemials”, a partir do final do ano de 2019, conforme os fatos da história imediata, levando em consideração as mudanças planetárias devido à Pandemia da Covid-19.

Na esteira sociológica, as gerações “Z” (Centennials) e “Alpha”, dos nativos digitais, das mídias /redes sociais digitais posteriores à geração “Y” (Millennials) têm como referência ou legado cultural a revolução, a evolução e a expansão tecnológica da internet, da rede de computadores, de Smartphones e outros aparelhos eletrônicos que, aos poucos, foram sendo aperfeiçoados. São pessoas que nasceram em plena consolidação da Era digital. Com efeito, os indivíduos da geração “Z” (Centennials), tanto podem ser filhos/as de pais da geração “Y” (Millennials ou geração internet) como da geração “X” (geração televisão). Esse fato tem a forma como são tratadas as liberações do uso da internet e das mídias digitais, sendo que os filhos/as da geração “X” costumam ter maiores restrições enquanto os/as filhos/as da geração “Y” costumam usufruir de maior flexibilização no uso da internet e demais ferramentas digitais.

É no âmago dessa geração que, ao final da década de 1980 para o início da década de 1990, o World Wide Web (W.W.W) foi criado pelo físico e cientista da computação, o inglês Tim Berners-Lee. A criação do sistema W.W.W possibilitou a qualquer pessoa com algum nível de leitura e de conhecimento de computadores ter acesso à rede, à internet e conectar-se a um mundo de informações e comunicações em tempo real de forma célere e simultânea com diversas comunidades virtuais, caso necessário seja (SILVA; VALIDÓRIO; MUSSIO, 2019).

Em tese, calculava-se que a atual geração, a “Alpha”, circunscrita a partir do ano de 2011, prosseguisse até o ano de 2025. Porém, embora ainda seja muito nova a ideia e não haja bases ou fundamentação acadêmico-científica de estudos para sua consolidação, já há certo consenso a partir de pesquisadores e da mídia em geral, levando em conta a realidade da história imediata (BARROS, 2004), em que houve uma ruptura no curso histórico da geração Centennials (Z) para a geração Pandemials<sup>18</sup> (a partir de 2019) devido ao surgimento do novo coronavírus (COVID-19), doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, tendo sido reconhecida oficialmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Pandemia em 11 de março de 2020 (SANTOS, 2021).

A Pandemia da Covid-19 agravou potentemente a crise econômica, principalmente na América Latina que, por sua vez, atingiu principalmente os jovens da geração “Z” (1996-

---

<sup>18</sup>MONGE, Y. *et al.* **Dos ‘centennials’ aos ‘pandemials’**: o futuro truncado dos jovens na América. São Paulo: El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-16/dos-centennials-aos-pandemials-o-futuro-truncado-dos-jovens-na-america.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

2010), hiperconectada, que teve que dedicar suas vidas ao mundo virtual através das mídias/redes sociais digitais em suas residências. A pandemia confinou em suas casas a grande maioria das pessoas que sensatamente entenderam e atenderam às recomendações das autoridades sanitárias na tomada de medidas preventivas do distanciamento social via quarentena, podendo ou postergando sonhos e aspirações projetadas para um futuro incerto e não sabido, quando tiveram de abandonar empregos, escolas, cursos profissionalizantes e acadêmicos por falta de recursos financeiros e, até mesmo, por não poderem acessar em razão da falta de conexão ou aparelhos eletrônicos apropriados.<sup>19</sup>

Outra particularidade com relação às gerações, são suas preferências pelas respectivas redes sociais. De acordo com a circunscrição ou com o ciclo vital, as redes sociais correspondem aos perfis de cada geração. Embora não seja algo rígido e estanque é possível perceber que há uma preferência ou concentração de usuário em dada rede social digital, conforme o pertencimento do indivíduo a uma específica geração de acordo com dadas atividades que a rede oferece e a preferência do navegante.

Desse modo, conforme pesquisa de 28 de junho de 2021 publicada no site ConsumidorModerno.com.br, os integrantes da chamada Geração Prateada (devido aos cabelos grisalhos que já apresentam) ou geração Baby Boomers (1948-1963), que representam cerca de 16% da população brasileira, e a Geração “X” (nascidos entre 1964-1977) têm preferência pela rede social *Facebook* para se comunicarem, obterem informações e entretenimento. Acrescente-se LinkedIn à Geração “X” em razão desta ser muito ativa ao mercado de trabalho. A Geração seguinte, a “Y” ou Millennials (pessoas nascidas entre 1978-1995), embora naveguem em diversas redes sociais digitais simultaneamente, preferem o Instagram e o YouTube. Por outrolado, a Geração “Z” ou Centennials (pessoas nascidas entre 1996 e 2010), embora utilizem o Instagram com uma dada frequência, principalmente no uso dos Stories, preferem a rede social chinesa “TikTok”, especialmente a partir de 2019 com o aperfeiçoamento de algumas funções e recursos em relação às postagens de vídeos curtos. Ressaltando que as preferências de uso de uma dada rede social é uma tendência e não regra impeditiva ou que signifique onão uso das demais redes sociais. Isso também tem a ver com as atividades laborais, informação e comunicação, de relacionamento, entretenimento, consumo e marketing.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> *Id.*, 2021.

<sup>20</sup> CUSTÓDIO, M. Consumidor Moderno. **Conheça o perfil do usuário de cada rede social de acordo com a geração.** São Paulo: Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/06/28/conheca-o-perfil-do-usuario-de-cada-rede-social-de-acordo-com-sua-geracao/>. Acesso em: 10 set. 2021.

Com o intuito de procurar entender a adolescência, é importante citar o contexto histórico no qual se embasa esta pesquisa, ou seja, é importante ressaltar como a sociedade na atualidade vive sob um novo paradigma que se conecta de forma globalizada e que divide a atenção entre dois mundos, o físico-presencial e o virtual. Com isso, adolescência na Era das tecnologias digitais e efemeridade de gerações se desvela em muitos conflitos inerentes a esse contexto quando, por ventura, depara-se com estruturas mentais e tecnológicas de gerações que não fazem parte dessa nova realidade de dependência móvel dos *gadgets* móveis digitais, própria da geração “Z” (VIDAL; DANTAS, 2016).

A adolescência é um fenômeno inerente ao processo de desenvolvimento humano, porém é importante fazer algumas complementações a seu respeito, pois nem sempre houve o entendimento sobre as fases do ciclo vital humano. Adolescência é uma etapa da vida de grandes mudanças, fase que acontece a puberdade, processo marcado por transformações físicas e hormonais, além das mudanças biológicas. Nessa faixa etária, faz-se necessário considerar as transformações em nível psicológico e social, sendo uma fase muito importante do desenvolvimento e da formação de um adulto habitual.

Nesse sentido, a adolescência é um fenômeno biopsicossocial, visto que envolve muito mais do que transformações biológicas. Conforme Piaget (1993), três campos interagem de forma interdependente entre as pessoas desse/nesse ciclo de vida: o pensamento, a personalidade e a integração à sociedade adulta. Nessa direção, seguindo o pensamento piagetiano, a adolescência não é um acontecimento congênito às pessoas, mas sua construção é marcadamente influenciada cognitivamente e afetuosamente pela sociedade na qual os(a) adolescentes estão inseridos (as). Assim, a evolução de qualidades como autonomia, responsabilidade e resiliência, como preparação para os processos de escolhas, dependem muito do ambiente sociocultural em que os adolescentes estão/são inseridos.

Além do mais, é nessa fase da vida que os protagonistas, os adolescentes, apresentam suas posições conflitivas de confronto e oposição às normas, aos valores, às tradições sociais e morais na perspectiva de se firmarem e confirmarem sua identidade e autonomia diante do mundo adulto, tornando claro que estão aptos e são capazes de realizarem a transição da fase de adolescência para adulta. É um certo ritual natural necessário de transição e adaptação de uma faixa etária à outra, carregando o arcabouço cultural de antes e agregando novos valores culturais (ERIKSON, 1998).

Considerada uma preparação para a vida adulta, há uma expectativa sociocultural sobre a adolescência, e é nesse momento que o sujeito começa o processo de autoconscientização como ator social, marcada pela ampliação do convívio social, que

demanda comportamentos em equilíbrio com o ambiente e a sociedade em que estão inseridos, destarte, elaborando a forma de ser no mundo, organizando a estrutura psicológica através da identificação com seus pares e, portanto, construindo a sua percepção de mundo, os objetivos a serem alcançados, a preocupação profissional, a construção de valores e as perspectivas que os guiará ao longo da vida.

Nessa ótica, são as interações sociais quem dão subsídios para que haja um comparativo para apoiar o modo de ser em sociedade, com isso as mudanças vivenciadas durante a adolescência, bem como os comportamentos, são baseados em suas experiências sociais, o que significa dizer que recebe influências de múltiplos contextos, desencadeando comportamentos, valores e crenças muito mais versáteis, mutantes, fluidos. Para tanto, buscou-se entender a adolescência como um fenômeno do desenvolvimento humano ligado à formação de um Eu e que tem como inspiração a sociedade como partícipe na construção da identidade. Para Erikson (1998), a adolescência é o período de grande transformação que é vivenciado na interação em sociedade, no qual os sujeitos vão construindo sua forma de apreender o mundo.

Reflexionando as mudanças ocorridas em sociedade historicamente, tais vicissitudes influenciaram na vida contemporânea e conseqüentemente nas experiências vivenciadas em cada fase do desenvolvimento humano. No processo histórico civilizatório, a sociedade passou por transformações que influíram direta e/ou indiretamente a forma de viver. Dos grandes feitos que mudaram as sociedades, um bom exemplo é o avanço na área da medicina, que permitiu a produção de vacinas, contribuindo para a erradicação de muitas doenças, evitando a morte de milhares de pessoas, assim, elevou-se a melhoria na condição do desenvolvimento humano, uma vez que diminuiu a mortalidade infantil, aumentou a qualidade vida; o avanço da medicina aliado às tecnologias e à robótica proporcionou o tratamento de muitas doenças que antes eram causadoras de milhares de mortes, aumentando, desse modo, a qualidade e a expectativa de vida.

Há consenso de que a fase da adolescência é marcada por conflitos e indecisões; momento de pensar nas projeções para o futuro; preocupações com a escolha profissional; período em que surgem as responsabilidades e as exigências. Nessa passagem da vida, a identidade é concebida a partir de uma mediação com o outro, ou seja, é através do relacionamento e da interação que o indivíduo vai construindo a representação de si, do mesmo modo que transmite uma imagem aos demais dos grupos sociais. “Dentro desta perspectiva, definimos identidade como um processo de apresentação e atribuição de qualidades a um sujeito, segundo sua cultura, atitudes, aparência e também da expressão de seus valores” (MEUCCI; MATUCK, 2005, p. 2 *apud* MUNIZ; XAVIER; SANTANA, 2019).

Muitos foram os teóricos que debateram esse assunto sobre a adolescência como parte da evolução humana, destacando-se a teoria de conflitos de Erikson (1998) e a teoria do desenvolvimento biopsicossocial de Piaget (1975c) para falar sobre a adolescência e suas vicissitudes. Para versar sobre adolescência, é preciso que fique claro que o intuito desta pesquisa é falar da adolescência, considerando principalmente a perspectiva sociológica e psicológica, não haverá enfoque às mudanças a níveis fisiológicos embora seja possível fazer menção por considerar a importância de perceber o ser humano de forma holística.

Ao abordar as fases do ciclo vital humano em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, Erikson (1998) focando o ego e não o id como fez Freud, atribuiu 8 (oito) estágios psicossociais correspondentes às 8 (oito) crises do ego apresentadas em forma de contraste tipológico: a) confiança básica x desconfiança básica; b) autonomia x vergonha e dúvida; c) iniciativa x culpa; d) diligência x inferioridade; e) identidade x confusão de identidade; f) intimidade x isolamento; g) generatividade x estagnação; e h) integridade x desespero.

Desses 8 (oito) estágios psicossociais, os quatro primeiros são atribuídos ao ciclo vital da infância, o quinto (identidade x confusão de identidade) compreende o período da adolescência. Esse estágio é paradigmático e decisivo para o sujeito prosseguir na vida superando os contrastes negativos que, por ventura, possam se apresentar nos demais estágios psicossociais vindouros. É por ocasião da passagem dessa etapa vital que o adolescente sai do ambiente cômodo da proteção familiar para um mundo que requer formas mais elaboradas de pensar, ambientes onde são exigidos comprometimento, responsabilidade e dedicação, período de extremos, antagonismo entre mais liberdade e, ao mesmo tempo, as exigências de maiores responsabilidades e anseios para a fase vindoura. Momento de pensar sobre si mesmo e decidir o que irá se tornar (ERIKSON, 1998).

O sexto estágio psicossocial ou final da adolescência, o da generatividade *versus* estagnação, é o mais duradouro e corresponde ao início da vida adulta. Trata-se da maturidade do estágio da vida adulta. É a maior parte da vida ativa do ser humano e de suas realizações mais significativas: os deveres, as obrigações e as responsabilidades, assim como conquista e efetivação de profissão/trabalho/ensino e constituição de família. Ou seja, projetar-se produtivamente e deixar seu legado positivo para a geração posterior. Se assim o for, o indivíduo conseguiu alcançar o desenvolvimento saudável ao superar os desafios, positivamente. Caso não tenha essa possibilidade de postergação de um legado de feitos, o indivíduo estagnou e tende ao isolamento profundo, o que Erikson (1998) considera como algo trágico, pior do que a morte.

Para Piaget (1993), a adolescência não deve ser compreendida apenas como uma

faixa etária cronologicamente atingida pelo ciclo natural da vida como se fosse uma partitura desconexa na existência do ser. Para o genebrino, a adolescência comporta imbricadamente três elementos: o pensamento, a personalidade e a integralização da/com a sociedade adulta.

Nessa perspectiva, nos(as) adolescentes, por se tratar de seres relacionais intensos, a formação da identidade também é fecunda em sua relação com o mundo e se desenvolve através de identificação cultural, social, política, religiosa etc. A identidade é como o sujeito se vê e como é visto perante os outros, assim se apropria da realidade configurando-se em pensamentos e ações individuais, concomitantemente sociais e heterogêneas (ERIKSON, 1998).

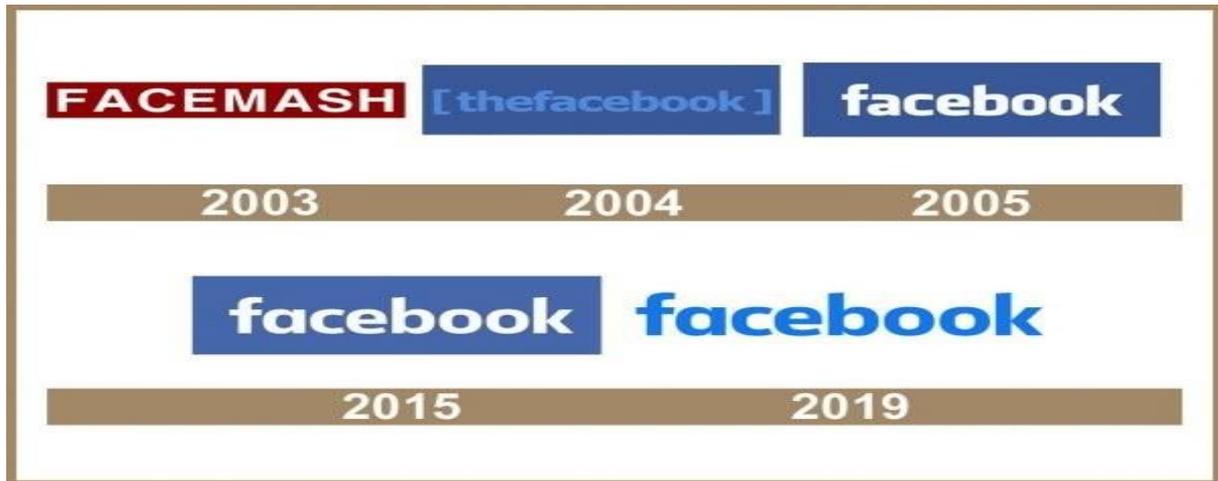
Nesse sentido, identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são suas crenças, quais são os seus valores e quais as direções que deseja seguir ao longo da vida. O autor explicita que identidade é uma concepção de si mesmo composta de princípios morais e éticos, assim como metas e objetivos com os quais o indivíduo está dialeticamente comprometido. Deste modo, a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais aos quais o sujeito está exposto e inserido, tanto em âmbito global quanto comunitário local).

A construção da identidade se dá por um processo de internalização social que vai se constituindo ao longo da vida. Na adolescência, os indivíduos passam a reavaliar antigas condutas e começam a se projetar para o futuro, uma nova etapa que requer postura e comprometimento frente à realidade que se desvela no decorrer do ciclo da vida, tendo maior significado e intensidade no período da adolescência (ZACARÉS, 1997).

### **3.3 O *Facebook* e a influência na formação da identidade**

A breve história da maior e mais popular rede social digital do planeta, o *Facebook*, também tem evoluído em termos de logomarcas que vêm acompanhando as mudanças e as transformações de acordo com o olhar dos(as) internautas e suas preferências de designer:

Figura 1 - *Facebook* logo PNG



Fonte: Marcas-logos (2021).

Na realidade, na breve história do *Facebook* do ano de 2003, da criação da primeira logomarca *Facemash* até o modelo da logo atual, muitas transformações, da plataforma *Facebook* aconteceram, visando atender às expectativas dos usuários de forma espetacular, não diferente do conteúdo que se iniciou como um mero diretório de fotos virtuais on-line e atualmente é um conglomerado de serviço de mídia/rede social de alcance global. A conexão com o *Facebook* é um fenômeno presente no dia a dia das pessoas que tem transformado a informação, a comunicação e o modo de interação entre seus participantes, permitindo a exploração de diversificados conteúdos por meio do uso desse recurso midiático social digital, de forma célere e ampla, inclusive no âmbito educacional, possibilitando a troca de ideias e as atividades pedagógicas entre alunos(as) e professores(as).

No *Facebook*, cabe ressaltar que a maioria das ferramentas fazem relações umas com as outras, pois permitem compartilhamentos entre si. Já os intitulados grupos, permitem ações com respostas bem rápidas ou simultâneas, compartilham arquivos, textos, fotos e assuntos em comum. Os grupos são uma ótima opção para o âmbito acadêmico ou escolar, pois reúnem dentro de si os mesmos interesses.<sup>21</sup>

Não raro tem se escutado a brincadeira, sobretudo entre os jovens: “se não está no *Facebook* é porque não é oficial”. Essa expressão carrega em sua semântica que é inacreditável no atual estado de coisas que ainda tenha alguma pessoa que não utilize essa rede social para interagir e se relacionar com os demais. Realmente, não é pra menos, pois conforme pesquisa da companhia internacional Statista, no primeiro semestre deste ano de 2021, o *Facebook* foi a mídia social mais utilizada, com 2.797 bilhões de usuários mensalmente ativos no planeta. Sem

<sup>21</sup> LIMA, H. O. **O uso das redes sociais na prática docente** - uma experiência no colégio estadual Euclides da Cunha. Jardim Goiás: Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <http://www.brasilecola.com>. Acesso em: 11 set. 2021.

dúvida, o *Facebook* é a maior das mídias sociais digitais, a mais popular, a mais versátil e a mais completa do mundo e, por conseguinte, do Brasil, com 130 milhões de usuários ativos, seguida de Whatsapp, 120 milhões; Youtube, 105 milhões; Instagram, 95 milhões e seguem as demais.<sup>22</sup>

As pesquisas mais recentes mostram que, da virada do ano de 2020 para 2021, em razão da Pandemia da Covid-19, diversas e intensas mudanças de hábitos no tocante ao uso dos recursos de mídias/redes sociais digitais ocorreram em todo o mundo, como por exemplo, o aumento do uso das mídias para consumo e aquisição de produtos e serviços na forma *delivery* ao consumo de informações das mais variadas formas. Isto, inclusive, mudou o posicionamento de forma significativa no ranking das redes sociais digitais mais usadas no Brasil, bem como aumentou o tempo que os/as brasileiros/as ficaram conectados à internet, aumentando de 3 horas e 31 minutos para 3 horas e 42 minutos em média, o que deixou o Brasil atrás somente das Filipinas e da Colômbia, e por pouquíssimos minutos.<sup>23</sup>

Sequencialmente ao Brasil, seguem Colômbia, Nigéria, Argentina, Indonésia, Emirados Árabes, México, África do Sul e Egito. “O que percebo da lista acima é que todos esses países possuem problemas com distribuição de renda, educação, segurança, saneamento básico e, pasmem, algumas pessoas destas nações não possuem os serviços básicos, mas possuem um celular com acesso à *Internet*”, comenta o redator da matéria no site, Davis da Silva<sup>24</sup>, com quem corroborou-se tal assertiva.

Ressalta-se que atualmente deriva da versão original do *Facebook* a versão *Facebook Lite*, considerada mais leve e adequada para celulares mais antigos ou para a internet lenta, que consome menos dados móveis e é apropriada para conexões 2 G ou mais lentas. O Facebook original ou *Facebook Inc.* é um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social com sede em Menlo Park, Califórnia. Acrescenta-se também que acoplado ao *Facebook* tem a ferramenta de mensagens instantâneas Messenger. Em 2012, o *Facebook* comprou o Instagram e, em 2014, a companhia *Facebook* também adquiriu o WhatsApp.<sup>25</sup>

<sup>22</sup> REBELATTO, G. **Facebook é a rede social mais usada no primeiro semestre de 2021**. São Paulo: SEGS, 2021. Disponível em: <https://www.segs.com.br/info-ti/297933-facebook-e-a-rede-social-mais-usada-no-primeiro-semester-de-2021>. Acesso em: 13 set. 2021.

<sup>23</sup> VOLPATO, B. **Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021, com insights e materiais gratuitos**. 2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 21 set. 2021.

<sup>24</sup> SILVA, D. “As 10 maiores Redes Sociais no Brasil”. **Jornal Conexão**, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://jornalconexao.com.br/2021/05/06/davis-da-silva-as-10-maiores-redes-sociais-no-brasil/>. Acesso em: 13 set. 2021.

<sup>25</sup> Redes Sociais. **O que são redes sociais**. As redes sociais digitais são uma subcategoria das mídias sociais digitais. Em outras palavras é válido dizer que toda rede social é uma mídia social já o contrário não o é. As redes sociais fazem parte de um espaço onde as pessoas se relacionam, interagem, expõem e trocam suas ideias e interesses comuns. As mídias sociais digitais, além de englobarem as redes sociais digitais, as mídias sociais digitais funcionam como canal de informação, divulgação e compartilhamento de conteúdos, como envio de texto via e-

Mas, não é somente isso. O *Facebook*<sup>26</sup> é, atualmente, uma rede social no âmbito das mídias sociais digitais com funções mais abrangentes, focando o relacionamento entre seus usuários por meio de conexão virtual. As demais redes sociais, de entretenimento, profissional e de nicho também desempenham a função de interação, mas não tanto quanto o *Facebook*, cuja finalidade maior é a de possibilitar o relacionamento interativo entre os navegantes da rede com troca de conteúdo, formação de grupos de estudos, serviços sociais e educativos diversos.

O termo *Facebook* significa “livro de caras”, onde “*face*” significa cara (s) e “*book*” significa livro. Todavia, em sentido técnico-tecnológico, digital e virtual,

O Facebook é uma plataforma de comunicação *on-line*, caracterizada pela mídia como rede social, que tem como objetivo promover o contato entre os atores sociais nela inseridas. Por intermédio deste *site*, os atores podem trocar mensagens com objetivos variados. O programa é caracterizado por uma multiplicidade de possibilidades de interação: lúdicas, profissionais, políticas e de cidadania. (SOBRINHO; ANTUNES; WANDERBROOK, 2016, p. 51).

Os idealizadores do “*Face*”, os estadunidenses Mark Zuckerberg (de origem judaica), Andrew MacCollum, Dustin Mosovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin (brasileiro), estudantes da Universidade de Harvard, lançaram o *website on-line* do “*Face*” com o nome de *Facemash* em 28 de outubro de 2003, com o propósito de conectar/interligar páginas de seus usuários, inicialmente os(as) alunos(as) do *campus* universitário para que pudessem partilhar/compartilhar informações pessoais, fotos, ideias, fatos e notícias, criando redes e grupos de contatos.

Zuckerberg estava no segundo ano do curso de Psicologia quando escreveu o código do *software* para esse *website*, desenhado para os estudantes de Harvard, que permitia aos seus visitantes votar na pessoa mais atraente, com base em duas fotografias de estudantes, apresentadas lado a lado, provenientes da base de dados de identificação dos alunos daquela instituição. A esta iniciativa aderiram 450 visitantes e foram registradas mais de 20.000 visualizações de fotografias, apenas nas primeiras 4 horas *online*. Alguns dias depois, o *Facemash* foi desativado pelo Conselho de Administração de Harvard, que acusou Zuckerberg de ter violado as regras de segurança informática e de invasão de privacidade ao ter utilizado as fotografias do facebook da universidade. (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 169).

O *Facebook* foi criado oficialmente no ano de 2004. Porém, antes de sua

---

mail, podcast, imagem, animação etc. É tudo que se publica na internet socialmente. No caso das redes sociais digitais são locais (ciberespaços) ou plataformas de interação de postagens entre pessoas. **As redes sociais atualmente.** U R G B . **Mídias sociais x Redes sociais.** Qual a diferença? [20--]. Disponível em: <https://www.rgb.com.br/midias-sociais-x-redes-sociais-qual-a-diferenca>. Acesso em: 13 mar. 2021.

<sup>26</sup>SIGNIFICADOS. **Significado de Facebook.** Leça do Balio, PT: 7 graus, 2014. Disponível em: <https://www.significados.com.br/facebook/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

criação oficial em 2004, em 2003, inspirados em álbuns/livros de fotografias de colegas ou de turmas, visou-se identificação/interação de discentes no início do ano letivo por algumas administrações de estabelecimentos escolares/universitários nos EUA<sup>28</sup>. Mas, Zuckerberg, aluno de Psicologia em Havard, veria seu projeto e de seus amigos, o *website Facemash* ser interrompido temporariamente. Contudo, não desistindo da ideia, Zuckerberg, no ano seguinte, 2004, continuou com seu objetivo, redefinindo outro *website* com o nome de *The Facebook* que passou a funcionar dentro das normas e das diretrizes da Universidade.

Em janeiro de 2004, Zuckerberg começa a definir o código para um novo website com o nome *The facebook*, referindo num artigo do jornal diário, *Harvard Crimson*, que o incidente do *Facemash* serviu de inspiração para a criação do *The facebook*, mas que, ao contrário do primeiro, foi criado de forma a cumprir todas as regras de segurança e privacidade de Harvard (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 170).

Deste modo, estava dando largada aquela que se tornaria a mídia social digital mais popular e mais abrangente do planeta. O atual *Facebook*, um *website* gratuito com múltiplos serviços digitais virtuais que possibilita, entre suas diversas funções, as práticas educativas digitais formais, não formais e, principalmente informais. Tais práticas abririam caminho para um mundo de possibilidades e dinâmicas capazes de corroborar com os níveis de conhecimento, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e também da transdisciplinaridade. Dessa forma, as descobertas na rede e a interação dos usuários têm papel importante na formação identitária do sujeito na perspectiva de “três tipos de atividades: publicar informação pessoal relevante numa página individual com o seu perfil, ligar-se a outros utilizadores e criar listas de amigos, e interagir com outros utilizadores” (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 168).

Nessa perspectiva, destacou-se que o uso da rede social *Facebook*, através das práticas educativas digitais favorece um mundo de possibilidades imperativas e indissociáveis do processo de ensino-aprendizagem. Consequentemente, tais práticas influenciam na formação/construção da identidade, especialmente de jovens adolescentes. Nesse sentido, as práticas educativas digitais por meio das NTDIC têm se tornado um meio e uma estratégia formativa, interativa, transformativa individual e/ou coletiva, seja em caráter formal, não formal ou informal nas dimensões culturais, sociais, econômicas, informativas e comunicativas (BAXTO; CARNEIRO, 2019).

Com efeito, enfatiza-se que não existiria *Facebook*, como rede no âmbito das mídias sociais digitais, se não fosse o advento da internet, tal como ela o é hoje: uma rede de sistema de computadores interligados cujo ponto comum é ser uma série de “protocolos e

serviços, de uma forma que os usuários conectados possam usufruir de serviços de informação e comunicação de alcance mundial através de linhas telefônicas comuns, linhas de comunicação privadas, satélites e outros serviços de telecomunicações” (MORAIS; LIMA; FRANCO, 2012, p. 41).

Todavia, se o advento da internet, por meio das mídias sociais digitais, se apresenta como um sistema global de conexões e interconexões para informações, comunicações e construção cooperativa em rede (LEVY, 1999), ela também proporciona e produz, sobretudo para crianças e adolescentes, riscos e malefícios em razão da autonomia e das liberdades proporcionadas aos seus usuários. Nesse sentido, lembra-se da fala de Bauman (2005) quando ressalta a dicotomia liberdade/segurança aplicada às redes sociais. Em sua perspectiva, ao mesmo tempo em que se tem mais e maior liberdade, como é o caso das relações interativas nas redes sociais, perde-se mais a segurança de privacidade.

Por outro lado, quanto mais utilizam-se estratégias de segurança, diminuem-se ou restringem-se liberdades. Destarte, as redes sociais não proporcionam somente perspectivas e benefícios. Especificamente, a companhia/conglomerado *Facebook* também pode causar malefícios aos seus usuários conectados, indo desde os delitos virtuais mais comuns de abuso de direitos<sup>27</sup>, como: *cyberbullying*, *cybermobbing* e *cyberstalking*, crimes contra a honra subjetiva (injúria)<sup>28</sup>, honra objetiva (calúnia, difamação e/ou falsa identidade)<sup>29</sup> das pessoas, aos crimes virtuais de assédios moral, sexual, pornográfico e/ou “revanche pornô”<sup>30</sup>, e aos malefícios emocionais e de ansiedades, como a síndrome do membro fantasma e a nomofobia.

---

<sup>27</sup> Na falta de tipificação no Código Penal Brasileiro, os delitos de abusos de direitos: *cyberbullying*, *cybermobbing* e *cyberstalking* são enquadrados nos artigos 186 e 187 combinado com o art. 927 do Código Civil do Brasil. *Cyberbullying* são ações de desrespeito, agressões físicas, psicológicas, humilhação praticadas sistematicamente nas mídias sociais digitais contra uma pessoa em geral envolvendo crianças e adolescentes dos/nos espaços educacionais. A prática do *bullying* leva as vítimas a desenvolver inúmeros problemas como: baixo rendimento escolar, faltar aulas, isolamento social etc. O *Cybermobbing* refere-se a atos persecutórios cometidos por grupo(s) de forma harmônica em local de trabalho contra um sujeito passivo que passa a ser marginalizado, desdenhado, exposto a situações humilhantes e constrangedoras. O *Cyberstalking* é a ação do *Stalker* de perseguir sua vítima molestando-a insistentemente sempre contra sua vontade seja com ameaça ofensiva de dano real ou atos lisonjeiros indesejados pela vítima. Tais práticas delituosas tendem levar suas vítimas a desenvolverem vários tipos de problemas de ordem física e psicológica, como: angústia, tristeza, stress, autoestima baixa, esgotamento, depressão, dores de cabeça, dores musculares, insônia, pressão arterial alta, falta ou excesso de apetite (WALLER, 2021; PRATA, 2014).

<sup>28</sup> Tipificado no artigo 140 do Código Penal Brasileiro (CPB).

<sup>29</sup> Artigos 138, 139 e 307, respectivos do Código Penal Brasileiro (CPB). O crime de falsa identidade (Art. 307-CPB) ocorre quando o agente “Atribui-se ou atribui a terceiro falsa identidade (perfis falsos ou *fakes*) para obter vantagem, em proveito próprio ou alheio, ou para causar dano a outrem.”

<sup>30</sup> Artigo 218-C (nova redação de tipo penal inserido por força da Lei 13.718/2018, com penalidade de 1 a 5 anos prevista ao invés de 3 meses a 1 ano e multa, como era antes, para quem disponibiliza, distribui, publica ou divulga cenas/imagens de: estupro de vulnerável, de sexo ou pornografia. Nessa mesma redação é incluído o tipificado o “Revanche Pornô”, quando um dos parceiros após o término do relacionamento disponibiliza, distribui, publica ou divulga vídeos de conteúdo sexuais ou imagens íntimas do outro sem a devida autorização.

A síndrome do membro fantasma seria um distúrbio da ordem da alucinação tátil, e não uma síndrome tecnicamente: o indivíduo sente o celular vibrando, mesmo quando não há vibração [...]. Já a nomofobia é o medo de permanecer sem conexão móvel, ainda não reconhecida por todos os estudiosos. Por ser fenômeno recente, definir um comportamento aditivo não é tarefa fácil. Alguns autores defendem a existência de dependência a serviços específicos como jogos ou SMS. (VIDAL; DANTAS, 2016, p. 75-76).

Além dos delitos e dos malefícios supracitados, outros danos são proporcionados pelas redes sociais digitais quando utilizadas de maneira errada. À guisa de exemplo, a pesquisa intitulada “Liberdade on-line? Como meninas e jovens mulheres lidam com o assédio nas redes sociais”, realizada pela Organização Não Governamental (ONG) Plan International com Redação de Júlia Vasconcelos e publicada no Brasil de Fatos de Recife Pernambuco em 21 de Outubro de 2020, registra que de 500 mulheres brasileiras ouvidas, 77% afirmam terem sofrido de assédio em ambiente virtual, sendo que a média global é de 58%.

A pesquisa também destaca a precocidade dos assédios haja vista que a maioria das entrevistadas afirmou ter sido assediada nas redes sociais entre 12 e 16 anos. Outro ponto da pesquisa que merece atenção é sobre o tipo de assédio mais comum mencionado pelas vítimas: 58% mencionaram o da linguagem insultuosa e abusiva, 54% mencionaram ter sofrido o *body Shaming* (incursões, opiniões, manifestações sobre o corpo) e 52% referem-se ao constrangimento proposital. Além desses, outros tipos de assédios, como: ameaças de violência sexual, racismo, lgbtfobias e perseguição virtual (*Cyberstalking*) também foram mencionados.<sup>31</sup>

O *Facebook* tem um papel abrangente e significativo no âmbito de comodidade interrelacional por juntar vários objetivos em uma única plataforma. O fluxo de informações dentro do campo do *Facebook* funciona como um conjunto de práticas culturais e educativas informais, uma vez que contribui para a formação de conhecimento que ajuda o adolescente a posicionar-se enquanto sujeito social, contribuindo para a formação de uma identidade que recebe múltiplas influências a nível macrogeográfico próprio da sociedade contemporânea.

No âmbito da educação, a utilização dessa rede social interfere na dinâmica relacional coletiva e individual, favorecendo a troca de informações e conteúdos de cunho tanto genérico quanto específico ou de interesse pessoal. Com isso, cria-se uma cadeia de ações e reações mediada pela ferramenta virtual, mas que se reflete na vida real, bem como nas relações interpessoais que formam e transformam perfis identitários. Com efeito, as redes

---

<sup>31</sup> VASCONCELOS, J. **77% das brasileiras sofrem assédio pela internet, aponta pesquisa**. Recife: Brasil de fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/21/77-das-brasileiras-sofrem-assedio-pela-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 13 set. 2021.

sociais servem não somente como veículo de informações e comunicações, mas de interações recíprocas, nas quais os usuários assimilam informações e interagem, exigindo criticidade, uma vez que há a possibilidade interativa direta com os conteúdos, tanto por comentários quanto por compartilhamentos, o que requer, dos usuários da rede, reflexão para expor suas opiniões e receber o feedback de como essas informações são acolhidas ou rechaçadas, tanto pessoalmente como pela comunidade virtual.

Considerando o sujeito como ser relacional e dinâmico, que se configura a partir das relações sociais de grupos e comunidades a que pertence, pode-se inferir que os emaranhados de ligações favorecidas pelas redes sociais em geral e, especificamente o *Facebook*, oportunizam um mundo para além do espaço físico, mas não menos importante, visto que as atividades virtuais se tornaram essenciais para o desempenho das funções rotineiras com maior comodidade, muitas vezes, sendo impossível dissociar as atividades desempenhadas nos espaços físicos aos suportes tecnológicos essenciais para um bom desempenho dos espaços tangíveis.

Da interação com o universo compartilhado no *Facebook* pode-se perceber a propagação de comportamentos, termos e expressões, especialmente na linguagem dos adolescentes, tais como: “sambar”, que significa fazer algo invejável; “shippar”, que significa aprovar o relacionamento de um casal; “trollar”, que significa aprontar algo com alguém; “lacrar”, “quem samba” ou quem arrasa; “spoiler”, que significa alguém que estraga prazeres adiantando sobre o desfecho de um tema; “crush”, que significa alguém por quem se está interessado, “cringe”, sinônimo de ultrapassado, cafona, dentre outros. Esses são exemplos de expressões ou gírias<sup>32</sup> que deixaram as salas virtuais de bate-papo e ganharam espaço na linguagem informal entre os jovens, configurando-se em uma nova forma de falar, mostrando que o *Facebook* pode contribuir para a aquisição de novos vocabulários, além de influenciar no comportamento de consumo, de aquisição de artefatos que garantam o padrão de pertencimento guiado à luz do brilho da ostentação real e virtual.

Deste modo, as redes sociais, como o *Facebook*, ao mesmo tempo em que proporcionam amplas e diversificadas alternativas e oportunidades interativas, também requerem adequações de seus usuários a certos padrões de grupos e, assim, a utilização da rede vai paulatinamente construindo, transformando e formando a identidade dos/as navegantes

---

<sup>32</sup> GUIMARÃES, G.; PIRES, M.; ALVEZ, N.; MILANI, V. **10 gírias que estão na boca dos jovens**. São Paulo: USCS, 2018. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/unibol/uscs/10-girias-que-estao-na-boca-dos-jovens.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 6 set. 2021.

da rede, sobretudo dos(as) jovens adolescentes. Certamente, o Eu constrói-se, transforma-se, forma-se e articula-se na medida em que há interatividade entre o Eu e o outro. Essa interatividade das relações sociais não é apenas comunicativa de um para com o outro ou do outro para com o eu. Essa forma de interagir e compartilhar faz com que o indivíduo se autoanalise, consigo e com o outro, levando-lhe a reflexões necessárias e suficientes para a compreensão de si e de seu contexto ou do mundo que lhe rodeia.

## 4 PROCEDIMENTOS, ANÁLISE E RESULTADOS DA/NA PESQUISA DE CAMPO

Nesta seção, delinearão-se os métodos, as técnicas e os principais procedimentos da pesquisa de campo e apresentaram-se o local, os caminhos, as estratégias, as técnicas/instrumentos, os sujeitos participantes e os demais procedimentos de como realizou-se a pesquisa de campo, no intuito de continuar o debate compreensivo e reflexivo sobre a utilização do *Facebook* associada às práticas educativas digitais e como essas práticas podem influenciar na formação/construção da identidade de discentes adolescentes de ambos os sexos do Ensino Médio.

Após a coleta e a geração de dados por meio do instrumento do questionário aberto, passou-se a utilizar a análise do discurso dos participantes como um método que busca a interpretação dos fenômenos; segundo a fala dos participantes, é uma atitude que exige esforço por parte do(a) pesquisador(a) em adotar uma postura fenomenológica, levando em consideração o contexto e a visão do pesquisado, sem se distanciar do propósito da pesquisa (BARDIN, 2011; MARCONI; LAKATOS, 1999).

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção. Após a análise qualitativa das falas dos sujeitos participantes, apresentaram-se os resultados obtidos mediante categorias que buscam classificar as temáticas que reúnem elementos em comum a respeito da interferência das redes sociais digitais na construção da identidade, com o fito de clarificar os fenômenos à luz do referencial teórico que embasa a parte qualitativa, corroborada com a parte quantitativa dos dados empíricos obtidos, analisados, interpretados e apresentados como resultados da/na pesquisa (CHIZZOTTI, 2011; MARCONI; LAKATOS, 1999).

### 4.1 Identificação do *locus* da pesquisa

A pesquisa ocorreu no âmbito da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (E.E.M.T.I) - Governador César Cals de Oliveira Filho, situada a Av. Juscelino Kubitschek, 385 - Alto São Francisco, Quixadá - CE, CEP: 63908-230/Telefone: (88) 3445-1061, atualmente sob a direção do professor José Auci Meneses Maia Filho, a quem fora solicitada a autorização por escrito, conforme consta no Apêndice 1 desta pesquisa.

Figura 2 – E.E.M.T.I - Escola Ensino Médio em Tempo Integral Governador César Cals de Oliveira Filho



Fonte: Google Maps (2021).

#### 4.2 Critérios de seleção do público-alvo e da rede social

Os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa atendem aos seguintes requisitos: a) ser aluno ou aluna adolescente, estando na faixa etária entre 13 e 17 anos; b) pertencer à comunidade escolar da E.E.M.T.I – Governador César Cals de Oliveira Filho, Escola Ensino Médio em Tempo Integral em Quixadá-CE; c) estar regularmente matriculado/a no Ensino Médio; d) ser usuário da rede social *Facebook*; e) estar entre os 13 (treze) primeiros sujeitos participantes em responder o questionário aberto pelo *Google Forms* enviado por e-mail.

Com relação ao critério de inclusão da rede social *Facebook*, a escolha leva em conta, além de ser a mídia/rede social maior e mais popular do mundo e do Brasil, a viabilidade didático-pedagógica em relação às práticas educativas digitais, podendo envolver a comunidade escolar, a instituição e a sociedade em geral. Nessa ótica, no menu do *Facebook* ficam disponíveis opções para criar: publicações (com a possibilidade de selecionar somente as pessoas com quem intenciona-se compartilhar os conteúdos); stories (de fotos ou de textos); sala (de convites para debates, estudos etc.); páginas (para adicionar contatos, tópicos, imagens, informações etc.); anúncios (usando textos, fotos ou vídeos); grupos (de publicações, pesquisa, etc.); eventos (para bate-papo de vídeo com salas de Messenger, transmitindo por *Facebook* live ou por *link* externo). Além disso, o *Facebook* dispõe uma coluna com serviços direcionados para diferentes campos, tais como: social, entretenimento, compras, recursos comunitários,

infantil, dentre outros.

Assim como o *Facebook*, outras redes permitem ações similares, mas vale destacar que esta permite em si, ações completas dentro das muitas possibilidades, a criação de eventos, para anunciar alguma ação, e conseguir manter o diálogo entre os membros. Já as mensagens ou bate papos, têm a função de acordo com a pretensão do usuário, quer esteja *online*, ou não. Muitas dessas ferramentas poderão interagir com a rotina de estudantes de diversos níveis, bem como o uso pedagógico do professor, podendo desta forma, auxiliar os métodos avaliativos e de integração desta geração nativa digital.<sup>33</sup>

O “*Face*” permite publicações mais detalhadas de conteúdo, através de textos, imagens e gifs com maior abrangência, possibilitando ao usuário múltiplas alternativas de se comunicar, interagir, compartilhar links de sites, vídeos mais longos, grupos de pesquisa, blogs etc. Outra ferramenta positiva é a oportunidade de usar as alternativas de intervalos entre os vídeos, quando se faz necessário monetizá-los. A disponibilidade dos grupos do/no *Facebook* é outra ferramenta bastante interessante, pois através deles realizam-se debates e divulgações, inclusive de cursos, eventos e outras atividades didático-pedagógicas.<sup>34</sup>

### 4.3 Aspectos éticos da pesquisa

Os (as) discentes foram convidados (as) a responder um questionário aberto de 16 (dezesseis) questões, o qual foi enviado via e-mails solicitados à escola na qual estudam, com garantia de anonimato. Ao serem referenciados nesta pesquisa, os participantes serão identificados apenas com a letra Z, indicando serem da geração Z, nascidos/as entre 1996 e 2010 e terem entre 13 anos e 17 anos, observando o que preceituam os documentos oficiais quanto à idade regulamentar de permissão a ter perfil no *Facebook*<sup>35</sup> e estar na faixa etária da adolescência (esta última no caso da legislação brasileira). Ressalte-se que os/as Z desta pesquisa participam de forma livre, esclarecida e espontânea, sendo que os/as discentes, por serem menores de idade, foram previamente autorizados pelos pais ou responsáveis após tomarem ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de

<sup>33</sup> LIMA, H. O. **O uso das redes sociais na prática docente** - uma experiência no colégio estadual Euclides da Cunha. Jardim Goiás: Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <http://www.brasile scola.com>. Acesso em: 11 set. 2021.

<sup>34</sup> NATAL, F. **Facebook vs Instagram: qual a melhor rede social para as empresas?** São Paulo: Canaltech, 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-vs-instagram-qual-a-melhor-rede-social-para-as-empresas-144647/>. Acesso em: 13 set. 2021.

<sup>35</sup> PRASS, R. **Facebook: por que somente usuários com mais de 13 anos podem criar um perfil na rede social?** Rio de Janeiro: Globo.com, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/blog/ronaldo-prass/post/2019/01/13/facebook-porque-somente-usuarios-com-mais-de-13-anos-podem-criar-um-perfil-na-rede-social.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2021.

Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ea direção escolar, também, assinou o Termo de Autorização para disponibilizar acesso aos e-mails dos “Zs”, conforme Apêndices 2, 3 e 4, respectivamente.

#### 4. 4 Da técnica do questionário aberto como instrumento de pesquisa

Segue o questionário aberto enviado aos adolescentes discentes da escola supracitada. O questionário contém 16 questões e foi enviado a 13 alunos, de ambos os sexos. Esclarece-se que, embora sejam 16 questionamentos, 3 (três) são de caráter identificatório do perfil e os demais, ou seja, os outros 13 (treze) restantes se condensam na perspectiva de compreensão das categorias principais: *Facebook* (utilização); Práticas Educativas Digitais e Formação de Identidade.

Tabela 2 - Instrumento de pesquisa quali-quantitativa

<b>QUESTIONÁRIO ABERTO</b>	
1	Gênero?
2	Idade?
3	Escolaridade?
4	É usuário do <i>Facebook</i> ?
5	Qual a frequência que você acessa a rede social <i>Facebook</i> ?
6	A interação no <i>Facebook</i> já proporcionou conhecimento sobre lugares, assuntos/ou culturas novas? Em caso de resposta positiva, poderia compartilhar de forma breve tal experiência?
7	Você costuma fazer postagens na rede social <i>Facebook</i> , se sim, quais os tipos de postagens mais frequentes?
8	As postagens no <i>Facebook</i> são privadas só para amigos ou são abertas ao público dentro e fora do <i>Facebook</i> ?
9	Em sua opinião, o <i>Facebook</i> pode proporcionar o conhecimento de notícias e/ou temáticas relevantes pra vida em sociedade e para educação?
10	No <i>Facebook</i> , você já se deparou com assuntos relacionados à política, ao machismo, ao feminismo, ao racismo, à homofobia, a jogos, à moda, às tecnologias, à educação, dentre outros assuntos?

- 11 Você acha que a interação no *Facebook* e o contato com informações diversas podem contribuir para sua educação?

---

- 12 Em sua opinião, a abrangência do *Facebook* facilita de alguma forma o processo educativo, ajudando na aquisição de novos conhecimentos através de pesquisa?

---

- 13 Você utilizou algum conhecimento adquirido no *Facebook* que possa ter contribuído de alguma forma para o desenvolvimento de novas ideias, formação pessoal e escolar?

---

- 14 Você já tomou conhecimento de temas polêmicos através do *Facebook*, quais? Descreva brevemente.

---

- 15 O contato com informações dentro do *Facebook* te fez adquirir opiniões ou valores a respeito de determinados assuntos que você, seus amigos e familiares julgam positivos?

---

- 16 Você mantém de alguma forma, interação com sua escola ou outros centros de ensino, professores/as, colegas de seu curso e/ou de cursos de outros centros de ensino?

---

Fonte: elaborada pela autora.

#### 4.5 Análise de dados/informações e apresentação dos resultados

Conforme o objetivo proposto, a coleta de dados se deu visando compreender a influência do *Facebook* na formação/construção da identidade de jovens adolescentes em geral e especificamente de discentes do ensino médio de uma escola da rede pública municipal de ensino do estado do Ceará. Deste modo, os dados e as informações colhidos/gerados foram transcritos, tratados e interpretados em consonância com a análise de conteúdo de Marconi e Lakatos (1999), Bardin (2011) e Chizzotti (2011) e com o referencial teórico aqui utilizado, sendo sua organização disposta em categorias, de acordo com a emergência dos discursos, conforme é possível constatar nos tópicos adiante.

Ao empregar a técnica do instrumento do questionário aberto, possibilitou-se que algumas falas dos sujeitos questionados fossem transcritas, integralmente, caracterizando, assim, a pesquisa de abordagem mista (quali-quantitativa). Por outro lado, existe também a busca compreensiva das práticas subjetivas humanas que vem à tona através das escritas e das ideias dos sujeitos participantes, o que caracteriza a parte qualitativa da pesquisa.

Deste modo, para além da interpretação representativa e quantitativa dos gráficos, as informações/respostas fornecidas pelos sujeitos questionados foram interpretadas através da análise de conteúdo e do discurso. Esses recursos exigem esforços por parte do(a) pesquisador(a) em adotar uma postura fenomenológica, levando em consideração o contexto e a visão do pesquisado, sem se distanciar do objeto da pesquisa e de seu intuito principal. A intenção da análise quantitativa representada pelos percentuais e a descrição gráfica dos conteúdos buscaram obter conhecimento complementar e dialógico da realidade pressuposta

(MARCONI; LAKATOS, 1999; BARDIN, 2011; CHIZZOTTI, 2011).

No que diz respeito à análise do discurso, após interpretação das narrativas apresentaram-se simultaneamente os resultados, justificando as categorias principais de análise previamente definidas de forma concatenada com as falas e com os percentuais das respostas subjetivas, buscando vincular as narrativas às temáticas, reunindo e interpretando elementos comuns concernentes às práticas educativas digitais no uso da rede social *Facebook* e sua respectiva influência na formação/construção da identidade, buscando embasar os fenômenos analisados à luz do referencial teórico embasadores da pesquisa.

As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 262).

O referido instrumento de pesquisa, contendo 16 perguntas abertas, foi encaminhado, por meio do formulário eletrônico on-line *Google Forms*: [https://docs.google.com/forms/d/1sKKzuOOxAja1RIEsLpI20nv\\_0uqvmPYoE\\_mtTore8sE/edit](https://docs.google.com/forms/d/1sKKzuOOxAja1RIEsLpI20nv_0uqvmPYoE_mtTore8sE/edit), para que 13 (treze) discentes, de ambos os sexos, matriculados no Ensino Médio, respondessem de forma espontânea, garantido o anonimato e sendo estes/as referenciados/as apenas como Z, designação geracional do ponto de vista sociológico comportamental, seguido do respectivo número cardinal.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

Após a recolha, a análise e a interpretação das respostas, estas são discutidas (após as quatro primeiras perguntas necessárias sobre o perfil dos/as participantes) na perspectiva de 3 (três) eixos ou dimensões principais, considerando o objetivo geral e específico da pesquisa: *Facebook* (frequência de uso), Identidade (formação), Educação (práticas educativas), conforme demonstra a pesquisa que segue:

## 1. Quanto ao gênero dos/as participantes da pesquisa

Tabela 3 - Distribuição percentual considerando a frequência e a percentagem quanto ao gênero dos/as 13 (treze) adolescentes pesquisados (as). (Ceará, 2021).

GÊNERO	FREQ.	PERCENT.
Masculino	8	62.00
Feminino	5	38.00
Total	13	100.00

Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 1 - Representação quanto ao gênero dos (as) jovens Pesquisados(as)



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme tabela acima, dos/as 13 (treze) adolescentes participantes da pesquisa, 8 (oito), correspondendo a 62%, são do sexo masculino e 5 (cinco), correspondendo a 38%, são do sexo feminino. Essa pergunta é necessária, pois coaduna com o que é estabelecido nos critérios de inclusão dos sujeitos do público-alvo deste estudo, ou seja, pessoas de ambos os sexos foram incluídas (GIL, 2008; PRODANOV; FREITAS, 2013).

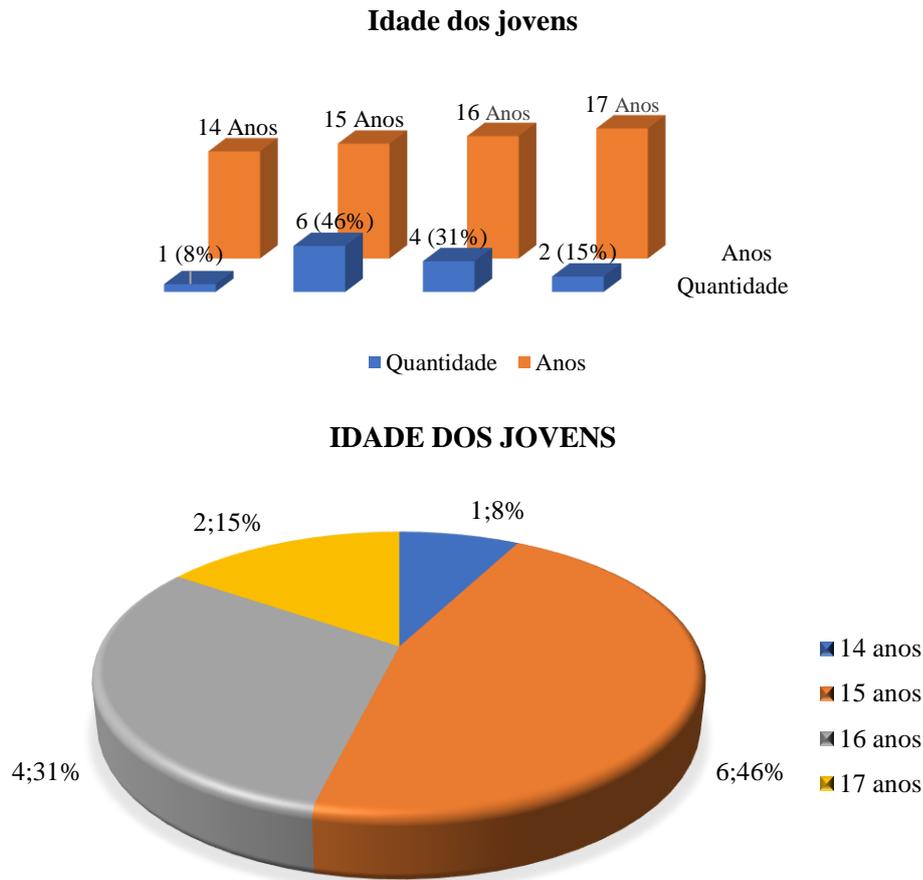
## 2. Qual a sua idade?

Tabela 4 - Distribuição percentual considerando a frequência da idade e a percentagem dos(as) jovens pesquisados (as). (Ceará, 2021).

IDADE	FREQ.	PERCENT
14 anos	1	8.00
15 anos	6	46.00
16 anos	4	30.00
17 anos	2	15.00
Total	13	100.00

Fonte: Elaborada pelo autor.

Gráfico 2 - Representação a partir da idade dos (as) jovens pesquisados (as)



Fonte: Elaborado pela autora

A segunda indagação referente à faixa etária é indispensável em razão do propósito da própria temática, da problemática, da justificativa, dos objetivos e da definição do público-alvo a ser pesquisado (MARCONI; LAKATOS. 1999), ou seja, o critério de inclusão estabelecido aos sujeitos participantes é que fossem adolescentes discentes do Ensino Médio na faixa etária entre 13 (treze) e 17 (dezesete) anos de idade. Assim, conforme apurado participaram da pesquisa adolescentes discentes na faixa etária entre 14 e 17 anos, sequencialmente: 1 (uma) pessoa com 14 (quatorze) anos de idade, o que corresponde a 8%; 6 (seis) pessoas com 15 (quinze) anos, o que corresponde a 46%; 4 (quatro) pessoas de 16 (dezesesseis) anos, representando uma porcentagem de 30% e 2 (duas) pessoas com 17 (dezesete) anos, representando um percentual de 15%. Essa questão corrobora com as assertivas de que os participantes desta pesquisa contemplam unanimemente a geração “Z” (Centennials), ou seja, são pessoas que nasceram entre 2005 e 2008 e que atualmente têm entre 14 e 17 anos de idade.

### 3. Qual a sua escolaridade? (referente ao ano do Ensino Médio)

Primeiro Ano do Ensino Médio	10
Segundo Ano do Ensino Médio	0
Terceiro Ano do Ensino Médio	3

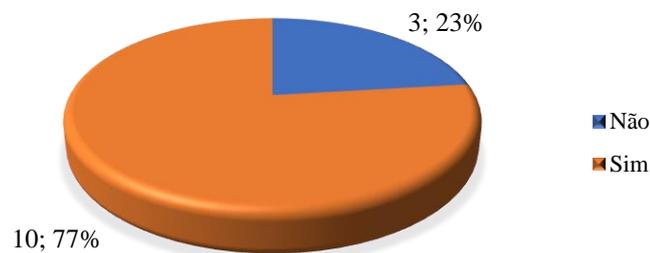
Tabela 5 - Distribuição percentual considerando a frequência e a percentagem quanto ao ano de escolaridade do Ensino Médio dos(as) discentes pesquisados(as). (Ceará, 2021).

ESCOLARIDADE	FREQ.	PERCENT
1º Ano do Ensino Médio	10	77.00
2º Ano do Ensino Médio	0	0.00
3º Ano do Ensino Médio	3	23.00
Total	13	100.00

Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 36 - Representação do nível de escolaridade dos (as) jovens pesquisados (as)

#### ESCOLARIDADE DOS JOVENS



Fonte: Elaborado pela Autora.

Conforme as respostas coletadas quanto ao ano do Ensino Médio cursando, os/as participantes estão assim distribuídos: Primeiro Ano, 10 (dez) discentes participaram da pesquisa; Segundo Ano, 0 (zero) participante e Terceiro Ano, 3 (três) adolescentes discentes responderam à pesquisa. Essa pergunta se justifica mesmo que nos critérios de inclusão tenha-se esclarecido que os(as) participantes da pesquisa teriam de ser do Ensino Médio, esta modalidade tem as suas subdivisões em 1º (primeiro), 2º (segundo) e 3º (terceiro) anos, o que despertou o interesse em querer saber qual o ano estava cursando nosso sujeito participante.

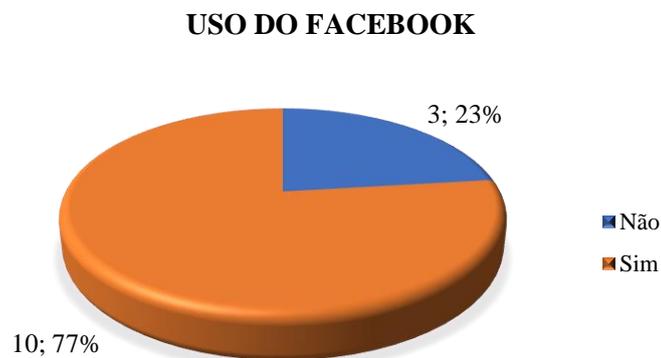
#### 4. É usuário do *Facebook*?

Tabela 6 - Distribuição percentual sobre a utilização do *Facebook* pelos(a) adolescentes discentes pesquisados (as). (Ceará, 2021).

USA <i>FACEBOOK</i>	FREQ.	PERCENT
Sim	10	77.00
Não	3	23.00
Total	13	100.00

Fonte: Elaborada pelo autor.

Gráfico 4 - Representação sobre a frequência no uso do *Facebook*



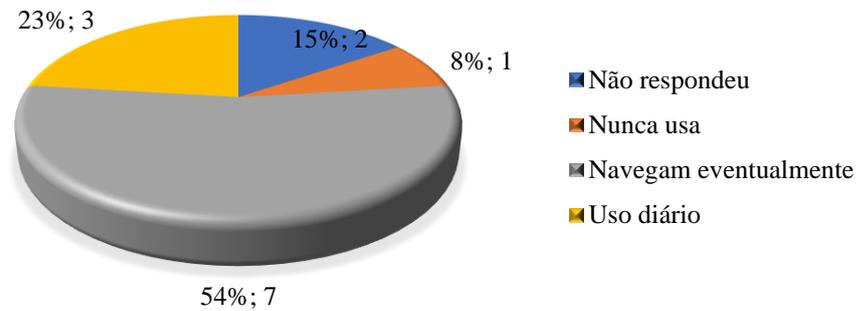
Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme dados informativos demonstrados acima, dos 13 (treze) adolescentes pesquisados, 10 (dez) fazem uso da rede social *Facebook*, o que corresponde ao percentual de 77% sem distinção de sexo, pois não há esse quesito de separação dos sexos para o estudo nem nos objetivos e nem nos critérios de inclusão dos sujeitos pesquisados. E, apenas 3 (três) dos (as) participantes, o que corresponde a 23%, disseram não utilizar o *Facebook*. Esta assertiva vem a confirmar a popularidade e a preferência pela rede *Facebook* também pelos “Centennials” ou geração “Z”.

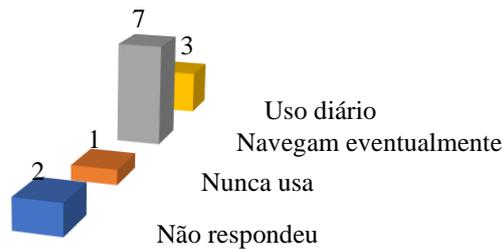
5. Qual a frequência que você acessa a rede social *Facebook*?

Gráfico 5 - Representação sobre a frequência no uso do *Facebook* pelos (as) jovens adolescentes discentes pesquisados(as)

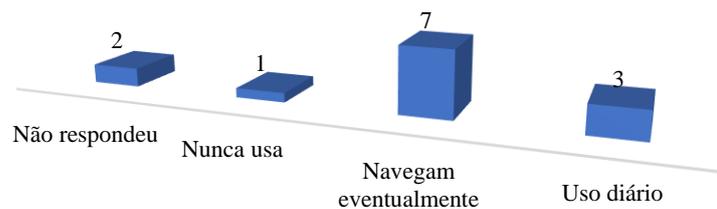
**FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO**



**Frequência de Utilização**



**Frequência de Utilização**



Fonte: Elaborado pela autora.

Consoante o coletado nessa questão dos (as) 13 (treze) “Zs”, 10 (dez) que usam a rede *Facebook* responderam à questão, sendo que 7 (sete) dos indagados afirmaram usar a rede social *Facebook* eventualmente e 3 (três) a usam, diariamente. É fundamental destacar que dentre esses dez, o Adolescente Discente 1 (Z1) respondeu fazer uso da rede “todos os dias”; o Z2 diz fazer uso do “Face” “Em torno de 3 horas e meia”; o Z9 diz usar diariamente e os demais, Z3, Z5, Z6, Z7, Z8, Z10 e Z11 afirmam utilizar a rede social *Facebook* eventualmente. O Z11

vai mais além, afirmando que utiliza mais o Instagram, o *Facebook* “Só as vezes, pra compartilhar memes”

Com relação às respostas do Z2, que diz usar a rede *Facebook* “Em torno de 3 horas e meia, e do Z11, que afirma usar o *Face* “para compartilhar memes”: a primeira resposta, a do Z2, ao afirmar que navega “em torno de 3 horas e meia na rede social *Facebook*, corrobora com a média geral de tempo que os usuários brasileiros ficam nas redes sociais digitais, pois nesse contexto, segundo o relatório de julho de 2021, produzido em parceria por We Are Social e Hootsuite, os brasileiros passam, em média, 3 horas e 42 minutos por dia conectados às redes sociais.<sup>36</sup>

Em relação à segunda resposta, a do Z11, “para compartilhar memes”, faz-se necessário dizer que a palavra “meme” é originária do grego e significa imitação. Os memes estão presentes no cotidiano da rede e suas postagens, cuja publicação movimentada com rapidez as interações, viralizam, ou seja, tornam uma informação, uma frase, uma imagem ou um acontecimento, algo engraçado. Mas, embora o humor seja o principal motivo compartilhador, este não é o único. Os memes já fazem parte do mundo virtual da política da sátira e das críticas políticas, sobretudo pelos “Z” que, além de produzirem mais tais artefatos, também são mais reativos a memes políticos na questão do debate. Mas, afinal, qual a origem e o conceito do termo “meme”? Conforme Rodrigues (2018), o termo procede do grego “mimene” ou “algo imitado”, tendo o conceito anterior ao advento da internet.

não há como introduzir esse assunto sem falar em Richard Dawkins (2001). Esse famoso geneticista, em sua mais famosa publicação, publicada em 1976 sob o título de *O gene egoísta* utilizou o termo memes (1976) para traduzir a ideia de unidade de transmissão cultural, legitimando a imitação como algo essencial à vida em sociedade. Com origem etimológica baseada no termo grego mimene, que se traduz como “algo imitado”, buscava-se explicações para um conjunto de fatores que além da genética fossem capazes de replicar comportamentos humanos. (RODRIGUES, 2018, p. 93).

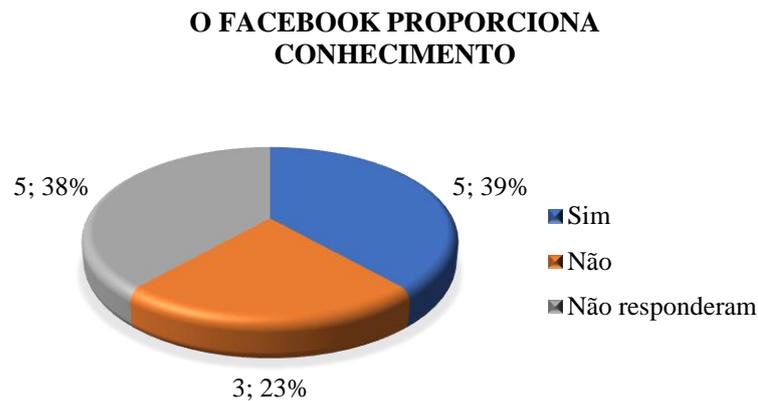
Conforme Horta (2015, p. 13), a propagação do termo meme se deu quando, em 1998, Joshua Schachter “criou um site chamado *Memepool* que reunia links virais e outros conteúdos.” Os memes integram o contexto e a linguagem comunicacional da internet e, “[...] em grande parte, são produzidos em baixa qualidade técnica, possuindo, em alguns casos, um aspecto grosseiro e intencionalmente descuidado, além de serem realizados de forma lúdica e com uma aparente pretensão de provocar um efeito risível” (HORTA, 2015, p. 13).

---

<sup>36</sup> REZENDE, M. **Haters e cancelamento**: como as marcas podem lidar com crises nas redes sociais? São Paulo: Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/09/24/marcas-criises-redes-sociais/>. Acesso em: 21 set. 2021.

6. A interação no *Facebook* já proporcionou conhecimento sobre lugares, assuntos e/ou culturas novas? Em caso de resposta positiva, poderia compartilhar de forma breve tal experiência?

Gráfico 6 - Representação sobre a interação no *Facebook* e aquisição de novos conhecimentos



Fonte: Elaborado pela autora.

No quesito sobre a possibilidade da interação no *Facebook* ter proporcionado novos conhecimentos sobre lugares, sobre culturas novas e sobre assuntos diversos, tiveram, dos 13 (treze) questionados, 8 (oito) participantes, sendo que 3 (três) responderam que não adquiriram novos conhecimentos na interação no “*Facebook*” sobre novas culturas, novos lugares e/ou novos assuntos diversos. Por outro lado, 5 (cinco) dos 8 (oito) participantes responderam que sim, expressando de forma breve suas respectivas experiências:

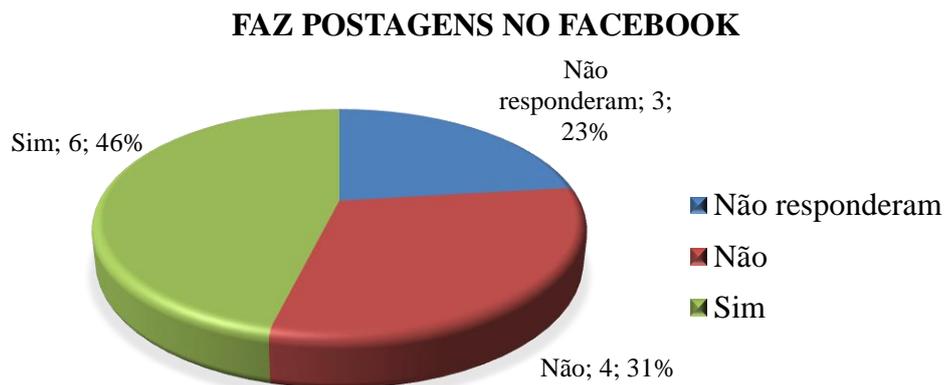
- Sim. Aprendi muitas coisas boas sobre política, moda, filme, lugar e outras coisas (Z3);
- Sim, já que ao aparecer vídeos sobre curiosidades culturais no Facebook, nós como público aprendemos conhecimentos novos (Z4);
- Sim. Aprendi muitas coisas sobre novos lugares que compartilham (Z5);
- Sim, a interação de paisagem panorâmicas da minha cidade, Quixadá-CE (Z6);
- Sim, a interação nos ajuda a ficar por dentro das novidades e notícias de coisas que acontecem no dia a dia (Z7);

O *Facebook* agrega uma significativa quantidade de recursos, funcionalidades e aplicativos que permitem ações interativas na web, tendo-se tornado, hoje em dia, um espaço inovador no qual se criam e desenvolvem interações, sociabilidades e aprendizagens, estas colaborativas em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes. (SANTOS; PORTO, 2014, p. 75).

O teor das falas supracitadas corrobora com a citação logo a seguir de que a rede social *Facebook* possibilita uma considerável diversidade e quantidade de assuntos a quem acessa à rede. Conforme as narrativas, assuntos como: política, moda, filmes, lugares, curiosidades, paisagens gerais e locais, notícias cotidianas, dentre outras coisas. Nesse sentido, o *Facebook* reafirma e aclara sua importância, a indissociabilidade e a viabilidade para as práticas educativas digitais não formais e, obviamente, influencia na formação/construção da identidade de seus usuários (BREDOW, 2017; GERMANO *et al.*, 2018).

7. Você costuma fazer postagens na rede social *Facebook*, se sim, quais os tipos de postagens mais frequentes?

Gráfico 7 - Representação sobre se faz alguma postagem no *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como é possível perceber na representação gráfica, dos 10 (dez) questionados que usam o *Facebook*, 4 (quatro) responderam que não fazem postagem e 6 (seis) responderam que postam alguma coisa na rede *Facebook*. Dos seis que disseram postar, 3 (três) o fazem de suas fotos pessoais, 1 (um) não especificou e 2 (dois) fazem postagens diversas.

“ - Sim. Faço postagem de textos, de links sobre política e atualidade de conhecimento geral e específico”. (Z5).

As falas ratificam a importância e a multifuncionalidade da rede social *Facebook* no tocante às práticas educativas digitais de forma dinâmica, inovadora, sobre assuntos diversos, inclusive sobre política, assunto de bastante interesse da geração “Centennials”, pois “criados em meio à tecnologia, frutos de um mundo globalizado e com muitas ferramentas ao

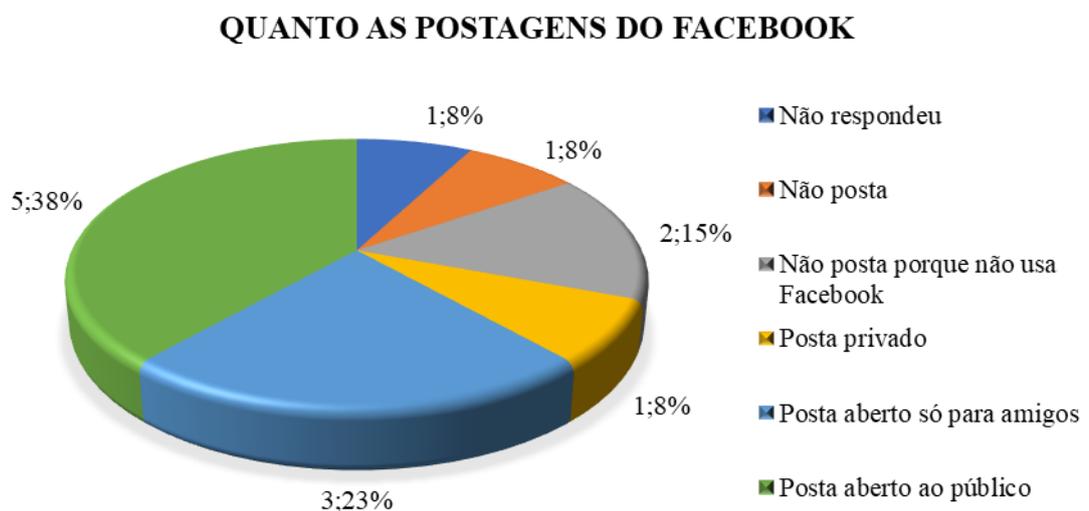
alcance das mãos para serem e fazerem o que viesse à mente, os jovens “Z” estão sempre antenados a discursos sobre cultura, transformação social e política.” (RODRIGUES, 2018, p. 79).

“ - Não gosto de postar fotos no Facebook, gosto de compartilhar memes, vídeos, fotos de lugares etc.” (Z7).

Com relação às atividades relatadas pelo Z7, percebe-se a precaução em relação à postagem de fotos pessoais e ao gosto de postar memes também, o que ratifica ou comunga com as falas dos “Zs” analisadas nas questões 5 e 6 anteriores. O gosto de postar memes já destacado em itens anteriores é próprio dos “Zs”, pois uma de suas características principais é a meme thinkers, ou seja, a geração dos “Zs” tem como “código universal os memes e emojis como linguagem para exercitar sua capacidade crítica com leveza e humor. Uma linguagem conectada com o agora, com múltiplas referências, além de gigantesco poder viral.”<sup>37</sup>

8. As postagens no *Facebook* são privadas somente para amigos ou são abertas ao público dentro e fora do *Facebook*?

Gráfico 8 - Representação quanto à privacidade das postagens do *facebook* dos (as) jovens pesquisados (as)



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>37</sup> MEIR, J. **As seis características fundamentais da Geração Z**. São Paulo: Consumidor Moderno, 2017. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>. Acesso em: 18 out. 2021.

A representação gráfica sobre postagem na rede social *Facebook*, no item 8, computou que dos (as) 13 (treze), 10 (dez) dos questionados responderam ao quesito: 1 (um/a) não posta no *Facebook*; 1 (um/a) posta no privado; 3 (três) postam para amigos/as; e 5 (cinco) fazem suas postagens abertas ao público.

Esse questionamento 8 (oito) sobre postagens na rede social *Facebook* está diretamente relacionado à categoria identidade. Conforme as respostas, 9 (nove) dos 10 (dez) questionados, portanto, a imensa maioria, responderam positivamente que postam e sobre o tipo de postagem. Essa é uma realidade inequívoca ou característica preponderante dos “Zs” na rede, pois, com o avanço das Tic e dos diversificados serviços digitais, as postagens de fotos e vídeos no *Facebook* têm se intensificado a cada dia, sobretudo pelos “Zs”, que têm como uma de suas características fundamentais a de Selfies reais ou de pessoas que se mostram completamente e sem ocultar nada, sem máscaras. Aliás, os “Zs” são considerados como sendo da primeira geração que “vive a ressaca da vida em rede. A hipere exposição e a polarização desmedida dos Millennials dá lugar à espontaneidade e à vivacidade. São autênticos e espontâneos, expõem suas fragilidades, intimidade explícita e valorizam a transparência.”<sup>38</sup>

Os arranjos e os rearranjos para deixar as imagens cada vez mais belas têm conquistado e incentivado os(as) internautas de um modo geral, e, mais intensamente, os(as) jovens adolescentes a se apresentarem, às chamadas representações de si e/ou de quem sou às outras pessoas, através de suas fotos pessoais e/ou vídeos publicados e compartilhados na rede. Tais publicações estão diretamente relacionadas à questão da identidade da pessoa.

As fotos digitais no *Facebook* operam como as afirmações de identidade mais implícitas e mais numerosas, que envolvem interações em torno da postagem das imagens principais do perfil, dos álbuns e outras feitas pelo próprio usuário e das imagens veiculadas por seus contatos que contribuem com conteúdos no seu espaço. Essas fotos são constantemente atualizadas, permitindo ao usuário certa flexibilidade e manipulação na apresentação de si, o que leva à questão de se os perfis do *Facebook* exprimem impressões fidedignas sobre seus donos. (GERMANO *et al.*, 2018, p. 485-486).

Zhao, Grasmuck e Martin (2008 *apud* GERMANO *et al.*, 2018) observam que essas ações operadoras relacionadas à identidade por meio das imagens na rede ocorrem na perspectiva de três (três) tipologias de “*selfs*”: “o visual (o *self* como ator social), que é a

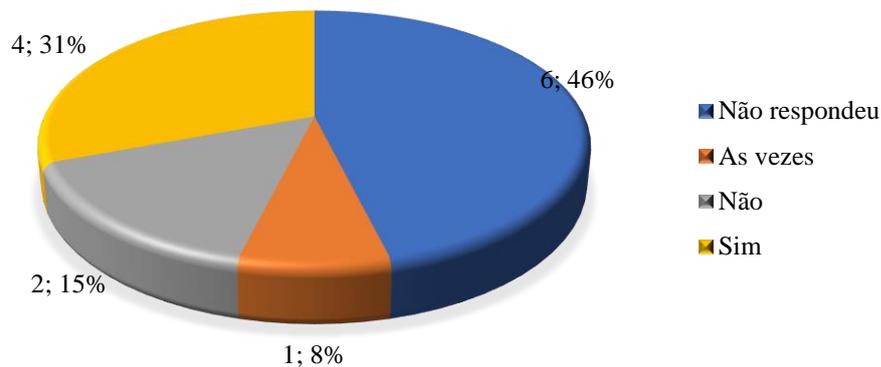
<sup>38</sup> MEIR, J. **As seis características fundamentais da Geração Z**. São Paulo: Consumidor Moderno, 2017. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>. Acesso em: 18 out. 2021.

maneira “mais implícita [...] a se projetar em imagens do usuário entre seus pares, sorrindo e se divertindo, a fim de gerar impressões desejáveis entre seus expectadores acerca de sua sociabilidade”. Por vezes, quando a pessoa quer se tornar mais explícita utiliza o “*self* cultural ou *self* como consumidor”, no qual enumera suas “preferências, interesses e hobbies” como definidores de si. No terceiro, o “*self* em primeira pessoa”, o usuário narra ou se autodescreve de “forma direta com sinopses verbais”, indicando quem o usuário acha ser (GERMANO *et al.*, 2018, p. 486).

9. Em sua opinião, o *Facebook* pode proporcionar conhecimento de notícias e/ou temáticas relevantes para você e para a sociedade?

Gráfico 9 - Representação sobre se o *Facebook* pode proporcionar conhecimento de notícias e/ou temas relevante para o questionado e para sociedade

#### O FACEBOOK PROPORCIONA ALGO RELEVANTE



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa temática da questão 9 (nove) sobre o conhecimento de notícias e/ou temas relevantes que o *Facebook* pode proporcionar aos questionados e à sociedade, dos 13 (treze) participantes, 3 (três) não usam o “*Face*”, outros 3 (três) não responderam, ou seja, 6 (seis) não responderam ao questionamento. Dos 7 (sete) que responderam, 2 (dois) disseram que não, que o *Facebook* não proporciona conhecimentos, notícias e/ou temáticas relevantes pra si e nem para a sociedade; 1 (um) respondeu que, às vezes; e 4 (quatro) asseguram que sim. Algumas das escritas dos que responderam à pergunta 9 (nove) merecem destaques, como é o caso da escrita do Z7 ao dizer que a rede social *Facebook* não fornece nada relevante, “pois estamos na Era das *Fake News* e não podemos acreditar

em tudo que as outras pessoas compartilham.” Já o Z12, não nega que o *Facebook* fornece conhecimentos, notícias e temáticas relevantes, porém adverte: “mas temos que ter cuidado com as ‘*Fake News*’, o que aparenta ser uma advertência cautelar bastante pertinente e oportuna no atual contexto de mal uso da rede social *Facebook*”.

Outra particularidade que pode e deve ser observada nas respostas ao item 9 (nove) é a escrita do questionado Z10, quando responde positivamente acerca da relevância de conteúdos, notícias e informações que o *Facebook* proporciona: “Sim, o *Facebook* pode nos ajudar a entender culturas de outros países e várias coisas como Política etc.” Estas assertivas corroboram com as abordagens anteriores de que os(as) jovens “Zs”, em meio a uma enxurrada de assuntos, interessam-se muito pelas temáticas sobre cultura, transformação social e política (RODRIGUES, 2018).

Tomando como base as assertivas do questionado Z7 sobre o perigo das redes sociais têm suas razões. Sim, a criação, a publicação e o compartilhamento de *Fake News* nas redes sociais são um risco para a sociedade e para o estado democrático de direitos. Porém, não é por conta das muitas *Fake News* que deve-se desprezar todas as demais notícias, informações e conteúdos relevantes postados na rede social *Facebook*.

Primeiramente, é necessário esclarecer que *Fake News* não é conteúdo de sátira, paródia ou similar. As “*fakes*” são matérias informacionais e comunicacionais falsas, muitas vezes, absurdas, sensacionalistas, publicadas e compartilhadas nas mídias/redes sociais digitais, sobretudo no *Facebook* e Whatsapp, de forma intencional, não somente para atrair para acesso ao canal e faturar com a postagem digital, mas, também, para enganar e prejudicar pessoas em geral, autoridades, adversários, grupos e/ou instituições, seja no âmbito moral ou visando alguma vantagem financeira e/ou política.

Embora a referência ao termo *Fake News* tenha se originado nos meios de comunicação tradicionais, encontrou espaços e adaptações propícias na forma on-line proporcionada pelas NTDIC da atualidade. Mesmo que não seja nova sua referência, suas formas, suas projeções e suas práticas, tais como são hoje, indicam serem típicas de mídias/redes digitais sociais típicas de “nossos tempos”, sobretudo do *Facebook*. Comparadas aos boatos de antigamente, as *Fake News*, conforme sua origem da língua inglesa, são consideradas um neologismo na língua portuguesa com o sinônimo de “notícias falsas”, (algo até contraditório, pois se é falso o conteúdo não pode ser considerado notícia) produzidas, apresentadas, divulgadas e compartilhadas “em formato de notícia real, vinculada, em grande medida, ao uso de mecanismos de inteligência artificial (algoritmos, boots, tecnologias de big data)” (BECKER; GOES, 2020, p. 15).

O termo *fake news* (FN) alcançou um grande destaque contemporâneo, mesmo tendo sido citado e identificado, pela primeira vez, em 1925, por McKernon. Com o crescimento da internet, inicia-se, mundialmente, uma mudança em meio as comunicações, modificando, assim, o modo como as notícias chegam às pessoas e a sua veracidade, levando consequências à vida da população. (FERREIRA; SILVA; MONTENEGRO, 2021, p. 3).

As *Fake News* publicizadas e disseminadas nas mídias/redes digitais do atual contexto têm causado muitos problemas, prejuízos e provocado o

caos informacional da sociedade contemporânea, um mecanismo criado por determinados grupos para, deliberadamente, enganar a audiência com o objetivo de obter benefícios políticos e/ou econômicos ou para aprofundar divisões ideológicas na sociedade por meio da disseminação de desinformação (informação fora de contexto ou deturpada) É preciso considerar que a convergência entre as mídias e a maior participação do público na produção e na distribuição de informação nas redes sociais na internet gerou uma miríade de conteúdos e uma hiperabundância de fluxos informacionais. Nesse ambiente de desordem informativa se verifica o espraiamento de informações não credíveis e que contribuem para o ambiente de desinformação contemporâneo. (BECKER; GOES, 2020, p. 15).

Não é tão fácil detectar as atividades das *Fake News*, pois estas são operadas às sombras da publicidade transparente, a denominada *Deep Web* ou à parte da rede que opera sem indexação aos mecanismos de buscas, ou seja, à parte clandestina aos olhos do grande público. Poderosos, principalmente do mundo da política contratam empresas, grupos e indivíduos experts para a produção de *Fake News* para atacar de todas as formas seus desafetos. Esses mecanismos que atuam às sombras da transparência e em prol da maldade têm causado todo tipo de danos sociais e violências desde injúrias, homofobia, violência de gênero, xenofobismo, racismo, discriminação, crimes eleitorais, linchamento, morte de pessoas inocentes em questões de saúde pública, como tem sido no contexto da Pandemia da Covid-19, em que os veículos de comunicação e a publicidade, inclusive do governo têm produzido e publicado sistematicamente notícias falsas ou informações distorcidas contra a vacinação e em favor de usos de remédios sem eficácia comprovada (FERREIRA; SILVA; MONTENEGRO, 2021).

A produção e disseminação de *Fake News* nas redes sociais digitais ganhou expressividade e atenção de muitos, inclusive de autoridades judiciárias e do campo político desde a eleição do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, e de Rodrigo Duterte, atual presidente das Filipinas, ambos eleitos em 2016; e do atual ocupante do Palácio presidencial do Brasil, eleito em 2018. Ao que parece e indica, todos foram eleitos com uma imensa ajuda da produção, da publicização e da propagação de *Fake News*, através de

esquemas de micro-alvo fundamentados em técnicas e estratégias militares, visando o psicológico (BECKER; GOES, 2020).

Diante dessa inegável realidade, faz-se necessário se proteger e proteger a sociedade das Fake News, principalmente nas redes sociais, no caso o *Facebook*. Mas não é fácil combater as Fake News na rede. Os mecanismos de constatação e de proteção da própria rede *Facebook* não são suficientes. As estratégias de ocultação das verdadeiras identidades dos produtores e disseminadores de *Fake News* têm se mostrado eficientes. Em razão da Pandemia da Covid-19 e do perigo da disseminação de notícias “*fakes*”, sobretudo com relação às medidas preventivas e o tratamento vacinal da doença, a rede *Facebook* anunciou investimento na casa de 1 (um) milhão de dólares para auxiliar a Rede Internacional de Verificação de Fatos, visando aumentar sua capacidade de checagem de informações durante a Pandemia da Covid-19.

O *Facebook* “também implantou algoritmos para procurar promessas falsas ou sensacionalistas feitas em seus anúncios, como pessoas oferecendo tratamentos sem comprovação científica para tratamento do vírus. Além disso, o *Facebook* anunciou mais 25 (vinte e cinco) milhões de dólares de financiamento para notícias locais através do *Facebook Journalism Project* já existente e mais 75 (setenta e cinco) milhões de dólares disponibilizados na forma de anúncios para organizações de notícias em todo o mundo.”<sup>39</sup>

Além dessas medidas de segurança contra as “*fakes*” tomadas pela rede, especificamente no contexto da Pandemia da Covid-19, existem outras anteriores, como a Agência Lupa, criada pela Revista Piauí em parceria com a Fundação Getúlio Vargas e com a Rede Um Brasil, desde 2015, que analisa conteúdos nacionais e internacionais, classificando o conteúdo da matéria em: verdadeiro; ainda é cedo para dizer; exagerado; contraditório; insustentável; falso e de olho. Outro site de verificação e checagem das mensagens é o Boatos.org de vários jornalistas brasileiros que investigam a procedência dos conteúdos que circulam nas redes e informam aos (às) internautas se tais conteúdos são falsos ou verdadeiros. Existe também a agência “Aos Fatos”, composta por investigadores internacionais que trabalham em parceria com o *Facebook* para auxiliar os usuários do *Face Messenger*, analisando os itens de notícias mais populares publicados na

---

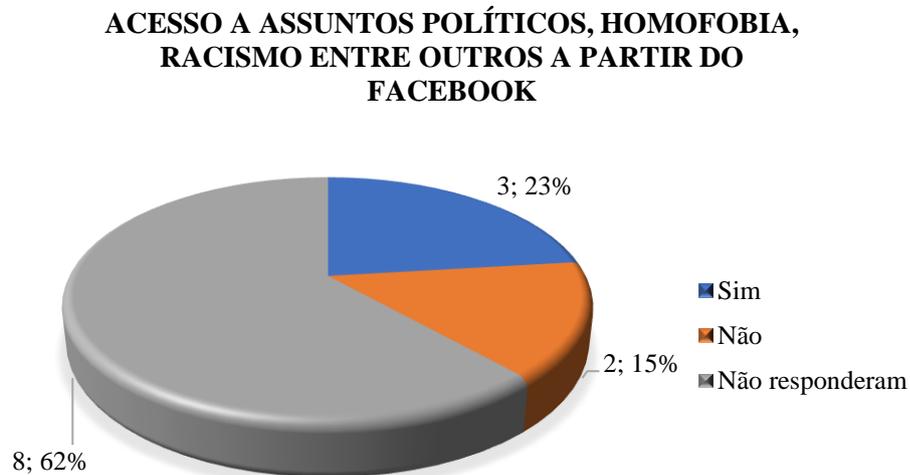
<sup>39</sup> MEIRELES, L. **Como as redes sociais estão combatendo fake news sobre o coronavírus**. Plataformas adotam iniciativas para que informações falsas não se propaguem em um ambiente polarizado. São Paulo: Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/04/01/redes-sociais-combatendo-desinformacao-coronavirus/>. Acesso em: 23 set. 2021.

rede, classificando-as em: imprecisas, exageradas, contraditórias, insustentáveis, falsas ou verdadeiras.

Além dessas medidas de segurança mais aprofundadas contra as Fake News, existem outras mais simples e práticas que facilitam o processo no dia a dia. São ações simples e rápidas de fazer, tipo: 1) Conheça o site e/ou a procedência da matéria; 2) Abra o conteúdo antes de publicá-lo e/ou compartilhá-lo; 3) Pesquise a matéria antes de qualquer ação publicitária; 4) Prefira fontes confiáveis; 5) Confira a data da publicação do conteúdo; 6) Veja se a informação/notícia tem autoria; 7) Verifique a URL do site; 8) Observe a formatação do site. Existem outros sites de checagem de conteúdos para verificar se é Fake News ou não, como: Fato ou Fake, do grupo Globo; Agência Pública – Truco; E-farsas; Fake Chek etc.

10. Você já teve contato com assuntos sobre política, temas como racismo, homofobia entre outros assuntos através do *Facebook*?

Gráfico 10 - Representação do contato a partir do *Facebook* através de abordagens como política, racismo, homofobia, entre outros



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse item de número 10 (dez), no qual perguntou-se aos 13 (treze) participantes se já tiveram contato com temáticas sobre política, racismo, homofobia, dentre outros assuntos por meio do *Facebook*, dos 10 (dez) usuários de *Facebook*, 5 (cinco) não responderam, 3 (três) responderam que sim e 2 (dois) afirmaram que não.

Dos que responderam que sim, ou seja, que já tiveram contato com temas sobre política, racismo, homofobia, dentre outras abordagens, somente o Z5 complementou: “Sim, isso é muito divulgado dentro do *Facebook*.” Lembrando que tais temáticas são categorias inclusas nos discursos de ódio que vêm se alastrando no país. Realmente, essas temáticas são de fato divulgadas no *Facebook*, mas a análise feita constata que tais temáticas ocorrem de forma negativa, ou seja, o Brasil alimenta, cultiva e expressa discurso de ódio nas redes sociais ao tratar de temas como política, racismo, homofobia e/ou outras temáticas relacionadas (GOMES, 2019).

Conforme pesquisa divulgada no portal do Jornal o Globo, de 05 de agosto de 2016, cerca de 84% das menções sobre temas como política, misoginia (discurso de ódio contra as mulheres), pessoas com algum tipo de deficiência, racismo e homofobia são mencionadas de forma negativa.<sup>40</sup> Esse discurso de ódio continuou numa crescente, de forma que, de 2019 para 2020, esse tipo de discurso aumentou 389%, em um ano, o que motivou o *Facebook* a remover uma grande quantidade de posts dessa natureza.<sup>41</sup>

---

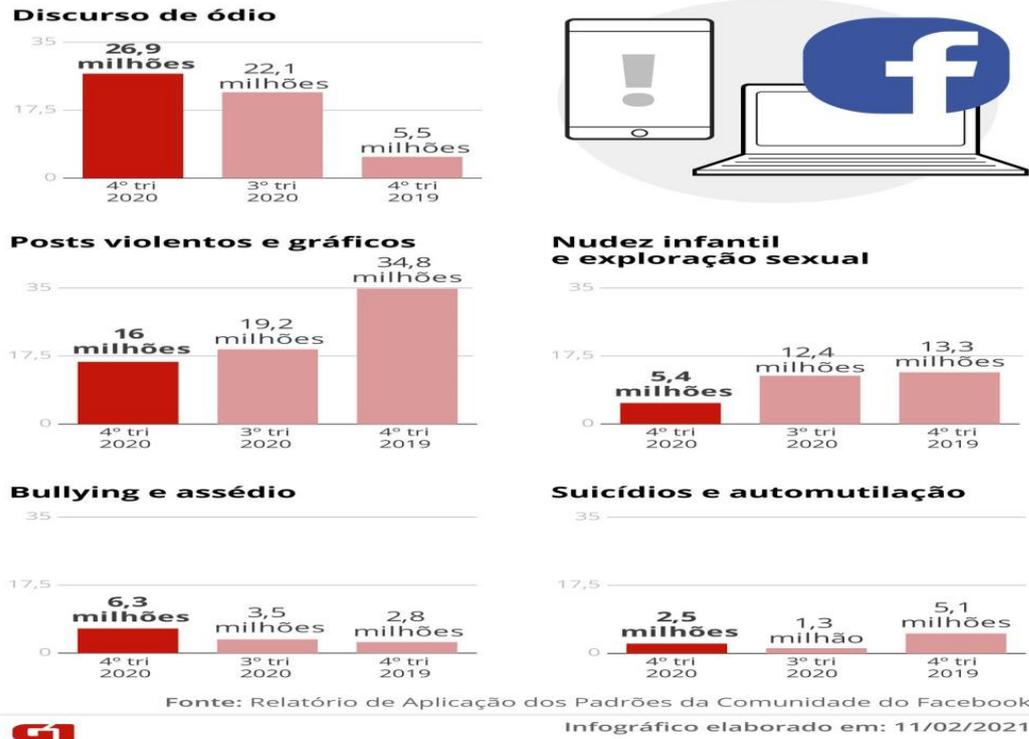
<sup>40</sup> MATSUURA, S. **Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa**. São Paulo: CEERT, 2016. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/comunicacao-midiainternet/12814/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>41</sup> Conteúdo identificado como discurso de ódio no Facebook sobe 389% em 1 ano, mas rede diz que visualizações caíram. Plataforma afirma que removeu ou diminuiu alcance de 26,9 milhões de posts odiosos ao redor do mundo durante 4º trimestre de 2020. CONTEÚDO identificado como discurso de ódio no Facebook sobe 389% em 1 ano, mas rede diz que visualizações caíram. **G1**, São Paulo, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/11/facebook-identifica-269-milhoes-de-conteudos-com-discurso-de-odio-no-4o-trimestre-de-2020.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2021.

Figura 3 - Conteúdo identificado como discurso de ódio no *Facebook*

### Conteúdos identificados pelo Facebook

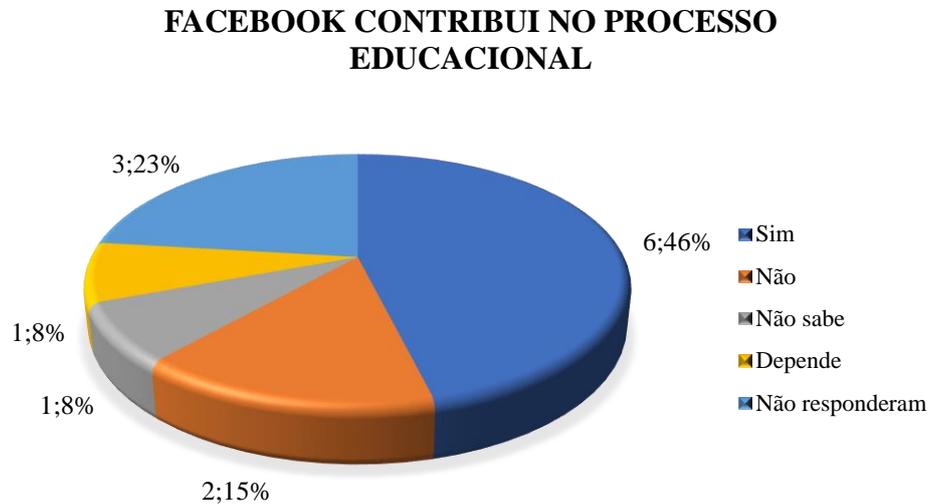
Quantidade de posts que a rede social removeu ou reduziu o alcance por trimestre



Fonte: Relatório de Aplicação dos Padrões da Comunidade do *Facebook*.

11. Você acha que a interação no *Facebook* e o contato com informações diversas pode contribuir no processo educacional?

Gráfico 11 - Representação sobre se o *Facebook* contribuiu para o processo educacional dos (a) jovens pesquisados (as)



Fonte: Elaborado pela autora.

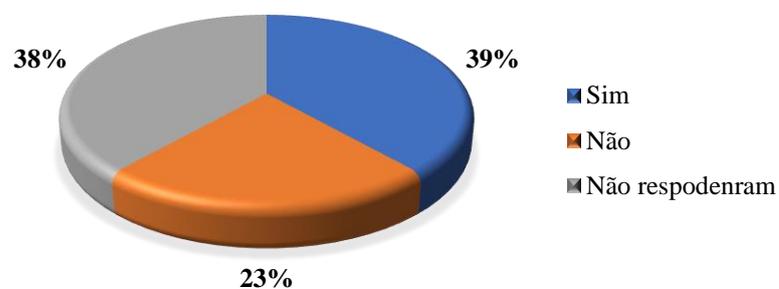
O 11 (décimo primeiro) quesito quis saber se na percepção dos(as) questionados (as) a interação no *Facebook* contribui para o processo educacional deles (as). Dos (as) 10 (dez) "Zs" que participaram dessa pergunta, 2 (dois) responderam que não; 1 (um) não sabe; 1 (um) respondeu que depende e 6 (seis) afirmaram que sim, que a interação no *Facebook* contribui para o processo educacional destes e dois dos "Zs" complementam suas respostas: - Sim, pois facilita interação entre muitas pessoas daqui e estrangeiras também tanto amigos como pessoas desconhecidas (Z3); -Sim, o Facebook tem influência sobre o processo educacional (Z7).

As percepções do Z3 e do Z7 corroboram e reafirmam que as redes sociais, sobretudo o *Facebook*, proporcionam e ampliam as alternativas e as diversificações no âmbito do processo educacional, por meio de práticas educativas digitais, sejam estas formais, nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA); não formais, aquelas que cumprem algumas etiquetas de padrões, normas e diretrizes de grupos, sindicatos, organizações governamentais, mas não estão previstas nos currículos oficiais e/ou informais; práticas educativas digitais por iniciativa de cada Z que acessa a rede para interagir, pesquisar, compartilhar e trocar conteúdos educativos em ciberespaços de sua propriedade ou de outrem (BREDOW, 2017; AMANTE, 2014).

12. Você acredita que por ser uma rede social muito abrangente o *Facebook* facilita de alguma forma o processo educativo como por exemplo na aquisição de novos conhecimentos?

Gráfico 12 - Representação sobre a facilidade dada ao processo educacional a partir do uso do *Facebook* pelos (as) jovens pesquisados (as)

### O FACEBOOK FACILITA O PROCESSO EDUCACIONAL



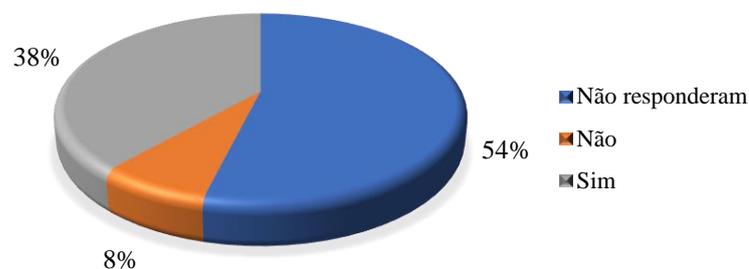
Fonte: Elaborado pela autora

A 12ª (décima segunda) questão quis saber se, na percepção dos (as) “Zs”: o *Facebook* facilita o processo educacional para a aquisição de novos conhecimentos? Dos 8 (oito) “Zs” que responderam essa questão, 5 (cinco) afirmaram que sim, enquanto que para 3 (três) “Zs” o *Facebook* não facilita o processo educacional para novos conhecimentos. É válido destacar, mais uma vez, que na visão de um (a) dos (as) questionados (as), Z5, o *Facebook* “[...] nos ajuda a compreender culturas, políticas e várias outras coisas”, reafirmando que a rede proporciona a aquisição de novos conhecimentos, especialmente se o assunto é política e/ou novas culturas, campos de grande interesse dos Centennials (RODRIGUES, 2018).

13. Navegando no *Facebook*, você pode adquirir algum conhecimento sobre assuntos gerais, tais como: jogos, tecnologias, moda, política, filmes, seriados, educação e outros assuntos?

Gráfico 13 - Representação sobre se a partir da navegação no *Facebook* os jovens pesquisados (as) podem adquirir conhecimentos em diversas áreas e assuntos

#### A NAVEÇÃO NO FACEBOOK AJUDA A ADQUIRIR CONHECIMENTO



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse questionamento de número 13 (treze), 3 (três) “Zs” se abstiveram de responder, por não usarem *Facebook*; 4 (quatro) não responderam, 1 (um) respondeu que não e 5 (cinco) dos 6 (seis) “Zs” responderam sim, que, por meio do “Face”, podem adquirir algum conhecimento sobre assuntos gerais, com jogos, tecnologias, moda, política, filmes, seriados, educação e outros assuntos.

Nesse quesito, destaca-se a percepção contida na complementação da resposta positiva de um dos “Zs”: -Sim. Tudo isso depende dos grupos do Facebook que você participa. (Z3)

A afirmação do(a) Z3 é merecedora de algumas reflexões necessárias e pertinentes, pois os grupos no *Facebook* podem ser muito importantes para atender ao que o questionamento quis saber, ou seja, a aquisição de conhecimentos diversos como jogos, tecnologias, moda, política, filmes, seriados, educação etc. Realmente, depende dos grupos dos quais você participa e compartilha conteúdos, ideias e proposições. Para tanto, algumas dicas sobre o uso de grupos no *Face* são oportunas, como: 1) análise inicial – antes de entrar e fazer uso do grupo, é necessário mapear as funções e o foco deste, e, dentro dessas análises, é necessário saber se o grupo é público ou privado, ler os termos e as regras do grupo; 2) o perfil do público-alvo do grupo comunga com o seu propósito?; 3) já existem outros grupos que focam no seu objetivo ou você terá de criar um novo?; 4) no caso de criar novo grupo, a pessoa deve saber o porquê, como criar, como irá usá-lo, configurando-o como: público, em que qualquer pessoa pode ver as atividades de todos os membros; fechado, em que qualquer pessoa pode encontrar esse tipo de grupo, mas somente os membros dele podem visualizar as postagens; e grupo secreto, em que somente integrantes adicionados podem participar e ver suas postagens.<sup>42</sup> Para a criação de um grupo no *Facebook*, basta acessar o endereço: <https://www.facebook.com/groups>.

O fato é que os grupos no *Facebook* são acessíveis e grátis para todas as pessoas. E o usuário da rede tem o livre-arbítrio para escolher os tipos de grupos (existentes ou criá-los) e seus conteúdos, se educacional, de entretenimento, profissional etc. O importante é que haja interesse entre os membros do grupo para interação, sejam por via de tutoriais, testes para coletar dados, pesquisas para obtenção de novos conhecimentos, perguntas e respostas ao vivo, desafios sobre tópicos específicos<sup>43</sup> etc. Esta é matéria-prima para os “Zs”, pois uma das características principais dessa geração é a “*Comunaholics*”, ou seja, os “Zs” são inclusivos e sempre conseguem algum ponto de comum interação/conexão com outras pessoas na rede *Facebook*. Transitam por múltiplas comunidades, fazendo parte de diversos grupos, sem se importarem com correntes de pensamento ou ideologias.<sup>44</sup>

14. Você utilizou algum conhecimento adquirido do *Facebook* que, de alguma forma, foi ou é útil para o desenvolvimento de novas ideias e para a formação pessoal?

<sup>42</sup> CLUBESHARE. **7 dicas sobre como fazer bom uso dos grupos do Facebook**. Porto Alegre: Clubeshare, 2020. Disponível em: <https://tudodeshare.com.br/blog/7-dicas-sobre-como-fazer-bom-uso-dos-grupos-do-facebook/>. Acesso em: 24 set. 2021.

<sup>43</sup> *Id.*, 2020.

<sup>44</sup> MEIR, J. **As seis características fundamentais da Geração Z**. São Paulo: Consumidor Moderno, 2017. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Gráfico 14 - Representação sobre a aplicação do conhecimento adquirido, a partir do *Facebook*, no desenvolvimento de ideias e da formação pessoal dos jovens pesquisados (as)



Fonte: Elaborado pela autora.

O questionamento 15 quis saber dos “Zs” se estes já utilizaram algum tipo de conhecimento adquirido no *Facebook* para formação pessoal e para o desenvolver de novas ideias para si. À exceção dos 3 (três) “Zs” que se abstêm por não possuírem a rede *Facebook*, dos 10 “Zs” apenas 5 responderam à questão, sendo que 2 (dois) disseram que não, 1 (um) disse que não sabe e 2 (dois) afirmaram que sim, sendo que um dos “Zs”, o Z5, disse que os novos conhecimentos e as ideias têm lhe servido para “receitas.”

Embora o Z5 não tenha informado qual (is) a(s) receita(s) culinárias que são sempre referenciadas como solução à “dialética do sabor, seja sobre” alimentação saudável, dietas ou outro tipo, é válido ressaltar que as páginas do *Facebook*, vinculadas a essas receitas, estão sempre bem frequentadas e recheadas de ofertas e propostas aparentemente saborosas e saudáveis. Páginas inteiras com textos e/ou imagens de “receitas deliciosas e saudáveis” inundam muitas páginas e algumas evidenciam aproximações com o *food por* Receitas “*fit*”, “funcionais”, “detox”, “*low carb*”, “que não vão te tirar da dieta”, que não te permitirão [...] exageros alimentares e “fugas” da “dieta” (PASSOS; VASCONCELOS-SILVA; SANTOS, 2020, p. 7).

Em geral e, principalmente, quando o assunto é diminuição de peso e/ou emagrecimento por meio de dietas ofertadas, as páginas mais ligadas às atividades comerciais de infoprodutos e emagrecedores são muito mais acessadas do que as páginas sobre alimentação saudável (PASSOS; VASCONCELOS-SILVA; SANTOS, 2020).

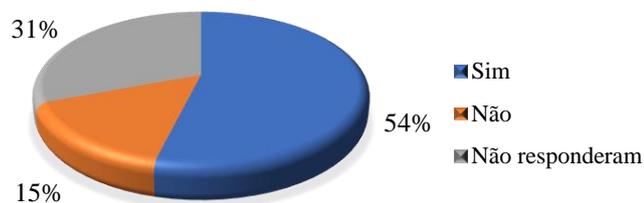
Conforme Passos, Vasconcelos-Silva e Santos (2020), nas páginas sobre alimentação saudável e dieta no *Facebook*, pode se constatar uma “diferença expressiva” no número total de seguidores nas páginas referentes à “alimentação saudável” e à “dieta”, sendo

o quantitativo de seguidores para essas últimas, aproximadamente, 21 vezes maior do que naquelas ligadas ao termo de busca “alimentação saudável” (PASSOS; VASCONCELOS-SILVA; SANTOS, 2020, p. 3).

15. Você já tomou conhecimento de temas polêmicos através do *Facebook*, quais? Descreva-os, brevemente.

Gráfico 15 – Representação do acesso a temas polêmicos, a partir do *Facebook*, pelos (as) jovens pesquisados (as)

**ACESSO A TEMAS POLÊMICOS NO FACEBOOK**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na 15ª (décima quinta) questão foi perguntado aos “Zs” se estes/as obtiveram algum tipo de conhecimento de temas polêmicos através do *Facebook*, e no caso de sim, que os descrevessem, brevemente. Nessa questão, excetuando os/as 3 (três) “Zs” que não acessam à rede, 10 (dez) responderam ao quesito, tendo 3 (três) dito não e 7 (sete) afirmaram já ter tomado conhecimento de temas polêmicos no *Facebook*.

- Política, homofobia, guerras, imoralidades sexuais, etc. (Z4);
- Sim, sobre a covid, as manifestações cubanas e a tomada do grupo talibã no Afegaanistão. (Z5);
- Sim, notícias da minha cidade (Z6);
- Sim, já presenciei certos comentários homofobicos, machista, racista, misógino infelizmente. (Z7);
- Sim, de futebol KKK (Z8);
- Sim, temas sobre racismo, homofobia e fake News aparecem muito. (Z9);
- Sim, morte de atores, acidentes (Z10).

Os “Zs” demonstraram que realmente estão antenados e atualizados à rede, descrevendo temas que podem ser classificados nas categorias de discurso de ódio: homofobia, machismo, misoginia, racismo, guerras, intolerância religiosa e fake news política. Nesse sentido, além de produtora, as *fakes news* são indissociáveis do discurso de ódio, pois este, além de não ser a mesma coisa de liberdade de expressão, tem como características principais

[...] a estigmatização, perseguição, privação de direitos de um indivíduo ou grupo identificável de indivíduos [...] característica recorrente no âmbito das *fake news*, que acabam por fazer uso da polarização política ou afetiva para adquirir notoriedade e sua disseminação acelerada passa a servir como prova ou confirmação da validade desses estigmas. (GOMES, 2019, p. 19).

A segunda categoria de temas está ligada a temas do cotidiano atual, como: violência no trânsito (acidentes), mortes de famosos (atores), temas locais (notícias da minha cidade), saúde (Covid-19), moral (imoralidades sexuais) e futebol (entretenimento). Os “Zs” são também pragmáticos e vivem a realidade ao extremo se interessando por assuntos dos mais diversos possíveis, incluindo os de seu contexto. Os “Zs” são também conversadores e dialogam sobre tudo. “São ativistas, compassivos e ponderados. Entendem e agregam, são avessos a polarização, compreendem a diferença.”<sup>45</sup> Daí o interesse por tantos assuntos dicotômicos socialmente. Já expressão do(a) Z7: “infelizmente”, refere-se aos temas polarizadores do “discurso de ódio” que tem visto na rede social *Facebook*.

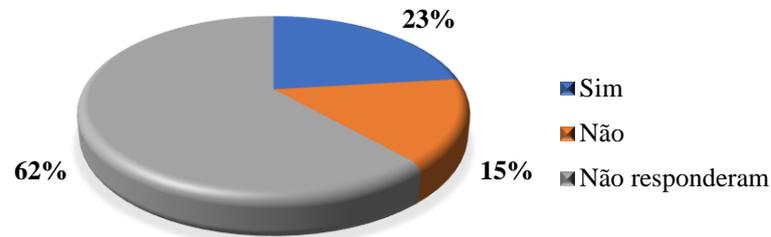
16. O contato com informações a partir do *Facebook* te fez adquirir opiniões ou valores a respeito de determinado assunto?

---

<sup>45</sup> MEIR, J. **As seis características fundamentais da Geração Z**. São Paulo: Consumidor Moderno, 2017. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Gráfico 16 - Representação sobre a aquisição de opinião ou valores sobre determinados assuntos a partir do *Facebook*

**A PARTIR DO FACEBOOK PODE SE ADQUIRIR OPINIÃO E VALORES**



Fonte: Elaborado pelo autor.

O 16º (décimo sexto) questionamento, por sinal muito parecido com o do 14º (décimo quarto), perguntou se os “Zs”, ao terem contato com informações no *Facebook*, adquiriram opiniões ou valores a respeito de determinado assunto, e o quesito anterior perguntava se os “Zs” já tinham/têm utilizado algum conhecimento adquirido do/no *Facebook* que, de alguma forma, foi ou é útil para o desenvolvimento de novas ideias e para a formação pessoal. O percentual que não respondeu a este último questionamento foi exatamente igual, ou seja, 62% dos “Zs”, incluindo os 3 (três) que não usam a rede *Facebook*, não responderam; 23% responderam que sim e 15% disseram que não. Em números cardinais significa dizer que dos 13 “Zs”, 3 (três) se abstiveram por não usarem *Facebook*; 5 (cinco) não responderam e 5 (cinco) responderam, tendo 3 (três) respondido positivamente e 2 (dois) negativamente. Dos 3 “Zs” que responderam positivamente: “ - Sim, já adquiri conhecimentos sociais e éticos, sobre política, por exemplo.” (Z4); “ - Sim, as notícias e polêmicas faz com que a gente olhe as coisas de outra forma.” (Z5).

Essas assertivas ratificam, mais uma vez, que a geração Centennials ou “Zs” é mais politizada do que as gerações anteriores e se posiciona sobre assuntos de interesses globais e/ou polêmicos relacionados à geopolítica debatidos em todo mundo, inclusive sendo ativistas a partir da rede social *Facebook*. Pesquisa com 4,2 mil pessoas, de 2020, mostra que no Brasil, mesmo que a influência de acontecimentos envolvendo assuntos de importância mundial, como a eleição de Donald Trump para presidência dos Estados Unidos da América (EUA) ou das negociações para a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), não tenham impactado diretamente na vida dos “Zs”, o interesse dessa

geração por temas vinculados à política aumentou 72% em relação à outra pesquisa do gênero, feita em 2016.

Com efeito, não é à toa que jovens pertencentes à geração Z estão engajados(as) pelas causas ambientais, como Greta Thunberg, da Suécia; Leah Namugerwa, de Uganda; Iris Duquesne, da França; Xiye Bastida, do México (de origem indígena); Hamangai Marcos Melo Pataxó, do Brasil (também de origem indígena), e mais dezenas de milhares de jovens em todo o mundo pertencentes ao ciclo da geração Z, compreendendo seu papel político-social, estão se mobilizando para defender o planeta em prol da vida na terra.<sup>46</sup>

Percebe-se que a interação conduzida por meio de práticas educativas digitais não formais e informais no ambiente virtual do *Facebook* proporciona o conhecimento sobre diversos assuntos, como é possível observar na resposta dos(as) alunos(as). Percebeu-se que o fluxo de informação nas redes contribui, de maneira informal, nas práticas educativas, proporcionando no sujeito a amplitude de conhecimento e o contato com realidade e vivências variadas, que são apreendidas e compartilhadas através da interação virtual.

Sobre o *Facebook*, percebe-se que pode servir como um ambiente facilitador para as práticas educativas digitais não formais, espaço virtual em que há interação com diversificados conteúdos, com novas culturas e temas de atualidade, sendo uma plataforma que pode servir como um espaço que oportuniza cursos, conhecimentos culturais, gastronômicos, esportivos, políticos, raciais, entre outros. Como alude Hall (2005, p. 75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’

No cômputo geral das percepções dos “Zs” (adolescentes discentes) que participaram da pesquisa fica claro que a grande maioria adquiriu/adquire conhecimento sobre temas e notícias das mais variadas possíveis, por meio das práticas educativas digitais com a indispensável mediação da rede social *Facebook* como canal para obtenção de informações e comunicações diversas, desde as notícias locais às mais longínquas e de interesse geopolítico possível da atualidade

---

<sup>46</sup>CONSUMIDOR MODERNO. **Geração Z é mais politizada do que as anteriores.** Como impactar este público? 2020. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/01/29/geracao-z-politizada-propositos-vida/>. Acesso em: 19 out. 2021.

Muitos dos “Zs” envolvidos na pesquisa comentaram ter contato com temas relacionados à política, ao racismo, ao machismo, à homofobia, à misoginia, às fake news, aos conflitos internacionais, à violência, a acidentes de trânsito, às mortes de famoso, ao futebol, dentre outros. Também mencionaram seus compartilhamentos e interações desde seus âmbitos privados e restritos ao público. Todas essas ações praticadas na maior e mais popular rede social digital, o *Facebook*, resultam em concepções e impactos emocionais e motivacionais nos processos relacionais, uma vez que muitos assuntos despertam a empatia e a avaliação sobre determinada realidade, desenvolvendo a capacidade crítica e moldando comportamentos fruto das sensações provocadas do contato com a notícia e com as temáticas que são intercambiadas através das rede sociais, como o *Facebook*, que desempenha um papel decisivo para a interatividade, a formação e a construção identitária dos(as) adolescentes discentes partícipes desta pesquisa.

Isto porque o *Facebook* é uma ferramenta que atende às demandas de conteúdos compatíveis a interações com textos longos, artigos completos, manchetes de jornais, aulas, grupos de estudos, além de outros *posts* de efeitos que, muitas vezes, são incompatíveis ou não são o foco das demais redes sociais e aplicativos. Tais conteúdos causam impactos inevitáveis e espontâneos no modo de perceber e agir no mundo, auxiliando na construção da personalidade através das ideias com as quais se tem mais afinidade. Como explicita a teoria psicossocial de Erikson, na qual o sujeito é resultado da sua interação em sociedade, que tem um papel crucial para a construção de valores, objetivos e formas de agir que orientam a sua maneira de ser e se comportar no âmbito dessa sociedade que o permeia e o constrói, em que os indivíduos seguem o fluxo de ações e convicções e recebem influência e influenciam num processo dialético e recíproco.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, no âmbito geral, buscou compreender como as práticas educativas digitais possibilitadas pelo advento das novas tecnologias da informação e comunicação e da interação na rede social *Facebook* influenciam no comportamento de jovens circunscritos no ciclo vital da geração “Z” (nascidos entre 1996-2010), na perspectiva sociológica comportamental e, conseqüentemente, na formação da identidade desses (dessas) adolescentes discentes do Ensino Médio de uma escola pública em tempo integral localizada na cidade de Quixadá, estado do Ceará do Brasil.

Buscou-se, também, entender como o acesso e a navegação na rede proporcionam novos e diversificados conhecimentos no âmbito de um ambiente virtual (ciberespaço) viabilizado pelo *Facebook* que pode favorecer às práticas educativas digitais não formais e informais vivenciadas e experienciadas

Os ímpetus causados pela exposição interferem nos comportamentos, desencadeando novas formas de lidar com as conseqüências da modernização da comunicação, sendo estas conseqüências positivas no tocante à abrangência de oportunidades e de um vasto leque de ligações, mas essa rede de abrangência, ao mesmo tempo, pode desvelar alguns contratempos que podem fugir aos limites de segurança e de privacidade, que ficam difíceis de serem resguardados quando se navega no mundo infinito dos ciberespaços.

As conclusões desta pesquisa tiveram como propósito compreender e explicitar, à luz de teorias e pesquisa de campo, as perspectivas das práticas educativas digitais como ações mediadoras no processo de construção do conhecimento possibilitado através das relações estabelecidas pela interatividade da rede social *Facebook*, bem como estas podem corroborar para o processo de construção da identidade conduzida através dos recursos disponíveis no mundo virtual, no qual a sociedade está inserida na contemporaneidade.

As vivências hodiernas conectadas à internet inerentes à sociedade com uma vida mediada na virtualização dos veículos informacionais e comunicacionais, aliados à rotina dos ciberespaços, trazem à tona uma nova perspectiva identitária, por meio das práticas educativas e culturais digitais informais nas redes sociais, possibilitando refletir como os avanços das sociedades e, conseqüentemente, das tecnologias têm impactado na forma como o ser humano orienta o seu comportamento dentro de uma sociedade interconectada em rede adaptando-se às mudanças ocasionadas pela fluidez sócio-histórica e cultural.

Por ocasião da pesquisa de campo e de acordo com as falas dos (as) adolescentes discentes questionados, percebeu-se que os mesmos utilizam as redes para variados fins, como:

compartilhamentos de conteúdo, memes, vídeos, interação social, divulgações e postagens pessoais, pesquisas por novos conhecimentos, exposição de suas fotos pessoais etc. É notório também que tais fenômenos, evocados na rede social *Facebook*, têm um impacto a nível educativo, uma vez que viabilizam a apresentação de um mundo de conhecimento relacionado à liberdade mais ampla de expressão para um mundo virtual caracterizado pelo multiculturalismo interdisciplinar e pela versatilidade com a quebra de tabus, barreiras e muros separatistas, físicos e curriculares das práticas educacionais formais.

Navegando/habitando as redes sociais digitais, os(as) jovens, mais do que informação, procuram essencialmente construir e inserir-se ativamente numa rede de relações sociais, experiência fundamental para a construção da sua identidade e afirmação da sua personalidade.

De acordo com a literatura e do ponto de vista psicológico, a interação desenvolvida entre os (as) jovens adolescentes cibernautas não produz efeito apenas numa dimensão social de natureza superficial, traz também efeitos significativos na construção da autorrepresentação e na consciencialização de si mesmo (a), partindo de indagações como: qual a minha definição? Do que gosto realmente? O que quero? Como os(as) outros (as) me veem? Sou diferente dos (as) demais? Enfim, quem sou eu?

Tendo por base as práticas educativas digitais informais por parte de jovens adolescentes circunscritos na faixa etária geracional “Z” (no caso, jovens de ambos os sexos, entre 13 e 17 anos de idade) que acessam a maior, mais popular e mais adequada (às práticas educativas) rede social do mundo e do Brasil, o *Facebook*, procurou-se compreender e explicitar como jovens adolescentes discentes exprimem sua identidade neste contexto, considerando processos implícitos e explícitos de autoapresentação, tal como modos de interação e compartilhamento de conteúdo na rede social que permitem inferências sobre a construção de identidade e a natureza da relação entre o mundo on-line e off-line de si para as outras pessoas e das outras para si.

Por fim, com base na pesquisa de campo, pode-se verificar conclusivamente que a investigação acerca dos fenômenos descritos se confirma com base nas hipóteses levantadas, corroborando que o *Facebook* se mostra fortemente influente na identidade dos (as) jovens em sua visão de si e do outro no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Y. A.; RIBEIRO, E. F. Possibilidades educativas no Facebook: análise sobre as práticas de sociabilidade no grupo MOBJOR. **Temática**, [S.l.], ano 12, n. 12, dez. 2016.
- ALMEIDA, R. S. Adolescência e contemporaneidade – aspectos biopsicossociais. **Resid. Pediatr.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 3, p. 13-16, set./dez. 2015. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/v5n3s1a03.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.
- AMANTE, L. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. *In*: PORTO, C.; SANTOS, E. (org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar [on-line]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto9788578792831.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.
- BARROS, J. D'. A. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes. 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Vidas Líquidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAXTO, W.; CARNEIRO, V. L. Q. Uso das TIC na educação superior a distância. **Educação**, Porto Alegre, RS, v. 42, n. 1, p. 35-43, jan./abr. 2019.
- BECKER, B.; GOES, F. M. A. FAKE NEWS: uma definição possível entre a reflexão crítica e a experiência jornalística. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, PB, v. 7, n. 1, p. 34-53, jan./jun. 2020.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266). Acesso em: 21 set. 2021.
- BREDOW, V. H. **O Facebook nas práticas educativas contemporâneas**: interações de alunos e professores no Ensino Médio. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Educação, Faculdade de Educação - FaE, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- CALDAS, D. S.; DANTAS, P. G.; LEVI, L.; ARAGÃO, F. De que forma o Facebook influencia o consumo de conteúdo no Brasil no ano de 2012? *In*: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 34., 2012, Aracaju. **Anais[...]** Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012.
- CANDU, E. **Redes de Computadores e Internet**. São José, SC: CEFET, 2003.

CASAROTTO, C. **Dossiê das gerações: o que são as gerações Millennials, GenZ, Alpha e como sua marca pode alcançá-las.** Belo Horizonte: Rockcontent, 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/dossie-das-geracoes/>. Acesso em: 18 set. 2021.

CASCAIS; M. G. A.; TERÁN. A. F. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em tela**, [S.l.], v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CEARÁ. Secretaria da Saúde do Estado do Ceará. Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde e Regulação. Coordenadoria de Vigilância Epidemiológica e Prevenção em Saúde. **Plano Estadual de Contingência para Respostas às Emergências em Saúde Pública Doença pelo Coronavírus 2019 (COVID-19).** 6. ed. Fortaleza: Secretaria da Saúde, 2021.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, MG, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2011.

CIAMPA, A. C. **Estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

CLUBESHARE. **7 dicas sobre como fazer bom uso dos grupos do Facebook.** Porto Alegre: Clubeshare, 2020. Disponível em: <https://tudodeshare.com.br/blog/7-dicas-sobre-como-fazer-bom-uso-dos-grupos-do-facebook/>. Acesso em: 24 set. 2021.

CONTEÚDO identificado como discurso de ódio no Facebook sobe 389% em 1 ano, mas rede diz que visualizações caíram. **G1**, São Paulo, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/11/facebook-identifica-269-milhoes-de-conteudos-com-discurso-de-odio-no-4o-trimestre-de-2020.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2021.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, [S.l.], v. 14, n. 28, p. 168-187, jan./jun. 2014.

CUSTÓDIO, M. Consumidor Moderno. **Conheça o perfil do usuário de cada rede social de acordo com a geração.** São Paulo: Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/06/28/conheca-o-perfil-do-usuario-de-cada-rede-social-de-acordo-com-sua-geracao/>. Acesso em: 10 set. 2021.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FACEBOOK. **Termo de Serviços.** Califórnia: Facebook, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/terms/>. Acesso em: 13 out. 2020.

FERREIRA, D. A.; SILVA, A. P.; MONTENEGRO, C. A. O Impacto das Fake News na Vacinação e Nos Surto de Doenças Erradicadas. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, PB, v. 8, n. 1, p. 2-16, 2021. Disponível em:

[http://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume\\_29/Trabalho\\_01\\_2021.pdf](http://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_29/Trabalho_01_2021.pdf). Acesso em: 22 set. 2021.

FIOCRUZ. **Por que doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de covid?** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 7 ago. 2021.

FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagogia**, Brasília, DF, v. 97, n. 247, p. 534-551, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s2176-6681/288236353>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FREITAS, E. A. R.; SILVA, L. C. A. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 26, n. 2, p. 139-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/TtKtKYG3BgYXmVVt4dp9nPF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2021.

GERMANO, I. M. P. *et al.* Eu no facebook: percepções de usuários sobre imagens pessoais compartilhadas na rede. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 24, n. 2, p. 482-505, ago. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, P. R. T. F. **O discurso de ódio e as fakenews políticas no facebook sob a égide da justiça eleitoral brasileira**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Programa de Pós-graduação em Direito Constitucional, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019.

GUIMARÃES, G.; PIRES, M.; ALVEZ, N.; MILANI, V. **10 gírias que estão na boca dos jovens**. São Paulo: USCS, 2018. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/unibol/uscs/10-girias-que-estao-na-boca-dos-jovens.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 6 set. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HILU, L.; OLIVEIRA, R. G.; RODERO, R. Possibilidades do uso pedagógico das redes sociais: estudo de caso. *In*: CONGRESSO EDUCACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais[...]** Curitiba: Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação- SIRSSE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

HORTA, N. B. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-graduação – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

INTERNET. *In*: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/internet/>. Acesso em: 13 fev. 2021.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papirus. 2012.

KIRSCHBAUM, C. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, [on-line], v. 28, n. 82, p. 179-193, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000200011>. Acesso em: 21 set. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, C. M. A. O. Information about the new coronavirus disease (COVID-19). **Radiologia Brasileira**, [on-line], v. 53, n. 2, p. 5-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>. Acesso em: 7 set. 2021.

LIMA, H. O. **O uso das redes sociais na prática docente** - uma experiência no colégio estadual Euclides da Cunha. Jardim Goiás: Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <http://www.brasilecola.com>. Acesso em: 11 set. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARINS, C.; ESPINA, R. **Covid: Brasil tem média de mortes abaixo de 600 pela 1ª vez desde dezembro**. São Paulo: UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/07/covid-19-coronavirus-casos-mortes-07de-setembro.htm?next=0001H2022U11N>. Acesso em: 7 set. 2021.

MARTINS, C. A. **Práticas educativas digitais: uma cultura participativa em formação**. 2015. 325 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MATSUURA, S. **Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa**. São Paulo: CEERT, 2016. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/comunicacao-midiainternet/12814/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa>. Acesso em: 22 set. 2021.

MEIR, J. **As seis características fundamentais da Geração Z**. São Paulo: Consumidor Moderno, 2017. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>. Acesso em: 18 out. 2021.

MEIRELES, L. **Como as redes sociais estão combatendo fake news sobre o coronavírus**. Plataformas adotam iniciativas para que informações falsas não se propaguem em um ambiente polarizado. São Paulo: Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/04/01/redes-sociais-combatendo-desinformacao-coronavirus/>. Acesso em: 23 set. 2021.

- MONGE, Y. *et al.* **Dos ‘centennials’ aos ‘pandemials’**: o futuro truncado dos jovens na América. São Paulo: El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-16/dos-centennials-aos-pandemials-o-futuro-truncado-dos-jovens-na-america.html>. Acesso em: 10 set. 2021.
- MORAIS, C. T. Q.; LIMA, J. V.; FRANCO, S. R. K. **Conceitos sobre Internet e Web**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MUNIZ, K. R. A.; XAVIER, A. R.; SANTANA, J. R. Práticas educativas e formação de identidade a partir da influência do facebook: estudo com adolescentes de uma escola pública do interior do ceará, Brasil. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 372-388, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5687>. Acesso em: 21 out. 2021.
- NATAL, F. **Facebook vs Instagram**: qual a melhor rede social para as empresas? São Paulo: Canaltech, 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-vs-instagram-qual-a-melhor-rede-social-para-as-empresas-144647/>. Acesso em: 13 set. 2021.
- NÓBREGA, L. P. A construção de identidades nas redes sociais. **Fragmentos da cultura**, Goiânia, GO, v. 20, n. 1, p. 95-102, jan./fev. 2010.
- OLIVEIRA, G. S. **Geração alpha entre a realidade e o virtual**: o sujeito digital. 2019. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí, Ijuí, 2019. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/5811/Genori%20da%20Silva%20Oliveira.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 set. 2019.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Brasília, DF: OPAS, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 7 set. 2021.
- PASSOS, J. A.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; SANTOS, L. A. S. Curta e compartilhe: conteúdos sobre alimentação saudável e dietas em páginas do Facebook. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [on-line], v. 24, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200086>. Acesso em: 18 out. 2021.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 19. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Tradução de A. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PRASS, R. **Facebook**: por que somente usuários com mais de 13 anos podem criar um perfil na rede social? Rio de Janeiro: Globo.com, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/blog/ronaldo-prass/post/2019/01/13/facebook-porque-somente-usuarios-com-mais-de-13-anos-podem-criar-um-perfil-na-rede-social.ghtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

PRATA, M. R. **Assédio Moral no Trabalho sob Novo Enfoque** – Cyberbullying, “Indústria do Dano Moral”, Carga Dinâmica da Prova e o Futuro Código de Processo Civil. Curitiba: Juruá, 2014.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

QUADROS, A. M.; MARQUES, T. B. I. Inovação ou Novidade? Práticas Educativas e Tecnologias Digitais de Rede. **Novas Tecnologias na Educação**, [S.l.], v. 11, n. 2, nov. 2013.

REBELATTO, G. **Facebook é a rede social mais usada no primeiro semestre de 2021**. 2021. São Paulo: SEGS, 2021. Disponível em: <https://www.segs.com.br/info-ti/297933-facebook-e-a-rede-social-mais-usada-no-primeiro-semester-de-2021>. Acesso em: 13 set. 2021.

REZENDE, M. **Haters e cancelamento**: como as marcas podem lidar com crises nas redes sociais? São Paulo: Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/09/24/marcas-criises-redes-sociais/>. Acesso em: 21 set. 2021.

RODRIGUES, M. R. F. **“Meme, meu idioma”**: os usos e apropriações de memes por nativos digitais para falar de política no cotidiano. 220 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Programa de em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, O. S.; ROCHA, C. S. Cultura Digital em espaços de ensino não formal: perspectivas e prospecções. *In*: WORLD CONGRESS ON COMMUNICATION AND ARTS, 7., 2014, Portugal. **Anais[...]** Portugal: Proceedings of World Congress on Communication and Arts, 2014.

SÁ, É. C. V.; XAVIER, A. R.; SANTANA, J. R. Patrimônio, memória coletiva e denúncia social mediada no Facebook: o caso do grupo Fortaleza Antiga (2019). **Patrimônio e Memória**, São Paulo, SP, v. 15, n. 2, p. 374-399, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1055/1114>. Acesso em: 24 set. 2021.

SANTANA, J. R. *et al.* (org.). **Inovações, Cibercultura e Educação**. Fortaleza: Edições, UFC, 2011.

SANTOS, E.; PORTO, C. (org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar [on-line]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 445 p.

SANTOS, V. P. O desafio da pandemia da COVID-19: o que podemos aprender com a história? **Jornal Vascular Brasileiro**, [on-line], v. 20, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1677-5449.200209>. Acesso em: 10 set. 2021.

SEGMENTOS. **As gerações e suas características**. A definição de Geração. Porto Alegre: Segmento, 2019. Disponível em: <http://www.segmentopesquisas.com.br/blog/2019/5/24/as-geracoes-e-suas-caracteristicas>. Acesso em: 21 set. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIGNIFICADOS. **Significado de Facebook**. Leça do Balio, PT: 7 graus, 2014. Disponível em: <https://www.significados.com.br/facebook/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SILVA, D. “As 10 maiores Redes Sociais no Brasil”. **Jornal Conexão**, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://jornalconexao.com.br/2021/05/06/davis-da-silva-as-10-maiores-redes-sociais-no-brasil/>. Acesso em: 13 set. 2021.

SILVA, W. B.; VALIDÓRIO, V. C.; MUSSIO, S. C. A influência das tecnologias no comportamento das gerações atuais: ferramentas para o aprendizado de línguas estrangeiras. **Revista CBTecLE**, [on-line], v. 1, n. 1, p. 2-22, 2019. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/112019177>. Acesso em: 18 set. 2021.

SOBRINHO, E. M.; ANTUNES, M. C.; WANDERBROOK, A. C. N. S. Significados e influências do facebook na rede relacional de adultos. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, SP, v. 36, n. 90, p. 48-65, 2016.

SPIZZIRRI, R. C. P. **O uso da Internet na adolescência**: aspectos relativos às relações familiares na pós-modernidade. 2008. 70 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STREY, M. N.; KAPITANSKI, R. C. **Educação & Internet**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

VIDAL, P. V. C.; DANTAS, E. B. Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais. **Signos do Consumo**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 67-84, 2016.

VIVENDO A ADOLESCÊNCIA. **Adolescência**. Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência? Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. São Paulo: Vivendo a adolescência, [20--]. Acesso em: 21 set. 2021.

WALLER, M. C. C. **Danos em tempo integral**. Cyberbullying e cyberstalking. São Paulo: Conteúdo Jurídico, 2020. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/54308/danos-em-tempo-integral-cyberbullying-e-cyberstalking>. Acesso em: 16 set. 2021.

XAVIER, A. R. História e filosofia da educação: da Paidéia grega ao pragmatismo romano. **Revista Dialectus**, [S.l.], ano 3, n. 9, p. 81-99, set./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.30611/2016n9id6535>. Acesso em: 12 jan. 2021.

XAVIER, A. R. *et al.* Pesquisa em Educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **EDUCA. Revista Multidisciplinar em Educação**, [S.l.], v. 8, p. 1-19, jan. 2021. Disponível

em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/4627/3815>. Acesso em: 6 fev. 2021.

ZACARÉS, J. J. El desarrollo de la identidad adolescente desde el paradigma de los status de identidad del ego: cuestiones críticas. *In: CONGRESO DE LA INFANCIA Y DE LA ADOLESCENCIA*, 6., 1997, Espanha. **Anais[...]** Espanha, 1997.

ZOMER, L. B.; SANTOS, A. R.; COSTA, K. C. O. O perfil de alunos do curso de administração: um estudo com base nas gerações x, y e z. **Revista GUAL**, Florianópolis, SC, v. 11, n. 2, p. 198-221, maio. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n2p198>. Acesso em: 18 set. 2021.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ABERTO



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

#### Questionário aberto

#### Pesquisa

Olá!

Chamo-me Karla Renata de Aguiar Muniz e sou aluna do Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), orientada pelo professor Dr. José Rogério Santana. Gostaria de lhe convidar a participar de uma breve pesquisa sobre a utilização do *Facebook*, tanto para sua realidade de vida pessoal como para o processo educacional. Deste modo, buscamos delimitar a presente pesquisa analisando como esse processo se dá na interação entre você e seus demais contatos da rede social *Facebook*. Vamos lá?

1. Gênero?
2. Idade?
3. Escolaridade?
4. É usuário do *Facebook*?
5. Qual a frequência que você acessa a rede social *Facebook*?
6. A interação no *Facebook* já proporcionou conhecimento sobre lugares, assuntos e/ou culturas novas? Em caso de resposta positiva, poderia compartilhar de forma breve tal experiência?
7. Você costuma fazer postagens na rede social *Facebook*? Se sim, quais os tipos de postagens mais frequentes?
8. As postagens no *Facebook* são privadas só para amigos ou são abertas ao público dentro e fora do *Facebook*?

9. Em sua opinião, o *Facebook* pode proporcionar o conhecimento de notícias e/ou temáticas relevantes para a vida em sociedade e para educação?
10. No *Facebook*, você já se deparou com assuntos relacionados à política, ao machismo, ao feminismo, ao racismo, à homofobia, a jogos, à moda, às tecnologias, à educação, dentre outros assuntos?
11. Você acha que a interação no *Facebook* e o contato com informações diversas podem contribuir para sua educação?
12. Em sua opinião, a abrangência do *Facebook* facilita de alguma forma o processo educativo, ajudando na aquisição de novos conhecimentos através de pesquisa?
13. Você utilizou algum conhecimento adquirido no *Facebook* que possa ter contribuído de alguma forma para o desenvolvimento de novas ideias, na formação pessoal e escolar?
14. Você já tomou conhecimento de temas polêmicos através do *Facebook*? Quais? Descreva brevemente.
15. O contato com informações dentro do *Facebook* te fez adquirir opiniões ou valores a respeito de determinados assuntos que você, seus amigos e familiares julgam positivos?
16. Você mantém, de alguma forma, interação com sua escola ou com outros centros de ensino, professores/as, colegas de seu curso e/ou de cursos de outros centros de ensino?

**APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL À REALIZAÇÃO  
DE PROJETO DE PESQUISA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

Declaro, para fins de comprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará-CEP/UFC/PROPESQ, que a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) - Governador César Cals Filho, Av. Juscelino Kubitschek, 385 - Alto São Francisco, Quixadá - CE, 63908-230, AUTORIZA e contém toda infraestrutura necessária em suas instalações para realização da pesquisa de Dissertação de Mestrado intitulada: **“Práticas educativas digitais no *Facebook* e formação de identidade: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará”**, a ser realizada pela pesquisadora Karla Renata de Aguiar Muniz.

Quixadá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

José Auci Meneses Maia Filho

Diretor

**APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caros pais e/ou responsáveis,

Meu nome é KARLA RENATA DE AGUIAR MUNIZ, sou pesquisadora e aluna do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Meu Projeto de Pesquisa de Dissertação de Mestrado é: **“Práticas educativas digitais no *Facebook* e formação de identidade: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará.”** A pesquisa consiste em compreender as práticas educativas no *Facebook* de alunos e alunas do Ensino Médio da Escola em Tempo Integral Governador César Cals Filho, localizada no Bairro Alto São Francisco em Quixadá-CE. Por isso, convido o(a) seu(sua) filho(a) a participar deste estudo e, caso os (as) senhores (as) autorizem e o (a) seu (sua) filho (a) aceite, ele (a) participará de uma pesquisa *on-line* por meio da rede social *Facebook*/E-mail, onde responderá um questionário sobre a frequência, a forma e como ele considera a utilização do *Facebook* para seu crescimento como pessoa e como estudante.

Dou-lhe a garantia de que as informações que estou obtendo de seu (sua) filho (a) serão utilizadas apenas para a realização de minha pesquisa, sem que isto lhe traga nenhum prejuízo, e, finalmente, informo-lhe que após apresentar meu trabalho não usarei o nome do seu (sua) filho (a) e nem darei nenhuma informação que possa identificá-lo (a). Outrossim, informo que a pesquisa não trará nenhuma despesa para os senhores (as), nem para seus (suas) filhos (as) e todos os recursos utilizados serão gratuitos. Bem como, vossas senhorias e vossos filhos (as) não receberão nenhuma espécie de pagamento para participarem deste estudo.

**Nome:** Karla Renata de Aguiar Muniz

**Instituição:** Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação – FACED

**Endereço:** Rua Waldery Uchôa, 01 – Benfica, Fortaleza – CE, 60020-110

**Telefones para contato:** (85) 3366-7663

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 – Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e pelo acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas, envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ anos, RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Quixadá, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2021

\_\_\_\_\_/Data: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Pais/responsáveis

\_\_\_\_\_/Data: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Adolescente

\_\_\_\_\_/Data: \_\_\_\_\_ Assinatgura \_\_\_\_\_

Karla Renata de Aguiar Muniz

Nome do pesquisador

\_\_\_\_\_/Data: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Nome da testemunha 1

\_\_\_\_\_/Data: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Nome da testemunha 2

(se o voluntário não souber ler,

Nome do profissional  
que aplicou o TCLE)

## APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Caro participante,

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: **“Práticas educativas digitais no *Facebook* e formação de identidade: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará.”** A pesquisa objetiva compreender as práticas educativas no *Facebook* influenciadoras da formação identitária de discentes adolescentes em uma escola pública estadual do interior do Ceará. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a percepção de que a utilização cada vez mais crescente da internet e das redes sociais, sobretudo o *Facebook*, pode influenciar na vida e na formação da identidade de adolescentes, expondo algumas nuances comportamentais do mundo virtual ao real, o que requer novas e inovadoras práticas educativas para o desenvolvimento como pessoa e para o devido processo de ensino-aprendizagem. Para a construção deste estudo adotaremos os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa exploratória de abordagem qualitativa/quantitativa com o método técnico da pesquisa participante, com emprego das técnicas da observação e da entrevista e do instrumento do questionário aberto.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador

(a) que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo não apresenta risco mínimo algum. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Quixadá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Endereço d(os, as) responsável (is) pela pesquisa:

**Nome:** Karla Renata de Aguiar Muniz

**Instituição:** Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação - FACED

**Endereço:** Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110

**Telefones para contato:** (85) 3366-7663

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.